

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS  
UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GESTÃO EDUCACIONAL  
MESTRADO PROFISSIONAL

ROSANA SOARES NUNES

PRIMÓRDIOS DA EDUCAÇÃO FORMAL EM CAPIVARI DO SUL NAS DÉCADAS DE  
1950/1960: MEMÓRIAS DE COTIDIANOS, POLÍTICAS E GESTÃO.

PORTO ALEGRE

2015

Rosana Soares Nunes

PRIMÓRDIOS DA EDUCAÇÃO FORMAL EM CAPIVARI DO SUL NAS DÉCADAS DE  
1950/1960: MEMÓRIAS DE COTIDIANOS, POLÍTICAS E GESTÃO

Dissertação apresentada como requisito parcial para  
obtenção do título de Mestre, no Programa de Pós-  
Graduação em Gestão Educacional da Universidade  
do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS.

Área de concentração: Gestão Educacional

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Beatriz T. Daudt Fischer

Porto Alegre

2015

N972p Nunes, Rosana Soares

**Primórdios da educação formal em Capivari do Sul nas décadas de 1950/1960 : memórias de cotidianos, políticas e gestão / por Rosana Soares Nunes. – 2015.**

106 f.: il., 30 cm.

Dissertação (mestrado) — Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Gestão Educacional, 2015.

Orientação: Profa. Dra. Beatriz T. Daudt Fischer.

Catálogo na Fonte:  
Bibliotecária Vanessa Borges Nunes - CRB 10/1556

Rosana Soares Nunes

PRIMÓRDIOS DA EDUCAÇÃO FORMAL EM CAPIVARI DO SUL NAS DÉCADAS DE  
1950/1960: MEMÓRIAS DE COTIDIANOS, POLÍTICAS E GESTÃO

Dissertação apresentada como requisito parcial  
para obtenção do título de Mestre, no  
Programa de Pós-Graduação em Educação em  
Gestão Educacional, Universidade do Vale do  
Rio dos Sinos – UNISINOS.

Aprovada em \_27\_\_/\_03\_\_/\_2015\_\_

BANCA EXAMINADORA

---

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Beatriz Terezinha Daudt Fischer – Orientadora

---

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Luciane Sgarbi Santos Grazziotin – Universidade do Vale do Rio dos Sinos

---

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Patrícia Weiduschadt – Universidade Federal de Pelotas

Dedico este trabalho ao meu filho Érico e a todos e todas que acreditam que o verdadeiro valor da educação está nas marcas que as relações estabelecidas deixam ao longo de toda uma existência e, quem sabe, para além dela.

## AGRADECIMENTOS

Ao Universo agradeço pela vida e pelas oportunidades de evolução e crescimento.

Ao meu filho, Érico, pela paciência com as minhas ausências, pelo carinho que demonstra e pela parceria em todas as horas.

Ao meu pai, Antônio Carlos, pela inspiração, pelo exemplo, pela confiança e pelo amor ao nosso Capivari.

À minha mãe, Cleuza, pelo amor, pela confiança no meu potencial, pelas milhares de velas acesas e pelas leituras de todos meus trabalhos escritos até hoje.

Ao meu irmão, Eduardo, que só vai estudar até onde eu estiver estudando, minha eterna responsabilidade de ser exemplo.

Pelo apoio da minha forte Vó Delina, que conta orgulhosa sobre o curso de mestrado sem saber muito bem do que se trata.

À supervisora, colega, amiga, comadre, irmã do coração, Tatiane, pelo colo, pela amizade e incentivo.

À minha mais que especial orientadora, Bea, que sempre soube entre o carinho e a firmeza usar as palavras adequadas.

À professora Luciane Grazziotin, pela acolhida nas aulas de Prática de Pesquisa na Unisinos de São Leopoldo.

À professora Patrícia Weiduchadt, pela leitura atenta e sugestões.

Aos professores que passaram pela minha vida desde a Educação Infantil, que tiveram igual importância na construção do meu caráter e do meu conhecimento.

Aos colegas de mestrado, em especial à amiga Sandra, parceira e amiga.

À Prefeitura Municipal de Capivari do Sul, pela bolsa de estudos.

Aos entrevistados que confiaram a mim suas histórias.

Ao Júnior, mais recente e grata presença na minha vida, por me devolver a cor e o brilho das coisas mais simples.

A todos, meu muito obrigado.

O passado não é aquilo que passa, é aquilo que fica do que passou.

Alceu de Amoroso Lima

## RESUMO

O trabalho traz à tona memórias de sujeitos que, nas décadas de 1950 e 1960, foram alunos e professores na escola rural pioneira em termos de educação formal de crianças no município de Capivari do Sul/RS. Através do registro de narrativas, buscou perpetuar algumas das muitas versões acerca de experiências vividas pelos sujeitos envolvidos naquele contexto escolar. A partir da História Oral, o estudo mobilizou alguns conceitos relativos à memória, enfatizando que fatos narrados não são efetivamente descritos como de fato aconteceram, já que é impossível sua plena reconstituição. O corpo do trabalho está disposto em cinco partes. A primeira busca contextualizar o cenário das narrativas; a segunda e a terceira partes abordam sobre o campo teórico, memória e história oral, explicitando também questões metodológicas da entrevista. Como quarto e o quinto capítulos articulam-se narrativas orais ao referencial teórico e metodológico, a partir de algumas categorias de análise. A investigação trouxe à tona similaridades e discrepâncias sobre os mesmos assuntos narrados, o que confirma a ideia de teóricos que tratam do tema memória: ela é matéria de eterna modificação conforme as experiências vividas, agora rememoradas por cada depoente. O trabalho com narrativas orais exige a clareza da sua não linearidade e a convicção de que a memória é sempre entrelaçada de lembranças e esquecimentos, sendo seletiva, falível e, por vezes, até fantasiosa. Deste modo, a análise de narrativas orais não dispensa o crivo e o filtro do historiador e, assim como qualquer outra fonte, exige rigor metodológico. O estudo permitiu desvelar aspectos significativos do percurso educacional do município de Capivari do Sul, destacando-se aspectos peculiares das políticas educacionais naquela localidade, bem como questões de gênero e de cultura escolar.

**Palavras-chave:** Gestão. Políticas educacionais. Capivari do Sul/RS/Brasil. Memória. História Oral.

## ABSTRACT

The work brings up subjects of memories that, in the 1950s and 1960s, were students and teachers in rural school pioneer in terms of formal education of children in the municipality of Capivari do Sul/RS/Brasil. Through the narrative record, sought to perpetuate some of the many versions about experiences lived by the subjects involved in that school context. From the Oral History, the study mobilized some concepts related to memory, emphasizing that the facts narrated are not effectively described as indeed happened, since it is impossible the reconstruction at all. The work of the body is arranged in five parts. The first seeks to contextualize the scene of the narrative; the second and third parts deal on the theoretical field, memory and oral history, explaining also methodological issues of the interview. As the fourth and fifth chapters articulate oral narratives to theoretical and methodological framework, from some categories of analysis. The investigation brought to light similarities and discrepancies on them narrated issues, confirming some theoretician's idea who deal with the subject memory: it is a matter of eternal modification as the experiences, now recollected by each interviewed. Working with oral narratives requires the clarity of its nonlinearity and the belief that memory is always crossed with memories and forgetfulness, being selective, fallible and sometimes even fanciful. Thus, the oral narratives analysis not release the sieve and filter historian and, like any other source requires methodological rigor. The study allowed to reveal significant aspects of the educational route in the city of Capivari do Sul, highlighting specific aspects of education policies in that area, as well as gender and school culture issues.

**Keywords:** Management. Educational policies. Capivari do Sul/RS/Brasil. Memory. Oral history.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1 - Capivara: animal típico da região e que deu origem ao nome do município.....	14
Imagem 2 – Leito do Rio Capivari.....	15
Imagem 3 - Atual entroncamento: Rótula das estradas estaduais RST 101 e RS 040 em Capivari do Sul.....	16
Imagem 4 - Localização de Capivari em relação ao país.....	17
Imagem 5 - Localização de Capivari do Sul no Rio Grande do Sul.....	17
Imagem 6 - Mapa de Capivari do Sul.....	18
Imagem 7 - Visita de Leonel Brizola a Capivari do Sul em 1958.....	19
Imagem 8 - Professora Manoela e sua turma em 1963.....	20
Imagem 9 - Casamento de Abraão e Elzira, década de 1940.....	24
Imagem 10 - Filhos de Abraão Nunes na casa dos avós em Osório.....	25
Imagem 11 - Construção da primeira puxada d'água para irrigação da lavoura de arroz.....	27
Imagem 12 - Visita oficial de Walter Peracchi de Barcellos na inauguração da energia elétrica em Capivari.....	28
Imagem 13 - Abraão Nunes, aos 80 anos, 1999.....	29

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>12</b>
<b>2 QUE CAPIVARI É ESSE?.....</b>	<b>14</b>
<b>2.1 Abraão Nunes: para entender o começo do começo.....</b>	<b>22</b>
<b>3 ESCOLHENDO AS LENTES.....</b>	<b>30</b>
<b>3.1 Construindo a investigação.....</b>	<b>33</b>
<b>3.2 Aprofundando o referencial teórico.....</b>	<b>34</b>
3.2.1 A entrevista e a produção do documento em história oral.....	34
3.2.2 História oral.....	39
3.2.3 Memória.....	42
<b>4 METODOLOGIA.....</b>	<b>46</b>
<b>5 PROCESSO ANALÍTICO.....</b>	<b>49</b>
<b>5.1 Beatriz, ex-professora.....</b>	<b>49</b>
<b>5.2 Gessi, ex-aluna.....</b>	<b>53</b>
<b>5.3 Salvador, ex-aluno.....</b>	<b>58</b>
<b>5.4 Manoela, ex-aluna.....</b>	<b>62</b>
<b>5.5 Antônio Carlos, ex-aluno.....</b>	<b>67</b>
<b>6 UNIDADES DE ANÁLISE.....</b>	<b>72</b>
<b>6.1 Gênero.....</b>	<b>72</b>
<b>6.2 Políticas de Gestão.....</b>	<b>73</b>
<b>6.3 Cultura Escolar.....</b>	<b>75</b>
<b>7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>78</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>80</b>
<b>APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....</b>	<b>82</b>
<b>APÊNDICE B - ROTEIRO DE ENTREVISTA COM EX ALUNOS.....</b>	<b>83</b>
<b>APÊNDICE C - ROTEIRO DE ENTREVISTA COM EX PROFESSORES.....</b>	<b>84</b>
<b>APÊNDICE D - ENTREVISTA REALIZADA COM EX ALUNO.....</b>	<b>85</b>
<b>APÊNDICE E – ÁRVORE GENEALÓGICA FAMÍLIA NUNES.....</b>	<b>104</b>
<b>APÊNDICE F – MAPA DO CAPIVARI VELHO.....</b>	<b>105</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Para iniciar esta dissertação se faz necessário um pequena introdução que permita ilustrar como cheguei até o tema de pesquisa, uma vez que não há neutralidade nas escolhas que se faz ao longo da vida, inclusive quando se trata de um trabalho acadêmico.

Nasci e morei com meus pais em Capivari, na época distrito do município recém-emancipado, Palmares do Sul. Capivari era tão pequeno que era chamado de “Entroncamento” por ficar no cruzamento da estrada que vai da capital do Estado para as praias e da estrada que vai de Osório a Mostardas.

Meu pai trabalhava, como todo o resto da família e dos moradores do minúsculo Capivari, nas granjas arroteiras e minha mãe cuidava dos afazeres de casa. Meu pai sempre foi muito esclarecido, uma pessoa que acredita que nunca se chega a lugar algum sem ter estudo. Mesmo tendo frequentado apenas até o antigo ginásio, sabe de geografia e história mais do que muitos professores que tive nesta área puderam me ensinar.

Com ele aprendi que menos que a nota máxima numa avaliação não é satisfatório, aprendi que estudar é bom para a alma e para o coração, além de te dar oportunidades melhores de vida. Ouvi incontáveis histórias do tempo em que ele e seus fiéis amigos e colegas foram os pioneiros da educação de Capivari, uma vez que fizeram parte como alunos das primeiras turmas de uma educação formal no então distrito de Osório.

Até definir o meu objeto de pesquisa, tive interesses variados, todos eles voltados a colaborar com a realidade do meu município. Conversando com meu pai sempre pude perceber o amor que ele tinha pela sua escola de infância, ouvi histórias deste tempo sempre com muito interesse, mas nunca pude ler nada porque não há nenhum registro sobre este tempo em Capivari.

Sempre gostei de histórias, reais ou anedotas, adoro conversar com pessoas mais velhas e compreender como se vivia antes, quais costumes, quais rotinas, quais diferenças. Em festas de família ou eventos sociais fico sempre junto dos idosos puxando conversas sobre sua juventude, escola, namoros ou qualquer outra coisa, pois a memória deles me diverte, a poesia com que falam de tempos antigos me apaixona. Mas nunca pensei que isso pudesse se tratar de pesquisa, nunca pensei que a universidade pudesse se interessar pelas memórias destes capivarienses...

Desde o início do mestrado estava focada em realizar uma pesquisa que fosse realmente útil para o crescimento do meu município, não só pelo fato de que este município é quem financia meus estudos, mas pelo compromisso ético assumido. Na minha ânsia de

realizar um trabalho excepcionalmente útil e grandioso, as minhas dúvidas só aumentavam. Estava decidida a trabalhar com uma temática mais voltada à legislação quando me deparei com o fato que mudaria o rumo da minha pesquisa.

Em uma aula de Metodologia da Pesquisa com a Professora Beatriz Fischer, que mais tarde veio a ser minha orientadora, fomos desafiados a procurar as partes principais de um projeto de pesquisa em outros trabalhos. Nesta feita me coloquei a analisar dois projetos: um deveras semelhante ao que eu desejava naquele momento e outro totalmente transgressor para a minha parca visão de pesquisadora. Enquanto no primeiro eu encontrava claramente todos os pontos aprendidos em aula, no segundo nem conseguia imaginar o que viria em cada capítulo, visto a criatividade dos títulos. Porém, a dimensão um tanto poética do segundo me emocionou, me prendeu, me fez querer saber quem era aquela pesquisadora, de onde ela falava, o que ela pôde descobrir.

Neste dia não percebi, mas estava me enamorando. O trabalho com a memória me encantou. Então fiquei apreensiva, como diria que mudei de ideia tão rapidamente? Mas estive tranquila em saber que estava nas mãos, ou talvez de mãos dadas, com uma orientadora que, mais do que ninguém, poderia me guiar por estes novos caminhos que decidi percorrer.

Sendo assim, decidi pesquisar sobre o início da escolarização formal no “Capivari Velho”, na época distrito de Viamão. Para tal, decidi ouvir histórias de alguns professores e alunos da época para auxiliar no registro das muitas histórias de educação iniciada nos anos 1950 em Capivari do Sul.

Conforme referido de início, reafirmo a não neutralidade da escrita aqui realizada. Pesquiso e escrevo de um lugar e sob determinadas condições. Sou professora, sou natural do município, sou filha de um aluno desta escola pesquisada, e estas condições me fizeram escolher este tema e me puseram totalmente implicada com a pesquisa, exigindo um distanciamento epistemológico do objeto de estudo.

A inquietação que me moveu a pesquisar sobre esses indivíduos que viveram esta experiência escolar não está diretamente relacionada com algum fato excepcional de suas vidas. Não era, de maneira nenhuma, este o meu objetivo. Mediante narrativas de pessoas comuns que viveram essa experiência educacional na Escola Santa Isabel enquanto professores ou alunos meu objetivo era trazer à tona suas memórias de escola.

Mediante a possibilidade de compreender versões dos primórdios da educação formal do município de Capivari do Sul através dos relatos memorialísticos de seis indivíduos, fui me embrenhando nos emaranhados de emoções relatadas e podendo vislumbrar alguns aspectos da educação de um tempo e de um espaço não conhecidos por mim.

Com essa perspectiva de pesquisa, o texto dessa dissertação foi disposto em cinco capítulos, iniciando com um panorama sobre o município de Capivari do Sul, seguindo com os passos que constituíram a investigação proposta e os referenciais teórico-metodológicos que embasaram a pesquisa no segundo capítulo, no terceiro capítulo a metodologia é abordada. Já no quarto e quinto capítulos, se faz a análise das narrativas, primeiramente de cada entrevista individualmente e, em seguida, análise referente às categorias de análise escolhidas para balizar a reflexão.

Longe de acreditar que a totalidade dos primórdios da educação formal de Capivari do Sul tenha sido enfocada nessa pesquisa, tenho a consciência que este estudo é resultado de opções feitas durante todo processo de pesquisa, desde escolha do tema, seleção dos sujeitos a serem entrevistados, opção teórico-metodológica até as análises e escrita final. Fica evidente a cada página que este trabalho está totalmente atravessado por subjetividades, como não poderia ser diferente em se tratando de uma pesquisa na área das ciências humanas.

Nessa perspectiva, a pesquisa ora apresentada tem a pretensão de contribuir para o registro de parte da história dos primórdios da educação dita formal em Capivari do Sul e, mais especificamente da hoje denominada Escola Santa Isabel. O objetivo principal da pesquisa é trazer à tona memórias de sujeitos que foram alunos e professores nessa escola rural, pioneira na educação formal de crianças em Capivari do Sul. Como objetivos específicos a pesquisa procurou contextualizar o cenário das narrativas no tempo e no espaço, registrar as narrativas orais e analisá-las à luz de alguns referenciais advindos da História da Educação, verificando possíveis relações entre políticas e práticas de gestão educacional, questões de gênero e de cultura escolar. Como produto final, divulgar junto à comunidade capivarense os resultados do estudo para, quem sabe, sair da invisibilidade, auxiliando a compreender a educação atualmente realizada neste município.

## 2 QUE CAPIVARI É ESSE?

Capivari do Sul é um município brasileiro do estado do Rio Grande do Sul. A origem do nome de Capivari do Sul refere-se ao rio que banha a região. Ele nasce após o Banhado do Quilombo e deságua na Lagoa Capivari. A denominação de Capivary foi dada pelos indígenas e significa Rio das Capivaras, devido presença destes animais na região. A expressão "do Sul" foi acrescentada para diferenciá-lo de outro município brasileiro, que também possui o nome Capivari.

Imagem 1 - Capivara: animal típico da região e que deu origem ao nome do município



Fonte: Disponível em: [http://oglobo.globo.com/fotos/2011/11/04/04\\_MHG\\_tur\\_ford7.jpg](http://oglobo.globo.com/fotos/2011/11/04/04_MHG_tur_ford7.jpg). Acesso em: 12 mai. 2015.

Em 09 de Setembro de 1980, pela Lei n° 1.752, foi criado o Distrito de Capivari, sancionada por Jorge Dariva, Prefeito Municipal de Osório, constituindo-se parte pelos distritos de Passinhos e Palmares. A emancipação de Capivari do Sul ocorreu em 28 de dezembro de 1995, sob a Lei Estadual n° 10.634, sancionada pelo governador Antonio Brito. Distrito criado com a denominação de Capivari, pela Lei Municipal n.º 1.752, de 09/09/1980, subordinado ao município de Osório.

Pela Lei Estadual n.º 7.654, de 12/05/1982, o distrito de Capivari foi transferido do município de Osório para o novo município de Palmares do Sul, então emancipado.

Elevado à categoria de município com a denominação de Capivari do Sul, pela Lei Estadual n.º 10.634, de 28/12/1995, desmembrado dos municípios de Osório e Palmares do Sul. Sede no atual distrito de Capivari do Sul (ex-localidade de Capivari). Constituído de três distritos: Capivari do Sul, Rancho Velho e Santa Rosa, todos desmembrados de Palmares do Sul. Instalado em 01/01/1997.

As etnias predominantes são italianos, espanhóis, alemães, negros e principalmente portugueses. A tradição açoriana foi marcada através do linguajar, das lidas domésticas, gastronomia, crenças religiosas, ditos populares, festas, danças e agricultura.

Capivari do Sul é um município de pequeno porte que tem 412,80 Km<sup>2</sup> de área e a população de 3890 habitantes, totalizando 9,42 habitantes/km<sup>2</sup>, segundo o Censo Demográfico de 2010. Ainda segundo o Censo, 3319 habitantes do município são alfabetizados.

Também é tido como marco histórico da Revolução Farroupilha<sup>1</sup> o Rio Capivari, devido à passagem de Giuseppe Garibaldi com suas tropas em 1839, por onde os Lanchões Seival e Farroupilha puderam sair da Lagoa dos Patos e alcançar o Rio Tramandaí por terra puxados por juntas de bois, seguindo então por mar até Laguna, no Estado de Santa Catarina.

Imagem 2 – Leito do Rio Capivari



Fonte: Disponível em: <http://riocapivarimeioambiente.blogspot.com.br/>. Acesso em: 12 mai. 2015.

---

<sup>1</sup> A Revolução Farroupilha aconteceu no Rio Grande do Sul e foi a mais longa guerra civil da história brasileira, durando de 1835 até 1845, foram dez anos de batalhas entre Imperialistas e Republicanos, os primeiros defendiam a manutenção do império e os segundos lutavam pela proclamação da república brasileira. Disponível em: <http://www.historialivre.com/univerzo/gaucho.htm>. Acesso em: 12 mai. 2015.

Passados 175 anos deste feito, a população local ainda revive esta história através de projetos que reúnem arte e conhecimento, com destaque para “A Saga De Giuseppe Garibaldi em Capivari”, teatro no qual cerca de 300 moradores são os atores e que ocorre a cada dois anos durante a *Expofeira*, que é uma feira agroindustrial regional.

O relevo é composto de planícies, com altitudes de 14 metros em relação ao nível do mar. Seu clima predominante é o subtropical. Como característica típica da região sul, tem as quatro estações do ano bem definidas. A vegetação nativa é rasteira, podendo em seus campos serem encontradas figueiras, taquareiras, aroeiras, cinamomos e maricás. O município é banhado pela Lagoa das Palomas, pelo Banhado dos Nunes e pelo Rio Capivari.

A economia do município baseia-se no plantio, indústria e comércio de arroz irrigado; plantio, indústria e comércio de madeira, pinuseliotis e eucalipto; criação e comércio de ovinos, bovinos, equinos e piscicultura.

Capivari do Sul está localizado no entroncamento das rodovias RSC 101, principal rodovia de escoamento econômico do Mercosul, interligando o norte ao sul do país, e a ERS 040, que liga a Região Metropolitana ao Litoral Norte do Estado. O município fica a 78 quilômetros de Porto Alegre.

Imagem 3 - Atual entroncamento: Rótula das estradas estaduais RST 101 e RS 040 em Capivari do Sul



Fonte: Disponível em: <http://www.radioosorio.com.br/ci/olhar/lista/770>. Acesso em: 12 mai. 2015.

Imagem 4 - Localização de Capivari em relação ao país



Fonte: Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Capivari\\_do\\_Sul#/media/File:Brazil\\_location\\_map.svg](https://pt.wikipedia.org/wiki/Capivari_do_Sul#/media/File:Brazil_location_map.svg).

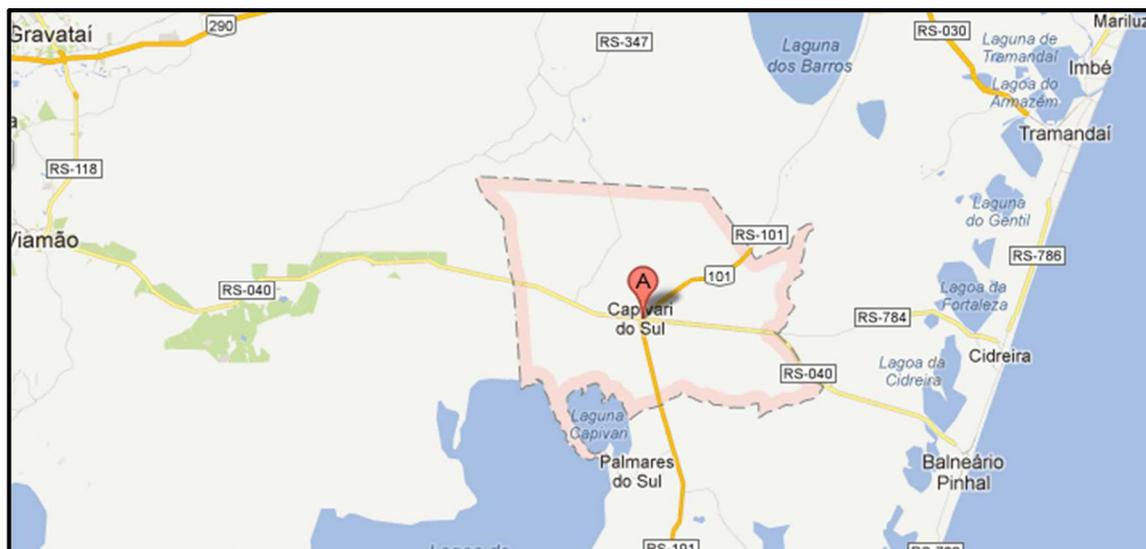
Acesso em: 12 mai. 2015.

Imagem 5 - Localização de Capivari do Sul no Rio Grande do Sul



Fonte: Disponível em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Capivari\\_do\\_Sul](http://pt.wikipedia.org/wiki/Capivari_do_Sul). Acesso em: 12 mai. 2015.

Imagem 6 - Mapa de Capivari do Sul



Fonte: Disponível em: <http://www.camaracapivaridosul.rs.gov.br/sobre-o-municipio>. Acesso em: 12 mai. 2015.

O que se conta na cidade é que, nos idos de 1950, Capivari localizava-se depois da ponte do Rio Capivari, na estrada hoje chamada RS040, e pertencia ao município de Viamão não se situando no mesmo local de agora. Neste tempo o local que é hoje sede do município de Capivari do Sul chamava-se de “Entroncamento” e era distrito do município de Osório. Chama-se assim em função do cruzamento das estradas RS040(Porto Alegre-Praias) e da RST101 (Osório-Mostardas).

Sendo assim a população era vinculada a produção de arroz e em sua maioria morava perto das lavouras, no antigo Capivari, próximo ao Rio e poucas famílias moravam no Entroncamento.

A história que quero registrar começa no Capivari Velho, como se refere meu pai, falando do povoado formado pelos empregados das lavouras de arroz daquele tempo e suas famílias. Começa pelo senhor Armando, que junto com seu irmão Armênio eram os mais prósperos lavoureiros da época. Este senhor Armando e sua esposa Otília tinham, na década de cinquenta do século XX, dois filhos com idade escolar e desejavam que os mesmo tivessem uma professora particular a fim de prepará-los nos conteúdos referentes ao 1º até o 4º ano para que pudessem prestar exame de admissão no internato do Colégio Santa Teresinha, em Santo Antônio da Patrulha, uma vez que não havia escolas na região de Capivari.

Dessa forma, Senhor Armando vai até Osório e contrata a moça Elzira Sefrin, para que a mesma ministrasse aulas para seus dois filhos. No início a professora Elzira, que morava na casa da família do Senhor Armando, dava aula apenas para os dois meninos, os filhos do

patrão. Os filhos dos empregados seguiam em sua maioria analfabetos ou de “poucas letras” as quais haviam aprendido em escolas de outras localidades das quais fossem originários.

Com o passar do tempo, a sociedade dos irmãos Armando e Armênio decidiu dar uma pequena “bolante” (casa de madeira com rodas que serve de moradia na lavoura de arroz para épocas de plantio, irrigação e colheita e é puxada pelo trator = volante) e remunerar uma professora para que ministrasse aulas também aos filhos dos empregados.

Durante a campanha de Leonel Brizola para governador em 1958, este visitou o Capivari Velho, mais especificamente a escolinha. Acompanhado de Guido Mondim, Hugo Lagranha e Tapir Rocha, colocou sua plataforma de governo pautada na educação e, na oportunidade, prometeu uma escola para Capivari Velho, que foi realmente construída no ano de 1959<sup>2</sup>. Várias professoras leigas foram docentes nesta escolinha que atendia alunos em turmas multisseriadas.

Imagem 7 - Visita de Leonel Brizola a Capivari do Sul em 1958



.Fonte: Acervo da autora, concedida por Lavina Nunes.

---

<sup>2</sup> Em 1958, Brizola, dando continuidade à tradição de alternância político-partidária no poder do Estado do RS, é eleito governador, através da aliança PTB+PSP+PRP. Em termos quantitativos, a gestão de Leonel Brizola (1950-1962) destaca-se sobremaneira no campo educacional. Sob o slogan *Nenhuma criança sem escola*, desenvolve-se o programa *Duas mil escolas em dois anos*, e os dados estatísticos alteram-se visivelmente: o quadro de professores primários estaduais passa de 8.785 em 1958, para 21.156 em 1961 (Revista do Ensino, p. 6-20, mai./61 apud FISCHER, 2005, p. 82).

Imagem 8 - Professora Manoela e sua turma em 1963



Fonte: Acervo da autora, concedida por Lavina Nunes.

Paralelamente a esta história, por volta de 1960, um senhor chamado Paulino cede um terreno com uma instalação também simples no Entroncamento, para que as crianças deste local pudessem estudar. Reunidos também em classes multisseriadas, esta escola foi a precursora da escola estadual que existe hoje em Capivari do Sul (EEEM Arthur da Costa e Silva). Esta escola do Entroncamento, inicialmente denominada Escola Isolada, foi depois reconhecida como Escola Rural Isolada, hoje vindo a tornar-se Escola Estadual de Ensino Fundamental Arthur da Costa e Silva.

Segundo relatos narrados nas entrevistas, as instalações eram inicialmente cedidas pelo Sr. Paulino, enquanto escola Isolada, depois recebeu as instalações do governo estadual na gestão do Governador do Estado, Leonel Brizola<sup>3</sup>. Neste tempo, já como Escola Rural Isolada, dizem que recebeu prêmios e era muito reconhecida pela qualidade de ensino. As pessoas da época referem-se a ela como uma escola “forte”. Esta qualidade motivou muitas das famílias do Capivari Velho a mudar-se para o Entroncamento para que seus filhos estudassem nesta escola “forte e moderna” que tinha uma sala de aula para cada ano. Muitos

<sup>3</sup> Em termos quantitativos, a gestão de Leonel Brizola destaca-se sobremaneira no campo educacional. Sob o slogan *Nenhuma criança sem escola*, desenvolve-se o programa *Duas mil escolas em dois anos*, e os dados estatísticos alteram-se visivelmente: o quadro de professores primários estaduais passa de 8.785 em 1958, para 21.156 em 1961 (Revista do Ensino, p. 6-20, mai./61apud FISCHER, 2005, p. 82). Sobre o tema vale ver também *Marcas do Tempo: imagens e memórias das brizoletas* (QUADROS, 2015).

dos alunos que vieram da escolinha do Capivari Velho reprovaram quando começaram a estudar nesta escola do Entroncamento.

Com o tempo, o antigo Entroncamento passou a chamar-se Capivari, como distrito de Osório. Houve um tempo em que a Escola Rural de Capivari tinha em torno de 200 alunos e atendia desde o 1º ano do primário até a admissão. Os alunos que aprovavam no exame de admissão precisavam cursar o ginásio em Palmares, distante 11 quilômetros de Capivari. Esta realidade durou alguns anos até que a Escola Rural de Capivari atendeu até o fim do ginásio.

Para colaborar com a contextualização daquele que lê esta pesquisa, um dos sujeitos entrevistados gentilmente produziu um mapa, conforme sua memória, referente às décadas de 1950/1960 com os principais pontos referenciados nesta investigação. Antônio Carlos também produziu uma espécie de árvore genealógica da família Nunes para facilitar a compreensão do parentesco desta família que interferiu no transcorrer da narrativa aqui registrada. No apêndice E e F se encontram o referido mapa e a árvore genealógica a fim de auxiliar na compreensão da entrevista de Antônio Carlos, e dos demais entrevistados que citaram com frequência pessoas da família Nunes.

Hoje Capivari do Sul conta com uma rede de educação municipal que atende desde o berçário até o ensino fundamental completo, distribuídos em três escolas municipais, todas elas muito bem equipadas e organizadas. Na sede do município há uma escola estadual que atende toda educação básica, desde educação infantil até o ensino médio. A rede municipal tem cerca de 700 alunos e a escola estadual atende por volta de 600 alunos, deste total alguns alunos não são moradores de Capivari do Sul, mas recorrem às escolas em função da sua reconhecida qualidade na comunidade.

## **2.1 Abraão Nunes, para entender o começo do começo**

*Eu não sou nesse caso a melhor pessoa, a minha memória é daquilo que me contam (Entrevista com Eloísa Nunes, 2014).*

Assim que decidi falar sobre o “Capivari Velho”, lamentei não poder falar com o Senhor Abraão Nunes, falecido em 2003. Figura importantíssima para o desenvolvimento de Capivari, e que através da pesquisa soube que também o fora para a educação. Deste modo, contatei sua filha Eloísa para que esta pudesse relatar um pouco da vida de seu pai e pensando que estes dados poderiam até nem ser úteis para a pesquisa a ser realizada. Tão válidas foram

as memórias narradas que resolvi falar de que Capivari se trata através da narrativa de Eloísa Sefrin Nunes de Oliveira.

Segundo Eloísa, Abraão Nunes veio de Osório para Capivari com 16 anos e como era uma família numerosa e seus pais estavam doentes, resolveram fixar residência nas margens do rio Capivari para que os filhos mais velhos pudessem empregar-se nas lavouras. Abraão iniciou trabalhando num armazém, mas aos poucos foi se tornando mecânico de máquinas agrícolas.

Pediram emprego para o senhor Armando Nunes para o meu pai que tinha 16 anos para ele trabalhar na venda, como eles chamavam, num armazém de grãos que eles tinham e que abastecia as fazendas mais próximas. Seu Armando, pai do Zuzu e do Nandinho. Então, meu pai trabalhava no armazém com eles, mas sempre foi muito louco por mecânica, e dali ele começou a trabalhar com os primeiros tratores que apareceram, e todo mundo gostou do trabalho dele e começaram a chamar ele. Então ele fazia a parte mecânica, é claro que para o seu Armando e Seu Armênio Nunes, e fazia também para Sr Heitor e para seu Álvaro Nunes, então ele fazia para esses quatro, ele fazia a parte mecânica. Todos gostavam do trabalho dele e davam todos tratores para ele fazer.

Os pais de Abraão Nunes morreram no período que os filhos ainda em jovens, desta forma os mais novos ficaram morando com as irmãs mais velhas que já haviam constituído família. Os mais velhos foram se arranjando na vida. Abraão ficou um tempo morando com a irmã Emília, depois foi morar sozinho nas dependências da oficina dos donos da fazenda. “Os anos foram passando meus avós morreram e o meu pai ficou morando nos fundos da casa da dona Otília e do seu Armando”.

Enquanto moravam em Osório, Abraão e seus irmãos puderam estudar um pouco. Alguns terminaram o primário, outros apenas se alfabetizaram. Chegando em Capivari precisam trabalhar e sustentar a família que teve um situação financeira muito confortável. “Ele tinha feito o primário, até o quinto ano no grupo General Osório, mas era muito inteligente. Dava muito valor a quem era letrado, estudado, como ele dizia”.

Havia a prática de contratar professoras para que ensinassem em casa as crianças em idade escolar naqueles locais onde não havia escolas, como era a realidade em Capivari naquele momento. Deste modo os donos da fazenda providenciaram a chegada de uma professora para preparar seus filhos.

Quando o Zuzu e o Nandinho estavam na hora de aprender alguma coisa, estavam com, se não me engano, com uns oito anos. Eles não liam nada, nada ainda. Seu Armando e dona Otília foram a Osório para contratar uma professora para alfabetizar eles em casa para eles, essa professora era minha

mãe, então a mãe veio para Capivari muito recomendada pelo pai dela que trouxe ela até a estação de ferro em Passinhos, aí ele voltou e a dona Otília pegou a mãe de carreta de boi e trouxe a mãe para a casa dela.

A moça Elzira veio para Capivari alfabetizar os filhos de Armando e Otília. Jovem normalista, formou-se professora na sua cidade natal, Osório, de onde foi cuidadosamente embarcada no trem pelo seu pai. Na estação do trem em Passinhos, Dona Otília a aguardava numa carreta de bois para que viessem nesse transporte até a fazenda em Capivari. Elzira ficou morando na residência desta família e sob seus cuidados.

A minha mãe deveria ter uns 21, 22 anos e a mãe preparou eles para, em dois três anos, tudo o que eles precisavam para concorrer ao provão para entrar no colégio Santa Teresinha, no internato em Santo Antônio, seria como admissão<sup>4</sup>. Ela preparou eles em casa para prestar prova lá, quem pode te dar bem esses detalhes é o Zuzu. Ela ia de dois em dois meses para Osório, ela morava na casa da dona Otília e preparou eles para esta escola que era um internato, eles iam ficar lá internados, e iam vir lá uma vez que outra para cá porque tinha que pegar trem e ir buscar de carreta de boi em Passinhos para cá, porque de Passinhos o trem ia para Rancho Velho e para Palmares nos trilhos, então quem morava aqui vinha de carreta de boi do trem.

Em Capivari Elzira e Abraão se conheceram, namoraram e casaram. Abraão foi crescendo na carreira de mecânico agrícola.

Então ali a minha mãe e meu pai se conheceram, namoraram, casaram e vieram morar ali perto de onde é a casa da Beth Müller, perto do Heitor, por ali, porque o Heitor viu o potencial do meu pai e disse que queria que o meu pai cuidasse da lavoura dele e dava três quadras de arroz para ele plantar, para ele cuidar dos tratores e da lavoura dele, e a minha mãe então foi morar lá nas terras do Heitor.

---

<sup>4</sup> Até o início da década de 70 (século XX), para ingressar no denominado Ensino Médio, organizado em dois ciclos: ginásial e colegial, abrangendo cursos secundários, técnicos e de formação de professores para o Ensino Primário e Pré-Primário, era necessária aprovação no Exame de Admissão. Identifica-se que a primeira grande ruptura na vida escolar de Maria aconteceu por um dispositivo previsto em legislação. Cabe ressaltar que durante dez anos vigorou a Lei nº 4.024/61, que exigia aprovação no Exame de Admissão para prosseguimento de estudos, requisito eliminado com a Lei nº 5.692/71.

Imagem 9 - Casamento de Abraão e Elzira, década de 1940



Fonte: Acervo de Eloísa Nunes de Oliveira

Os donos da fazenda mantinham boas relações com os funcionários, especialmente com o casal Abraão e Elzira.

Quando ela ficou grávida do primeiro bebê, um mês antes, com oito meses, a dona Otília foi de carreta de boi na casa dela, buscou ela e ficou 60 dias com a mãe em casa. A minha mãe ganhou a Maria Alice dentro da casa dela, a Maria Alice que é afilhada dela, da dona Otília e do seu Armando. O João Oscar é afilhado do seu Álvaro e da dona Nita. A Madalena era afilhada do Armênio e da dona Noemi, porque eram muito próximos, ficou sendo a família do meu pai, porque perdeu os pais muito cedo, e quando ele perdeu os pais os irmãos ficaram assim à deriva, uma aqui, outro ali.

Elzira alfabetizou os filhos mais velhos em casa e assim foi dando aula para eles entre as tarefas domésticas e suas lidas diárias. Abraão foi percebendo que outros funcionários da fazenda não tinham ninguém em casa que pudesse fazer o mesmo, já que a maioria desses funcionários era analfabeto também. Deste modo começou a história da escola Santa Isabel.

Vendo todo aquele trabalho dos outros empregados também com seus filhos, ele foi atrás de uma escolinha para eles, porque eles não tinham poder aquisitivo para buscar uma professora para dar aula. A minha mãe dava para os dela em casa, mas o pai queria pensar nos outros que não tinham e que a minha mãe não se achava apta para dar para todos, cuidar dos filhos

pequenos, dos nenês que eram um atrás do outro, e da casa. A Maria Alice, o João Oscar e a Maria Beatriz tem só um ano de diferença um do outro, ela ganhou três filhos em três anos, então ele foi buscar recurso para fazer uma escolinha e fez tudo sozinho, ele ganhou terreno para fazer a escola, essa da foto, foi lá no meio das lavouras que ele botou a escolinha, começou assim.

Imagem 10 - Filhos de Abraão Nunes na casa dos avós em Osório, da esquerda para direita:

Madalena, Beatriz, João Oscar, Eloísa e Maria. Eloísa (em destaque) entrevistada.



Fonte: Acervo de Eloísa Sefrin Nunes de Oliveira

Além de construir a escola, os empregados dividiam as despesas com o pagamento das professoras até que o poder público assumisse o pagamento e Elzira e Abraão acolhiam as professoras na sua própria casa.

O pai era danado, quando botava uma coisa na cabeça, ele fazia dar certo. E ainda ele que dava poso para as professoras. Eram pagas por eles, eles faziam uma divisão e pagavam as professoras até que o governo, no caso, até que chegou a hora que o governo assumiu de alguma maneira o salário das professoras, mas demorou. Começou na casa do meu pai, e daí depois, assim ó, eu já tinha mais ou menos 4 anos as professoras ainda moravam na casa da minha mãe, elas vinham de Viamão, moravam ali e iam embora no final de semana, mas moravam ali.

Enorme foi a contribuição social da iniciativa de Abraão Nunes e aqueles que aceitaram empenhar esforços com ele na construção da bolante que veio a ser a escola que alfabetizou vários filhos de empregados da Fazenda Santa Isabel. “Eles não tinham noção do

que fizeram, o pai tinha uma alegria tão grande de fazer as coisas, de pensar lá na frente, de imaginar como seria”.

Abraão dava muito valor à educação dos filhos, mudou de residência com a família várias vezes em busca de estudo para os filhos quando estes alcançavam um nível que não existia na localidade.

Tanto é que quando, no mesmo ano que as crianças, os mais velhos, chegaram ao quarto ano, ele deu um jeito de ir embora para Palmares, ele queria dar segmento, não podia pensar em parar, nem como levar, nem isso nem aquilo, ele já tinha carro na época, podia levar... mas não. Comprou um terreno, uma casa, construiu e levou eles para estudar lá. Eles saíram de lá e já entraram no Marquês, para não perder nada eles saíram lá do Fischer que era o único que tinha o ginásio em Palmares e foram direto para o Marquês, que era o colégio Conceição. Daí a gente estudou em Osório para fazer o colegial.

Abraão Nunes era visto como uma pessoa que tinha estratégia, era um visionário. Tanto no campo político, social quanto para os negócios.

Assim como ele tinha a visão grande para educação também tinha uma grande visão para os negócios, foi ele que montou a instalação de água para seu Armênio e para seu Armando, a puxada de água no rio, motores... isso não era comum aqui. Ele montou toda estrutura, desenhou, planejou tudo. Desenhou no chão com uma taquarinha. Calculou a capacidade dos canos, dos motores, o tamanho de polia, o que precisava de carga, tudo. Tudo motor a diesel. Até vim a eletricidade levou muito tempo e essa água passou para o outro lado da estrada banhando as lavouras, foi inovação gigante. Então ele fez isso aí com o conhecimento dele próprio, de ver um motor trabalhando, de ver. Depois quando veio a luz elétrica, vieram os motores elétricos ele estava na frente de novo, ele estava sempre procurando, indo em exposições, visitando lugares que tinham, assim, alguma inovação. Tipo agora Não-metote, como hoje *Expodireto*, também tinha naquela época, muito menores, mas ele ia em todas.

Imagem 11 - Construção da primeira puxada d'água para irrigação da lavoura de arroz, Abraão Nunes (direita) e Erotildes Nichele, década de 1960.



Fonte: Acervo de Eloísa Seffrin Nunes de Oliveira

Durante grande parte da vida, Abraão Nunes exerceu cargos políticos ou esteve envolvido em projetos políticos. Instalação da luz elétrica, criação de escolas e postos de saúde, estradas, cooperativas, emancipação etc.

Na política ele teve direto, sempre, toda a vida, tanto que ele levou a escolinha lá da granja do Capivari Velho com o Brizola. Todos tinham...toda família...aí 'ta' o desafio...toda família Armando, Armênio, eram contra o Brizola, todos, todos, Ney Azevedo, Nabor Azevedo, Ney casou com dona Terezinha, Nabor casou com dona Zeli e eles não queriam que o meu pai estivesse dentro da casa da dona Otília e do seu Armando, tu 'ta' assim gravando, isso é uma coisa que... mas isso é uma coisa que tu vai contar se tu quiser...mas isso eu vou te dizer para tu entender...só pra tu saber o tamanho do desafio do meu pai...ele levou a escolinha com o Brizola contra todos, contra os patrões dele, e 'ta' aqui a foto para provar, aí quando tu me pergunta se ele tinha noção do tamanho e se ele procurava as coisas, aí eu considero que ele estava uns 20 anos na frente do mundo dele, do mundo que estava.

Imagem 12 - Visita oficial de Walter Peracchi de Barcellos, então governador do Estado, na inauguração da energia elétrica em Capivari (Entroncamento), por volta de 1968



Fonte: Acervo de Eloísa Seffrin Nunes de Oliveira

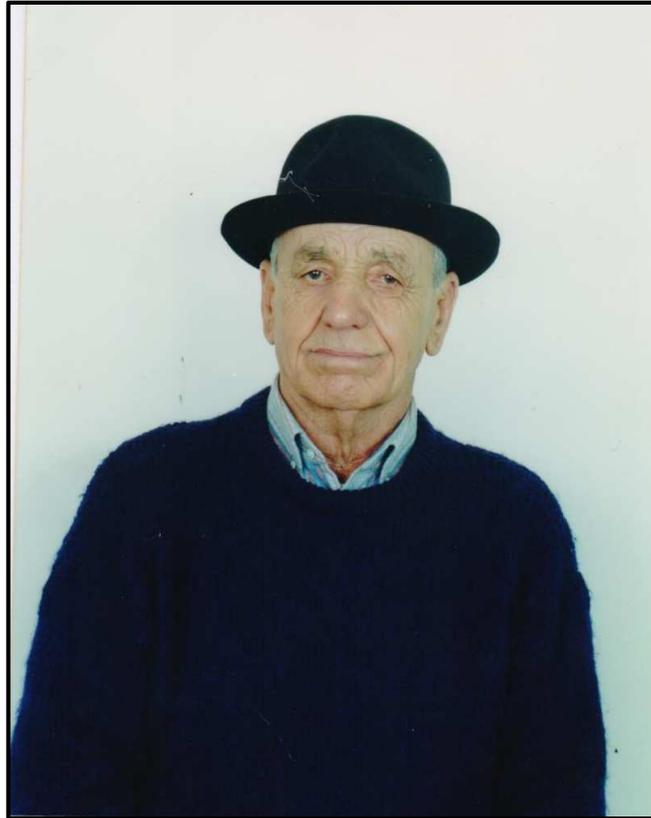
Capivari era uma localidade que ficava nas margens do Rio Capivari, que na época pertencia ao município de Viamão. Com o passar do tempo, alguns moradores começaram a ver as possibilidades de crescimento do “entroncamento”, por estar situado no cruzamento da estrada que leva ao litoral e da estrada que liga Osório ao porto de Rio Grande, por Palmares do Sul e Mostardas. Um desses empreendedores foi Abraão Nunes. De modo gradual o Entroncamento, que pertencia a Osório nesta época, foi crescendo em número de moradores e serviços à comunidade e o Capivari Velho da beira do rio foi ficando sem moradores.

Um dos principais motivos para a mudança das famílias para o Entroncamento foi o fato de ali existir escola que oferecia estudos até o ginásio. Deste modo, os funcionários da Fazenda Santa Isabel e suas famílias mudaram para este povoado, e quem continuava trabalhando fazia o trajeto de seis quilômetros a pé, pois não havia transporte.

Quando ele vendeu a chácara de Palmares e comprou aqui (Entroncamento), eles diziam para ele compadre não faz isso, tu vai quebrar, e ele construiu o primeiro secador de arroz daqui, sendo que os Moraes, pais do Candinho, tinham dinheiro de sobra e não fizeram, os próprios patrões dele levaram anos para fazer. Por que tu vai fazer isso se nós temos a cooperativa? E aqui não tinha nada, ele foi o primeiro para vir, adorava desafios, a estrada era uma picada. Tinha três postos de gasolina mas era só uma estrada.

Deste modo fica clara a representatividade da vida de Abraão Nunes na criação da escolinha, assim como a vinda dos moradores do Capivari Velho para o Entroncamento que deu origem ao atual município de Capivari do Sul. Abraão faleceu em 2003 aos 82 anos.

Imagem 13 - Abraão Nunes, aos 80 anos, 1999



Fonte: Acervo de Eloísa Sefrin Nunes de Oliveira

### 3 ESCOLHENDO AS LENTES

*Entre ler e escrever, algo (se) passa. Buscando a si mesmo, o estudante encontrará, no estudo, a própria inexistência... Estudar (...) Perder-se em uma biblioteca em chamas. Exercitar-se no silêncio. Habitar labirintos. Aprender a ler e a escrever cada vez de novo. Defender a liberdade, a solidão, o desejo que permanece desejo. Não ler nem escrever nunca foi de tal forma que não pudesse ler e escrever de outra maneira. Não perguntar ao que sabe a resposta, nem sequer a essa parte de si mesmo que sabe a resposta, porque a resposta poderia matar a intensidade das perguntas. Fazer com que a perguntas leiam e escrevam. Guardar fidelidade às palavras. Deslizar-se no espaço em branco. Estudar. Sem por quê. Ser a gente mesmo o estudo (LARROSA, 2002, p. XX).*

Esta investigação foi desenvolvida buscando registrar o início da história da educação capivariense, através do olhar daqueles que realmente foram sujeitos desse processo, uma vez que não há registros desta etapa da educação formal no município de Capivari do Sul.

Pesquisar é um ato cheio de subjetividade, uma vez que se investiga aquilo que tem a ver com o que nos inquieta, nos gera curiosidade. Tem que ver mais com prazer, com sentimento de pertencimento. Sarmiento (2003) concorda que se é sempre um pouco nativo dos contextos que se investiga, que a investigação é sempre uma forma de pertença. No meu caso especificamente, me sinto como se fizesse parte da história da comunidade desde os tempos mais remotos e desde os primeiros contatos com entrevistados tive a impressão de ver com meus próprios olhos as memórias narradas.

Ribeiro (1999) reforça esta ideia quando diz que “nada é apenas objeto, porque sempre, de alguma forma, tem a ver intimamente com o sujeito que o está estudando”. Neste sentido, o pesquisador entrega-se às narrativas recolhidas e se vale um pouco da sua imaginação, juntamente com documentos pesquisados para construir uma escrita que além de contar a história que se propõe, possa transmitir os sentimentos suscitados por cada uma dessas memórias.

Não há como imaginar uma pesquisa que tenha tamanho distanciamento que seu produto seja imparcial, seja livre de qualquer posição do pesquisador. Uma vez que a escolha deste tema em detrimento de outro requer uma posição de identificação com as afinidades pessoais e intelectuais do pesquisador com objeto de pesquisa, esta relação pesquisador-pesquisador já demonstra um envolvimento. Esta implicação afetiva não desmerece a pesquisa, não a torna menos científica ou menos distante do rigor formal, ao contrário, possibilita que o pesquisador desenvolva mais ainda seu interesse pela pesquisa, justamente pelo fato de estar envolvido emocionalmente com aquilo que pesquisa.

Inicialmente pensei que ouvir e registrar a história de pessoas simples que fizeram parte deste momento histórico como alunos e professores daquela “bolante”, na lavoura de arroz, é dar voz a estes personagens anônimos esquecidos pela história tradicional. Talvez hoje tenha uma percepção um pouco diferente, entendendo que o trabalho com história oral se propõe a ouvir uma história, sob uma perspectiva, não preocupada com verdades, mas com interesse de ouvir como um determinado evento ou instituição permanece nas memórias de um indivíduo, simples ou de renome social.

Mesmo que entenda a história oral como uma oportunidade de registro de versões de fatos, identifico-me com histórias de atores sociais esquecidos e excluídos pelas investigações de cunho mais tradicional e, embora nunca antes registrada por escrito, reconheço que a transmissão de pai para filho da história de Capivari do Sul sempre deu as posições de destaque para aqueles lavoureiros mais abastados, deixando de lado as perspectivas dos mais humildes. Sempre reforçando o peso dos sobrenomes mais tradicionais, e apenas lembrando de um e outro indivíduo que mostrava algum diferencial que merecesse destaque em algum sentido.

Assim como indaga Bertold Brecht no seu clássico: “Perguntas de um trabalhador que lê” de 1936, fico me perguntando por que meus avós e bisavós, que tiveram um papel também precursor na criação desta comunidade, não aparecem em narrativas ou em homenagens. Eles, e outros tantos, que se colocaram de sol a sol a tornar possível a realidade que vemos hoje na riqueza de famílias de prósperos orizicultores, não deram seus nomes para ruas, parques ou salas públicas. No poema, um operário expressa seu descontentamento por não sentir-se sujeito da História, já que no livro que tem nas mãos só aparecem os nomes de reis.

Amparada em Foucault, que assim como intelectuais do movimento História Cultural, revoluciona “antigas certezas” – rompendo com a concepção de uma História baseada na essência dos fatos, que questiona os conceitos de verdade, de sujeito, de poder, de documento - esta pesquisa também propõe um afastamento de paradigmas pretensamente lineares de se contar uma história. Assim aqui se propõe apresentar narrativas de memórias, a partir de um recorte temporal. Portanto, não há o objetivo de uma reconstrução factual dos acontecimentos.

Para Sarmiento (2003), uma investigação consegue cumprir o que se propõe quando o principal instrumento da investigação é o próprio investigador, investido de seu poder de escuta, de observação, de sensibilidade, e estando disponível para interrogar e recolher opiniões e examinar artefatos produzidos pela ação a ser investigada. Sarmiento traz ainda a fundamental necessidade de aceitar a incompletude do conhecimento, entendendo que é impossível alcançá-lo na sua totalidade e entendendo que uma narrativa não é mera

transposição da realidade acontecida, mas que sobre ela foram feitas seleções, exclusões, recortes e valorização de pontos específicos para cada indivíduo.

Ainda que existam registros através de fotos e documentos, estes estão espalhados nos arquivos privados dos que fizeram parte desta história, nos arquivos de municípios diversos e nas 11ª e 28ª Coordenadorias de Educação do Estado. Sabe-se da existência de recortes de reportagens em jornais da época registrando a inauguração dos estabelecimentos de ensino, através de arquivos privados, mas não foram encontrados arquivos nas sedes dos jornais locais.

Não havendo registro oficial organizado documentando esta trajetória, seria possível reescrever com fidelidade esta história? Que critério se poderá usar para criticar a fidelidade de um documento seja ele oral ou escrito? Como há de crescer uma comunidade sem ter conhecimento de seu passado? Como irão as futuras gerações entender este início da escolarização formal sem nenhum registro escrito e sujeitos-fonte já não estiverem mais entre nós?

Sendo assim, não havia fonte mais completa que a história oral trazida pela memória dos ex-alunos e ex-professores desta época através de entrevistas gravadas, apoiadas pela pesquisa documental disponível.

Desta forma, a relevância perseguida na escolha do tema de pesquisa encontrou uma grande justificativa. Sim, esta investigação tem significativa relevância social, pois servirá de registro histórico de um importante período para o desenvolvimento do alicerce do município de Capivari do Sul.

Do Capivari Velho, ao Entroncamento, continuando como distrito de Osório, depois distrito de Palmares do Sul, até tornar-se município, Capivari do Sul tem muita história para contar, e isto me fez crer na viabilidade investigativa dessa história que começa a constituir-se enquanto uma experiência que merece de registro, que vale a pena ser problematizada academicamente e contada através das memórias de diversos atores sociais.

Em relação à escolha dos sujeitos também foram priorizados aqueles que fizeram parte, enquanto alunos ou professores nas décadas de 1950/1960, da escola do Capivari Velho, uma vez que esta foi a primeira a entrar em funcionamento. Houve situações em que pessoas que estudaram em outras escolas dentro do município me procurarem para contar sua história. Muitas pessoas se interessaram pelo tema e trouxeram fotografias, que infelizmente, não serão usadas nesta pesquisa, mas estão devidamente arquivadas para uma outra pesquisa que possa dar conta destas instituições.

### 3.1 Construindo a investigação

Como minha intenção no ingresso do mestrado não era ainda pesquisar nesta seara, algum tempo, leitura e esforços foram dispendidos para outro tema de pesquisa. Com a mudança de tema, a revelação do desejo de investigar aquela escolinha da qual meu pai foi aluno, a investigação foi tomando forma.

O primeiro passo foi tomar conhecimento das leituras sugeridas pela minha orientadora Beatriz Fischer. Paralelamente às leituras, fui mexendo em arquivos na Prefeitura Municipal e nas escolas. Também fui conversando com pessoas, que indicavam outras, que sabiam de alguma coisa sobre a referida escola. No início da investigação nem o nome da escola era por mim conhecido, já que nos primeiros contatos informais feitos com ex-alunos não revelaram esta informação.

Percebo que estes contatos iniciais me ajudaram a perceber o quão difícil seria esta empreitada e o quanto seria difícil também problematizar este tema escolhido. Inicialmente a ideia de confrontar as verdades reveladas era muito forte, mas com a evolução das leituras, das reflexões e das orientações a percepção de que o trabalho com memórias é diferente disso, essa ideia foi sendo deixada para trás.

Esses contatos iniciais auxiliaram também a delinear o que seria mais relevante na estrutura das entrevistas que seriam posteriormente gravadas, do mesmo modo que mobilizou nos possíveis sujeitos da pesquisa um olhar para suas memórias, um recordar evocado pela provocação que fiz com o contato estabelecido. Não foram poucos que se surpreenderam com o tema escolhido, mas foram unanimidade em salientar o quanto ficaram felizes em colaborar com a pesquisa, com a possibilidade de registrar suas memórias.

A escolha dos sujeitos foi um processo muito difícil para mim. Abrir mão de analisar outras narrativas deixou-me triste. Gostaria de poder ouvir muito mais pessoas, no princípio achava que poderia ouvir todos envolvidos com aquela escola. Com a delimitação de um recorte temporal e de um número estabelecido de indivíduos, essa primeira intenção ficou claramente descartada.

Percebia que eu mesma ia mudando ao longo da construção da minha investigação, talvez começando a me constituir pesquisadora. Fazendo escolhas teóricas e metodológicas que implicavam no abandono de outras ideias que até então davam respostas para as perguntas feitas por mim, mas que hoje não davam mais conta do que vinha me questionando.

Fazer os contatos com os sujeitos escolhidos para serem os narradores de suas memórias foi tarefa deveras prazerosa. A escolha e a compra do gravador, a leitura de textos

que tratassem dos procedimentos da entrevista em história oral, o ensaio mental da entrevista, todos passos mentalizados. Tarefas que não imaginava que fariam parte da pesquisa. Proceder com a entrevista também foi prazeroso, mas foi tarefa rodeada de uma preparação minuciosa, e também de um frio na barriga pela responsabilidade percebida.

Ligar antes, bater à porta, fazer os devidos esclarecimentos, não esquecer do termo de consentimento, ligar o gravador e deleitar-se na viagem do entrevistado. Nem sempre assim. Surpresas e imprevistos aconteceram, mas foram contornados. Na saída, fotos de família, revelações sentimentais, algumas lágrimas, café com bolo de milho, despedidas calorosas e gratidão.

Muito li sobre a entrevista: normas, procedimentos, precauções, roteiro e várias outras coisas que ajudaram a evitar o desespero nos imprevistos. Mas a experiência de ouvir um sujeito narrando suas memórias, acessando emoções, ou as silenciando talvez, é uma experiência enriquecedora. Realmente, escutar é muito mais que ouvir.

Com a entrevista feita e gravação trabalhosamente transcrita, veio o processo analítico dos documentos produzidos. A decisão sobre as categorias de análise, as recorrências, as discrepâncias. Foi uma etapa bastante cansativa, que exigiu um grau de concentração alto e sensibilidade para perceber as falas e suas possíveis relações.

Neste momento, o diário de campo teve um papel fundamental para retomar pontos de silêncio, reticências e outras percepções de gestos corporais dos entrevistados durante o processo narrativo das memórias. Assim como informações dadas depois do gravador desligado.

A reflexão sobre essas narrativas, uma análise realizada mentalmente de forma vertical (entrevista por entrevista) e horizontal (por recorrências), grosseiramente conceituando, deram um panorama do que viria a ser a escrita dessa dissertação. O reconhecimento de que a totalidade das memórias dos sujeitos sobre o que viveram naquele período era intangível, assim como a concordância total entre as suas memórias.

## **3.2 Aprofundando o referencial teórico**

### **3.2.1 A entrevista e a produção do documento em História Oral**

Esta parte da dissertação trata do referencial que orientou esta investigação, trata das opções feitas ao longo da evolução, buscando compreender a complexidade do tema de pesquisa e da teia de teorias que sustentam o estudo realizado. Partindo do pressuposto que o

conhecimento está sempre evoluindo a partir de uma ideia inicial, entendo que ao longo do desenvolvimento da pesquisa os referenciais foram se tornando mais evidentes, apoiados no tripé leitura-discussão-prática.

Assim que o tema de pesquisa foi definido, se fez necessária a escolha das “lentes” teóricas que seriam úteis na investigação do tema e no tratamento das falas. Deste modo, foi preciso fazer novas leituras e estudos que permitissem um conhecimento não adquirido até então. Tanto História Oral, quanto o tema da memória não haviam sido objeto de meus estudos até o final do segundo semestre do mestrado. Inclusive houve certo constrangimento no início da escrita, uma espécie de insegurança em escrever, como se História Oral e o tema da memória pertencessem a campo alheio aos meus saberes.

A proposta de trabalhar com narrativas memorialísticas para compreender determinados aspectos da investigação desta escolinha multisseriada (que funcionava numa “bolante” no meio de uma lavoura de arroz nos anos 1950/1960 no interior de Capivari) se constituía em uma possibilidade de produzir um documento singular, permitindo, de certo modo, traduzir um passado recomposto. Conforme já referido, os conceitos mobilizados nesta investigação partem, quase em sua totalidade, da História Oral e da Memória.

Importante ressaltar que a definição de quantos e quais sujeitos seria possível entrevistar dentro da perspectiva da História Oral foi determinante. Ao optar por estes sujeitos e não por outros, priorizei as posições que ocupavam na escola e os períodos que vivenciaram as suas experiências educativas na referida escola. Foi uma, de tantas outras opções possíveis na escolha dos sujeitos.

Durante esse processo de decisão foi impossível não cogitar que as escolhas poderiam ter sido melhores, se os sujeitos deixados de lado não teriam narrativas mais interessantes, mais envolventes, mais completas, mais ricas ou até mais reais do que daqueles sujeitos escolhidos. Porém, a ideia central desta pesquisa é problematizar as diferentes versões produzidas pela memória de diferentes sujeitos, e não confirmar verdades. Encontrei apoio em Amado (1995), quando diz no texto “O grande mentiroso” que o que realmente importa é a versão narrada e não o fato em si, já que toda narrativa apresenta não mais que uma versão, um ponto de vista sobre algo.

No quadro abaixo, trago algumas informações sobre os sujeitos entrevistados e em seguida, uma breve justificativa sobre as escolhas destes sujeitos.

Quadro 1 - Sujeitos da pesquisa

<b>Nome</b>	<b>Profissão atual</b>	<b>Período na escola</b>	<b>Aluno/professor</b>
Beatriz Nunes Parracho	Advogada aposentada	1958/1961	Ex-professora
Salvador Ferreira Martins	Maquinista aposentado	1963	Ex-aluno
Antônio Carlos de Fraga Nunes	Gerente de empresa de secagem de arroz	1963	Ex-aluno
Eloísa Nunes de Oliveira	Empresária		Filha de Abraão Nunes
Gessi Nunes	Dona de casa	1958	Ex-aluna
Manoela Araújo dos Santos	Dona de casa	1963	Ex-professora

Fonte: Elaborado pela autora (2015).

Eloísa Nunes de Oliveira é filha de Abraão Nunes, é reconhecida pela comunidade como uma pessoa que “guarda as coisas” e que gosta de contá-las. Procurei Eloísa para que ela pudesse contar um pouco sobre seu pai e com estas informações eu pudesse perceber um possível cenário para a ideia da criação da escola, realizada por Abraão Nunes.

Beatriz Nunes Parracho, sobrinha de Abraão Nunes, foi a primeira professora da escola. Mesmo tendo atuado por poucos anos como docente, porque seu futuro marido não aprovava que ela trabalhasse fora, foi a primeira pessoa que fiz contato em função da provável riqueza de seu relato como pioneira da educação capivariense.

Salvador foi aluno da escola e não mora em Capivari há muito tempo. Fiz contato com ele através da sua irmã Diles, que procurei inicialmente por ser vizinha da escola e conhecida por ser bastante comunicativa. Dona Diles, para meu desapontamento, disse não lembrar de nada e logo ligou para seu irmão, Dodô, e o convocou para colaborar com a pesquisa no seu lugar.

Antônio Carlos de Fraga Nunes, meu pai, é o inspirador dessa pesquisa. As fotos do arquivo da família que ilustram a pesquisa, o retratam em duas situações relacionadas à escola. Na primeira com seu pai na primeira sede da escola e na segunda com sua turma já nas instalações da “Brizoleta”.

Gessi Nunes, assim como Antônio Carlos, é sobrinha de Abraão Nunes. Ela está na foto da primeira sede da escola enquanto aluna na ocasião da visita de Leonel Brizola. Foi aluna da professora Beatriz na primeira turma da primeira sede da escola. Reencontrei Gessi em visita a casa da minha mãe em Gravataí e lá fiquei sabendo que ela teria sido aluna da escola. Convite aceito e data marcada para entrevista.

Manoela foi professora de Antônio Carlos e Salvador, está na foto tirada em frente à “Brizoleta”<sup>5</sup> em 1963. A procurei para a pesquisa em função das memórias que ouvi na entrevista do meu pai, Antônio Carlos, e pensei também que seria interessante ouvi-la sobre suas memórias.

As entrevistas foram realizadas entre fevereiro e dezembro de 2014 e gravadas em mídia digital. Eu mesma procedi às transcrições das entrevistas que foram autorizadas através de um termo de consentimento e realizadas através de um roteiro semi-estruturado. As entrevistas foram realizadas através dessa espécie de pauta que orientava a interação com o sujeito entrevistado, mas não ficavam apenas em torno dessas questões. Procurei sempre formas de proporcionar ao sujeito que ele pudesse falar livremente sobre o tema, sem cortes. Sempre que percebia a necessidade, deixava claro um sinal de que estava muito atenta a sua narrativa.

Mesmo que os sujeitos fiquem livres durante a entrevista para narrar suas memórias, a condução do pesquisador para os assuntos a serem investigados é fundamental. Da mesma forma que a flexibilidade na condução da entrevista não tira dela o caráter científico, pois o que interessa ao pesquisador é a riqueza do material que descobre. (ZAGO, 2003, p. 296).

Para Marieta Ferreira e Janaína Amado (2006), na História Oral, o documento principal é a narrativa, que a partir de técnicas de entrevistas e pressupostos são organizadas pelo pesquisador. Assim sendo, o rigor ético do pesquisador no tratamento, organização e construção das narrativas, configura novas formas interpretativas para o trabalho histórico. Trabalhar com narrativas memorialísticas de sujeitos através da História Oral é um grande desafio para uma pesquisadora de primeira viagem, diria até uma pessoa de boas intenções que ainda deseja constituir-se pesquisadora.

Pensando que toda realidade é construída pelo discurso, a história oral supõe ouvir narrativas do sujeito acerca de suas lembranças em relação ao foco de estudo. Segundo Fischer e Weiduschadt (2009, p. 74), à primeira vista, parece fácil o trabalho com a história oral, porque bastaria encontrar pessoas envolvidas num processo que se pretende pesquisar, acertar a entrevista, utilizar o gravador e realizar a transcrição. Na verdade o rigor teórico-metodológico se faz deveras necessário neste tipo de pesquisa.

Para Sarmiento (2003), esse trabalho interativo de entrevistador e entrevistado nas pesquisas sobre memórias tem mostrado fecundidade por permitir um outro tipo de

---

<sup>5</sup> As Brizoletas eram os prédios escolares que foram construídos pelo então governador do estado do Rio Grande do Sul, Leonel Brizola entre 1959 e 1963. Todos eles tinham arquitetura similar. O objetivo era acabar com o analfabetismo. Foram construídos cerca de seis mil colégios de madeira, a maioria não existe mais ou encontra-se em condições precárias.

conhecimento do passado, permitindo o desenvolvimento de uma ciência mais humana. A disponibilidade de escutar o que o outro tem a dizer, a compreensão tanto das lembranças quanto dos esquecimentos.

Recordar envolve emoções, sentimentos, fantasias, imagens não só visuais, mas de todos os sentidos. Assim, a ação de lembrar demanda uma ordem de valores de cada lembrança, sendo selecionadas aquelas que mais valor lhes foi atribuída ao longo da vida. Marcou-me uma frase de Ecléa Bosi na qual traz que “sempre fica” o que significa.

A leitura acerca de história oral e memória, a decisão sobre a entrevista como metodologia de pesquisa e a sucessiva leitura sobre esta metodologia promoveu a possibilidade de rever antigos conceitos, de desestabilizar certezas, de perceber outros olhares sobre um mesmo assunto. As leituras me permitiram estabelecer relações e identificar aproximações da teoria com as entrevistas realizadas. Também fortalecem as justificativas que tenho que apresentar sempre que questionada sobre o meu objeto de pesquisa. “Mas isso dá uma dissertação?”

É imprescindível que o pesquisador tenha habilidade de lidar com situações recorrentes de quando a fala dos sujeitos se encaminha para por em dúvida sua importância na pesquisa, ou se as coisas que tem para contar são interessantes mesmo, já que são apenas lembranças suas, sem nenhuma importância para a sociedade, ou falas desta mesma ordem. Da mesma forma, os esquecimentos e silêncios são produzidos. Há uma complexidade que envolve a evocação de lembranças e a produção de silêncios, onde a memória trabalha em atos de esquecer e lembrar a um só tempo.

A partir do livro “Usos e Abusos da História Oral” foi possível compreender uma ideia de que inicialmente, numa postura mais positivista, a entrevista servia para confirmar o que o documento escrito dizia, e a história oral configurava-se mais em técnica que metodologia. A partir da década de 1990 no Brasil muda um pouco esta perspectiva. Há a criação da Associação Brasileira de História Oral e da Revista desta associação. Deste modo põe-se a História Oral como uma metodologia e não como técnica nem como disciplina.

História Oral não se configura como técnica, muito mais como metodologia que se vale da técnica da entrevista, sendo o testemunho oral o centro da investigação. História oral também aqui não é encarada como disciplina porque não possui referenciais próprios, não se basta, necessitando beber em outras fontes.

Outro pressuposto básico da História Oral é entender a narrativa como um documento, com igual peso e importância de um documento escrito, uma vez que o documento escrito também fora uma fonte produzida por alguém. Nessa defesa Pollak diz que

Se a memória é socialmente construída, é obvio que toda a documentação também o é. Para mim, não há diferença fundamental entre fonte escrita e fonte oral. A crítica da fonte, tal como todo historiador aprende a fazer, deve, a meu ver, ser aplicada a fontes de tudo quanto é tipo. Desse ponto de vista, a fonte oral é exatamente comparável à fonte escrita. Nem a fonte escrita pode ser tomada tal e qual ela se apresenta (POLLAK, 1992, p. 207).

A narrativa do sujeito entrevistado não é em si, instantaneamente, um documento. Cabe ao pesquisador produzir o documento a partir da crítica e relativização da narrativa, que é fruto das memórias do sujeito que lembra e narra e do trabalho do pesquisador, de sua intervenção, de sua observação.

Se a narrativa do sujeito não deve ser considerada duvidosa, também não pode ser considerada portadora de verdades. Não há um total desapego a veracidade dos fatos, mas trabalhar com história oral é aceitar o fator ficcional das narrativas, por isso é importante que o pesquisador relativize o conceito de verdade, sendo verossimilhança mais importante que a ‘verdade’ num sentido positivista de confirmação de fatos, datas, eventos. Foge um pouco do compromisso com a verdade, própria do historiador tradicional.

Além disso, para Pesavento (2005, p.80) os discursos são formas de “dizer o mundo” por isso não querem dizer a verdade nua e crua, significam a verdade que o sujeito processou do que aconteceu no passado, através de suas vivências e reflexões. Como na frase de Alceu de Amoroso Lima: “o passado não é aquilo que passa, é aquilo que fica do que passou”.

### 3.2.2 História Oral

Minha imersão no tema é recente, no entanto foi possível aprender muito com a bibliografia relacionada ao tema. Aprendi com Nunes (2002/2003, p. 2), que o reservatório de informações acumuladas está disponível para ser usado, não apenas no sentido do consumo, mas também no sentido de gerar novas ideias e aí reside a potencialidade para criar e experimentar. Assim, progressivamente e timidamente, me autorizei a escrever.

Paralelamente ao processo de entrevistas, pude participar de dois grupos distintos nos quais estudamos autores e obras que embasam as pesquisas de memória e história oral. Neste processo de leitura e discussão, mais conceitos foram se ampliando.

As leituras e as discussões realizadas durante as disciplinas cursadas no mestrado me possibilitaram ver com mais clareza alguns conceitos que não me pareciam tão tranquilos inicialmente. Assim como compreender mais a fundo ideias que estavam muito superficiais na proposta de pesquisa qualificada em 2014.

Desde percepções sobre o tanto da arte e da história ainda por mim ignoradas, quanto o infinito de possibilidades que posso conhecer, é possível afirmar que além de gostar de entrevistar, admirar as narrativas das pessoas, desejar guardar memórias locais, tenho desenvolvido um pouco da identidade de pesquisadora.

Apesar da recente imersão no tema, através das leituras adquiri a ideia de que a História Cultural rompe com a perspectiva da Modernidade, onde há o altar para a cultura escrita pautada no racionalismo da ciência moderna. Entendo que se partiu de um historicismo onde os valores científicos eram mais importantes, onde o historiador supunha ser capaz de, enquanto sujeito neutro, resgatar, reviver o passado. Onde o documento escrito tinha status de oficial, onde a história era feita de grandes feitos de grandes homens, passando para uma “nova história” na qual o pano de fundo muda.

Novidade para quem nunca ouviu falar de uma “História Cultural” ou “Nova”, começo a aprender com Burke (2008, p. 15) que afirma ser a História Cultural já era praticada na Alemanha com o nome de *Kulturgeschichte* há mais de 200 anos. Se a História Cultural tem sido considerada “nova” deve-se ao fato de a História poder tratar de um novo jeito a Cultura. É possível complementar este pensamento tomando por empréstimo a ideia de Pesavento (2005, p. 15) sobre a possibilidade de “pensar a cultura como um conjunto de significados partilhados e construídos pelos homens para explicar o mundo”.

No século XX, em 1929/1930, com a publicação dos *Annales* por Marc Block e Lucien Febvre, inicia a pensar-se numa lógica além do oficial. Há um declínio da história política, há a redefinição de conceitos como documento histórico, fato histórico e tempo histórico. Estes movimentos condenam a história do evento, do fato e ocorrem paralelamente ao marxismo. Um exemplo dessa mudança de foco é o texto de Bertolt Brecht, “Perguntas de um trabalhador que lê”.

O movimento dos *Annales* apresentou quatro gerações superando a ideia de história total reconstituída por diversos vestígios, em seguida alargando os domínios da história e dialogando com outras ciências com as quais havia ponto de contato, até a renovação da história das mentalidades e o nascimento da História Cultural.

Esta História Cultural pensa que o que transforma a sociedade são as ideias, que outras fontes além da escrita podem ser estudadas para explicar os conceitos de imaginário, práticas, apropriação e representação.

Desde modo é interessante pensar a história da educação sob a luz da história cultural, uma vez que as mentalidades das sociedades são muitíssimo suscetíveis ao fazer escolar.

A História Oral, por sua vez, permite o registro de testemunhos e “é uma metodologia de pesquisa e de constituição de fontes para o estudo da história contemporânea surgida em meados do século XX, após a invenção do gravador e a fita” (ALBERTI, 2004, p. 155). Ainda para Alberti, a história oral “moderna” surge nos anos de 1948 com o citado aparecimento do gravador e da fita, porém desde a antiguidade essa prática de coletar testemunhos orais já se fazia presente no fazer histórico de Heródoto, Tucídides e Políbio.

Os historiadores sociais radicais rejeitavam a narrativa porque a associavam a uma ênfase excessiva sobre grandes feitos de grandes homens, e especialmente à supervalorização da importância dos líderes políticos e militares em detrimento dos homens – e mulheres – comuns. Mas a narrativa retornou, junto com uma preocupação cada vez maior com as pessoas comuns e as maneiras pelas quais elas dão sentido às suas experiências, suas vidas, seus mundos (BURKE, 2008, p. 158).

No panorama mundial, a iniciativa pioneira de estudos com a História Oral ocorreu com as gravações realizadas por Allan Nevins, nos Estados Unidos, ao final da década de 1940. No Brasil a Associação Brasileira de História Oral foi fundada em 1975, embora haja registros de pesquisas desenvolvidas segundo essa abordagem em tempos mais remotos. A aplicação deste recurso em pesquisas nas universidades brasileiras é flagrante a partir de 1980.

Inicialmente o trabalho da História Oral tinha o intuito de “dar voz” aos oprimidos, o que foi gradativamente sendo substituído pela ideia de estudar questões micro. A história oral não é apenas a história dos oprimidos, já superou a ideia de dar voz aos sofridos, é sim o espaço para histórias cotidianas. Nem mais nem menos importante que as demais. Gwyn Prins (1992) diz que “a força da história oral é a força de qualquer história metodologicamente competente”.

Deste modo o olhar da História pôde voltar-se para outras questões e outros temas mais cotidianos, e menos na relação binária de ora contar os feitos dos poderosos e ora dar voz aos oprimidos. Segundo Chartier, a história cultural “tem por principal objeto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade cultural é construída, pensada, dada a ler” (CHARTIER, 1980 apud BARROS, 2004, p. 87).

Desta forma, entender como se processa a construção da memória do sujeito é pressuposto básico para tratar da melhor forma possível a matéria-prima da investigação da história oral. A história oral não se trata de recuperar informações apenas, trata de reconstruir o vivido, dando a ele uma ressignificação. Por isso, segundo Bosi (1994), “lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com ideias de hoje, as experiências do passado”.

### 3.2.3 Memória

Conforme Rousso (2006, p. 94), a memória é a presença do passado, é uma reconstrução psíquica e intelectual, porém seletiva deste passado e que não é apenas do indivíduo, mas deste indivíduo inserido em um contexto específico. A isto é conveniente acrescentar que

a história busca produzir um conhecimento racional, uma análise crítica através de uma exposição lógica dos acontecimentos e vidas do passado. A memória também é uma construção do passado, mas pautada em emoções e vivências; ela é flexível, e os eventos são lembrados à luz da experiência subsequente e das necessidades do presente (FERREIRA, 1994, p. 8).

A lógica da memória, na qual a conservação e evocação da totalidade do nosso passado inviabilizariam novas ações e experiências no presente, pode ser ilustrada com o famoso conto de Jorge Luis Borges, de 1979, “Funes, o Memorioso”, que narra a história de um homem que passa a lembrar de todos os detalhes de seu passado após um acidente que sofreu. Essas recordações tão completas permitem a ele reconstruir mentalmente todos os dias do seu passado, porém começam a preencher todo o seu tempo.

A questão do esquecimento está intimamente ligada ao princípio seletivo que permite que esqueçamos de determinadas coisas em detrimento de tantas outras, lembrando aquilo que gostaríamos de legitimar, então selecionamos as experiências que devem, ou que precisam, ou ainda aquelas que merecem ser lembradas. Segundo Thomson:

O processo de recordar é uma das principais formas de nos identificarmos quando narramos uma história. Ao narrar uma história, identificamos o que pensamos que éramos no passado, quem pensamos que somos no presente e o que gostaríamos de ser. As histórias que relembremos não são representações exatas do nosso passado, mas trazem aspectos desse passado e os moldam para que se ajustem às nossas reminiscências; quem acreditamos que somos no momento e que queremos ser afetam o que julgamos ter sido. (THOMSON, 1997, p. 57).

Mas é válido ressaltar que silêncios não são esquecimentos, são fenômenos distintos. Thomson (1997) argumenta que as lembranças existem para que possamos tornar público algo que consideramos merecer reconhecimento, já que buscamos a validação, a confirmação através dessa lembrança. Pelo processo inverso vem o esquecimento, quando um sentimento

ou experiência não se enquadra nos padrões esperados para as normas usuais, então estas lembranças viram esquecimentos.

Sobre esquecimentos, compreendo que a maior parte da memória está no esquecimento, para que surja depende dos evocadores, da disposição em lembrar, das interferências. Os evocadores são muito particulares e podem surgir de experiências sensoriais diversas: sabores, odores, sensações diversas. O esquecimento também pode ser uma questão de sanidade em alguns casos, quando as memórias trazem um sofrimento muito grande ao sujeito.

Concordando com a afirmação de Ecléa Bosi (1994, p.17) de que “memória não é sonho, é trabalho”, é possível compreender que os processos de produção de lembranças e de esquecimentos acontecem para dar condições de contextualização para exposição das memórias, tornando-as ajustadas e aceitáveis para a sociedade, mas principalmente para o dono dessas memórias. Alguns fatores que podem produzir silêncios são a impossibilidade de fazer-se compreender por um sentimento ou atitude, traumas, constrangimentos e medo do não-acolhimento ou da repressão.

Falar de memórias como um conjunto de lembranças, e esquecimentos, (re)moldados pela experiência vivida pelo indivíduo e customizadas pelos sentimentos, faz com que se deixe de lado aquele conceito primeiro que vem à mente quando se fala a palavra “memória”. Memória vem associada à capacidade de reter, guardar, acumular informações. Pensar a memória como um espaço de ressignificação das experiências do sujeito a partir da sua percepção de agora, exige desprendimento da imagem de memória como depósito de coisas antigas. A visão de que quem recorda não vive o hoje, vai dando lugar a uma visão de que quem recorda acrescenta novos sentidos à vida de hoje, torna-se mais sujeito da sua própria história.

Interessante reforçar que o tempo a partir do qual se conjugam as lembranças é o tempo presente, já que hoje acontece a elaboração da memória respondendo aos questionamentos daquele tempo. É da janela do presente que o sujeito contempla a paisagem do passado.

Bosi (2003, p.51) quando fala de tempo, afirma que o tempo entendido além do conceito físico “está constituído de substrato móvel e fluido, o tempo; não o tempo abstrato da física, matemático, mas o tempo concreto e qualificado das lembranças”. Ainda a respeito do tempo, a mesma autora questiona a expressão “meu tempo”, usada pelos que recordam perguntando “qual é o meu tempo, se ainda estou vivo e não tomei emprestada minha época a ninguém, pois ela me pertence tanto quanto a outros meus coetâneos?” (BOSI, 1994, p. 421).

Estamos sempre reconstruindo um passado com o qual possamos conviver no presente, e este processo de reconstrução é mediado pelo que já vivemos e pelo que sentimos hoje. Halbwachs (1990, p. 76) corrobora com este pensamento quando diz que “a lembrança é em larga medida uma reconstrução do passado com a ajuda de dados emprestados do presente, onde a imagem de outrora se manifestou já bem alterada”.

A lógica epistemológica da memória coletiva se associa a história cultural no que tange à longa duração, que ‘mora’ na mentalidade de uma sociedade, numa coesão social em torno de um fato ou objeto. São as referências uma consciência e uma coletividade de memória que cria uma representação. Um discurso pode produzir uma mentalidade: depoimentos, monumentos, jornais, rádio, etc. memórias coletivas sobre determinado evento são formadas pelas memórias individuais em torno desse evento, são dimensões do coletivo.

Pensando ainda em memória, algumas citações reafirmam a ideia de que a memória é tratada pelas vivências individuais e que o esquecimento faz parte desse tratamento. Izquierdo (2002, p. 9) diz que “somos aquilo que recordamos e também somos aquilo que resolvemos esquecer”. Harold Printer diz que o passado é aquilo que você lembra, aquilo que você imagina que lembra, que se convence que lembra ou finge lembrar.

A partir destas leituras concluí que toda pesquisa envolvendo memória é relativa, logo não se pode generalizar uma narrativa para todos que viveram determinado evento, pois a pesquisa vê apenas uma narrativa de cada vez de pessoas que vivem em uma comunidade de memória. Tão pouco procurar a verdade dos fatos, há as narrativas de um processo muito particular de cada indivíduo com suas memórias.

Refleti sobre algumas metáforas que não servem para relacionar com memórias como, por exemplo, a metáfora de um quebra-cabeça. Nunca será possível “resgatar”, “reviver” uma memória, um fato passado nem em partes, nem na sua totalidade, pois o sujeito que lembra não é mais aquele que viveu o evento no passado, muito se passou na vida dele e essa memória já foi processada pelas suas experiências. Além do que demandaria um tempo igual ao tempo vivido para ‘lembrar’ o passado exatamente como passou, lembrando “Funes, el memorioso”.

O passado é “uma alteridade absoluta” não cabendo reconstituir, reviver, resgatar já que é uma representação. A “representação” é o conceito central da história cultural. Entendo por representação a visão muito particular, pessoal, que cada indivíduo tem sobre determinada “coisa” social, não necessariamente igual aos seus contemporâneos, mesmo aceitando a ideia de que a memória é coletiva e que discursos são produzidos socialmente e que acabam legitimando determinada “coisa” como verdade.

Na leitura do texto “O Grande Mentiroso” fiz algumas considerações a respeito da produção da fonte, do uso de fontes vivas e do desnecessário cruzamento de fontes. O texto de Janaína Amado suscita questões de circularidade cultural (práticas de leitura de Goiás) e história das mentalidades. As relações de poder estabelecidas entre a empiria e o saber acadêmico, entre pesquisador e sujeito no momento da entrevista, o objetivo do pesquisador em confirmar as suas hipóteses ou perceber o que ‘afeta’ o sujeito que narra suas memórias. Uma coisa nesse texto me deixou sensível: o sujeito que narra o que o entrevistador deixa transparecer que quer escutar.

Na leitura de Ecléa Bosi (1994), “Lembranças de Velhos”, onde oito sujeitos narram suas memórias, a autora traz ideias como “memória é trabalho” e que a função do idoso é lembrar. Explicita as camadas da memória, revelando sua influência de Halbwachs e Bergson. Várias dessas ideias puderam ser percebidas ao longo do processo de pesquisa.

Reflexões sobre o sentido etimológico da palavra “senado”, da diferença do impacto da morte de um idoso e de uma criança na cultura ocidental, são motivadas pela leitura. O sentido da palavra “afeto” como “o que me afeta”, traz uma crítica contra o capitalismo e apresenta o idoso como oprimido, retratando um binarismo um tanto “marxista”.

Se houve um autor que esteve presente constantemente nas reflexões acerca do processo desta pesquisa este foi Maurice Halbwachs. “Não percebemos que somos senão um eco”, diz Halbwachs (1990, p. 51). Traz a ideia de que muitos grupos habitam em nós, sem negar a existência de uma memória individual, que é apoiada na coletiva.

O autor desloca a memória, traz para o coletivo o que parecia tão particular. A memória nunca é puramente individual porque, mesmo sozinhos, nos apoiamos em lembranças dos outros (filmes, amigos, livros, comentários), há a reconstrução do ambiente da lembrança, é o pensamento da família que fornece o quadro no exemplo da criança que cai no buraco, e a memória contada pela família que fornece o quadro de medo no exemplo do escorpião. (HALBAWCHS, 1990).

Imagens atuais do nosso meio modificam o que guardamos do fato antigo (reconstrução da memória). Lembrar, pensar, narrar metaboliza a memória. Esses aspectos, em larga medida, puderam ser identificados também nas narrativas ouvidas nesta investigação.

## 4 METODOLOGIA

*(...) Escutar é mais do que ouvir. É mais do que estar parada em frente a alguém, dividindo o mesmo metro quadrado. Escuta-se por todas as células do corpo. Escuta-se com as mãos, com os olhos, com a respiração, escuta-se inclusive com os ouvidos... Uma postura escuta, um gesto escuta, a boca escuta. Há que se deixar apagar e se concentrar no outro para vivenciar a plenitude da experiência auditiva, há também que eliminar quaisquer ruídos de interferência – como pensamentos que voam, telefones que tocam, vaidades que afloram, vontades de ir ao banheiro... Muitos dizem que a fala distingue o ser humano dos outros animais. Discordo. Saber escutar é o que nos dá humanidade (...) Carla Faour.*

Tendo compreendido a profundidade e percebido beleza no processo da pesquisa com Memórias, as entrevistas se fazem verdadeiras obras de arte neste contexto, exigindo e merecendo todo o rigor metodológico necessário para seu planejamento, execução, transcrição e análise.

Antes mesmo da entrevista, o processo de construção do depoimento oral já tem início. Com a escolha do tema a ser investigado surgem as hipóteses, as ideias, as problematizações. Logo, aquele que deseja tornar-se pesquisador, precisa dominar minimamente o assunto que será investigado e conhecer um pouco da trajetória de seus entrevistados. Esta preparação para a entrevista tranquiliza o pesquisador e oferece subsídios para que ele possa interagir mais naturalmente com o entrevistado. Diana Gonçalves Vidal afirma que

Um(a) pesquisador(a) que desconhece o tema, não possui qualquer informação sobre o entrevistado(a) e não está municiado de um conjunto mínimo de indagações é incapaz de romper a inércia da situação de entrevista. Não basta um gravador na mão e a desculpa que apenas se vai registrar a voz do outro. (VIDAL, 1998, p. 11).

Segundo Alberti (2004, p. 169), “a entrevista de História oral é, ao mesmo tempo, um relato de ações passadas e um resíduo de ações desencadeadas na própria entrevista”, e que entrevistado e entrevistador são autores neste tipo de entrevista. Esta ideia confirma a posição determinante do entrevistador como estabilizador de um clima favorável para o desenvolvimento desta escuta qualificada.

O contato prévio com o possível entrevistado é fundamental para que este compreenda os objetivos da pesquisa e como suas memórias poderão colaborar. Este contato prévio oferece condições para que o futuro entrevistado possa ir iniciando o exercício de recordar, estando mais confortável no dia da entrevista. Vidal coloca que “o(a) depoente, ao ser

contatado(a), por sua vez, também se prepara para o encontro. Repensa sua trajetória de vida [...] revê fotografias, conversa com amigos(as), procura ‘recordar’ eventos, sentimentos, sensações, saberes”. (VIDAL, 1998, p.11).

Sendo a entrevista a espinha dorsal desta pesquisa, certos cuidados são indispensáveis. Quando se trabalha com fontes vivas é essencial o respeito em todo processo da entrevista, tendo o cuidado com o contato prévio, com o esclarecimento da temática da investigação, com a marcação de hora e lugar mais apropriados ao entrevistado, com um roteiro de questões que não tire a espontaneidade das narrativas e nem permita grandes fugas do tema central.

A sensibilidade e a polidez da pesquisadora se fazem deveras importante. Compreender os silêncios, as reticências, ouvir com atenção, não forçar perguntas que tragam recordações reconhecidamente dolorosas, enfim, criar uma atmosfera de confiança, de entrega.

Em estudo do “Manual de História Oral” de Verena Alberti (2004), foi possível constatar a importância da entrevista como produtora de fontes de consulta, possibilitando estudo de acontecimentos históricos, de instituições, de grupos sociais, categorias profissionais, movimentos e outros, à luz de depoimentos de pessoas que deles participaram ou testemunharam, favorecendo a aproximação do objeto de estudo.

Encontra-se apoio em Alberti no que tange à credibilidade do depoimento oral, quando traz como não mais negativo o fato do depoente “distorcer” a realidade ou ter falhas na memória, pois o importante é incluir estas narrativas e refletir a razão que faz com que o entrevistado reconstrua sua lembrança desta forma e qual motivo faz sua narrativa (in)coerente em relação a outros entrevistados que viveram o mesmo evento.

Ainda sobre a entrevista, cabe dizer que a mesma exige um elevado respeito pelo outro, por suas opiniões, por suas atitudes, posições. A entrevista é individual, particular e as narrativas expressas são norteadas pelo que o indivíduo tem como visão de mundo. Mas mesmo sendo tão únicas, constituem elemento indispensável para compreensão da coletividade. A entrevista permite recuperar aquilo que não está escrito, aquilo que não está documentado, que são as impressões particulares de fatos da coletividade.

Para Janaína Amado e Marieta Ferreira (2006), a entrevista é apenas o primeiro passo. O tratamento dessas falas deve acontecer na sequência da entrevista, com a transcrição da entrevista, revisão pelo entrevistado e análise crítica da narrativa com apoio das anotações feitas durante a entrevista.

A preservação da memória das escolas é uma forma de compreensão da educação na atualidade. Guardar, recontar, reunir estas memórias de instituições de lugares mais remotos,

faz com que a memória desta comunidade não se perca. Com o passar do tempo possa saber quem foi, quem é e projetar para onde vai.

Devemos o presente ao que fomos no passado, e o (in) sucesso da educação de determinada comunidade, tem relação direta com a educação de ontem. Uma comunidade não muda seu modo de pensar/agir do dia para a noite, vem dia após dia construindo sua forma de viver em sociedade. Analisar as memórias do passado pode colaborar muito nesta compreensão.

As lembranças das dificuldades encontradas para frequentar a escola foram uma constante nos “ensaios” de entrevistas realizados para esta investigação. Do mesmo modo que vários entrevistados colocaram sobre a importância de que as crianças em idade escolar soubessem das dificuldades encontradas “no meu tempo” e pudessem valorizar as facilidades que hoje encontram para ir à escola.

Esta escuta das memórias de ex-alunos e ex-professores tem me feito pensar na necessidade da criação de uma espécie de arquivo histórico da educação em Capivari do Sul, onde pudessem ser reunidos documentos, fotos, objetos relacionados aos tempos de escola dos moradores mais antigos. Este arquivo histórico possibilitaria o conhecimento de um número maior pessoas sobre os primórdios da educação formal em Capivari do Sul.

Tive a impressão, quase certeza, de que não há mais palavras para justificar o quão importante se faz o registro das memórias dessa escolinha lá no meio da lavoura de arroz nos anos 1950/1960, mas relendo textos arquivados que me serviram de suporte, de lazer, de referência, me deparei com a metáfora da enguia. Nela, Fischer (2011) compara a nossa memória à reserva de água guardada no corpo da enguia, fato que retarda sua morte. Será nossa memória a resistência do nosso passado? Será que, como a enguia, nosso busca instinto perpetuar o que mais prezamos para que possamos “viver” este passado por mais tempo? Talvez a nossa memória seja quem, ao fim e ao cabo, vai realizar o acerto de contas no final da nossa vida sobre quem fomos e o que gostaríamos de ter sido, o que fizemos e o que pensamos ter feito.

Todo processo da pesquisa é atravessado por escolhas. Para a apresentação do processo analítico escolhi apresentar os sujeitos da pesquisa realizada assim como estes para mim se apresentaram, um a um. De modo que eu pudesse dar o devido valor a cada um, às suas singularidades. Desta forma, foram escolhidas algumas unidades de análise para elaborar a melhor compreensão do conjunto de narrativas, são elas: gênero, políticas de gestão e cultura escolar.

## 5 PROCESSO ANALÍTICO

### 5.1 Beatriz, ex-professora

Desde as primeiras conversas sobre o tema da pesquisa com possíveis sujeitos a serem entrevistados, e nas minhas memórias também, o nome da Beatriz sempre surgiu como uma referência ao tempo da escolinha da granja Santa Isabel. Beatriz é filha da irmã mais velha de Abraão Nunes, deste modo sua mãe Emília, mais conhecida como Miloca, ajudou a criar seus irmãos mais novos, entre eles Abraão. Na ocasião da criação da primeira instalação da escolinha numa bolante de arroz em torno de 1958, Beatriz, que estudava para formar-se normalista, foi a primeira a ministrar aulas para as crianças da granja. Lecionou por poucos anos, em Capivari apenas um. Beatriz formou-se em Direito após a morte do marido e aposentou-se como advogada da CEEE. Hoje vive confortavelmente entre suas duas residências em Porto Alegre e Jurerê.

Sabendo que a mudança da família Nunes de Osório para Capivari foi fundamental para compreender a criação da escola Santa Isabel, Beatriz conta como recorda a chegada da sua família nas margens do Rio Capivari:

Minha vó era uma mulher muito forte, né, muito forte, porque uma mulher que teve doze filhos com um cara que um dia ele era muito rico, muito rico e no outro era pobre, miserável porque perdeu tudo, ele botava fora o dinheiro. Em Osório isso. A vida dela foi assim: de altos e baixos, sabe, e ela sempre achava bonito sabe. E ela criou sozinha os filhos, porque depois ele adoeceu. Sabe que ele morreu aqui no São Pedro, né? Parece que ele teve um choque anafilático, não sei bem se no final foi bem isso. Eu não sei te dizer qual foi o apelido que deram para a doença, mas ele era uma pessoa muito instável, que às vezes estava no auge...ele comercializava cachaça, ele trabalhava naquelas lagoas de Osório-Torres, aquelas lagoas eram navegáveis. Tem um livrinho de Osório que fala do vovô, e ele fazia esse comércio entre Osório e Torres, né, levando cachaça, trazendo sei lá eu o que. E às vezes ele estava muito bem, mas às vezes ele farreava e botava tudo fora. E ela mantinha uma casa impecável, limpíssima, dizem que era coisa mais linda de se ver. O quarto dos filhos era um só, imagina, era um salão enorme, camas feitas com colcha feitas de crochê, dizem que era coisa mais linda de ver, todo mundo que conheceu ela me contava esta história, que era muito bonito. Eu me lembro ainda da vovó com os filhos ainda, acho que adolescentes, ali no Rio Capivari, sabe onde era a casa da dona Otília, do Armando? Pois era ali perto, naquela barranca do rio, ali era a casa da vovó, e eu nunca vou esquecer disso, não me pergunta quantos anos eu tinha, mas eu devia ter uns três anos e se eu fechar os olhos eu vejo isso. A casa era alta do chão, porque o rio às vezes subia e molhava tudo, então a casa era alta do chão.

O avô de Beatriz possuía barcos que faziam o transporte de produtos derivados da cana-de-açúcar nas regiões entre Osório e Torres. O negócio era próspero, mas com o tempo ele perdeu todos bens adquiridos, ficando doente e acabou saindo de Osório e indo morar em Capivari com a família.

Eu acho que eles vieram porque a situação estava ruim, quando ele veio para Capivari ele já estava doente, não fazia mais nada, alternava tempos em casa e no hospital, em Capivari e em Porto Alegre. E a vovó segurando sozinha toda aquela gurizada. Os mais velhos já trabalhavam, acho que era assim. Ela deve ter morrido com 54 anos, do coração. E a gurizada ficou, os menores, os quatro menores, que daí já era só dez, não era mais doze porque ela perdeu dois, eram gêmeos, mas ela...aqueles menores, a Tia Eva e a mãe cuidavam, que era o Paulo, o Dudu ficou com a tia Eva. O Samuel já era maiorzinho e os outros que eram mais velhos ficaram morando juntos, trabalhando nas granjas de arroz. A mãe e a tia Eva já eram casadas, pegaram eles. Me lembro que o Samuel uma vez esteve muito doente de um reumatismo, naquela época esta doença era um horror, então ele fazia inclusive penicilina, olha foi lançada naquela época, o pai conseguiu com o médico e a penicilina tinha que ficar no gelo, e naquela época não tinha gelo, ninguém tinha. Então eles pegavam água do poço que era fresquinha e botavam numa bacia aquele vidrinho, me lembro disso. Ele ficou entevado, não caminhava, depois ele melhorou. Mas no final da vida ele teve novamente reumatismo, teve várias coisas, acho que aquilo incomodou a vida toda.

Durante a entrevista, as lembranças foram aparecendo. É possível perceber que as lembranças surgem com emoção. A voz da senhora se embarga ao contar sobre uma foto que possuía. Estas lembranças são narradas sobre a memória de uma imagem, mas não do fato em si, já que Beatriz ainda era um bebê, ela se vale do que a ela também foi contado sobre essa foto.

Na beira do rio era Capivari para nós, nós temos as fotos, sabe aquela foto...que tem uma foto que tem o vovô a vovó, o vovô bem esquisito, com uma roupa esquisita... mas nessa foto está a minha mãe, vovô, vovó, o Abraão, o Dudu, o Antoninho usava um cabelinho comprido de franja, estava com uma cuia de chimarrão na mão, e eu estou sentada com seis meses, olha só como é antiga, e a guriazinha que cuidava de mim me segurando, eu sentada na grama, botaram um paninho e eu estou sentada ali. Eu sei que está o Abraão, o Dudu, não sei se o Paulo. Essa foto foi o Abraão que deu para a mãe.

Em outra passagem, Beatriz lembra, às gargalhadas, de um episódio de sua infância vivido em Capivari:

A casa era alta do chão. Uma vez os filhos da vovó, mais moços, era tudo uma gurizada de uns 13,12, tudo guri e olha o que fizeram comigo, o tio Neto fez, que é o pai do Raimundo. Ele me montou numa porca, uma porca

bem grande, gorda e a porca ficou desesperada e entrou embaixo da casa, e eu fiquei...fiquei com a testa desse tamanho porque ela entrou correndo...ela disparou. Naquela noite ele dormiu no galpão, ele não entrou em casa porque ela estava jurando de tirar o couro dele, então ele dormiu na rua.

Embora minhas expectativas em relação à entrevista fossem que Beatriz contasse detalhadamente sobre a escolinha, seu processo de criação, como foi trabalhar com as crianças de várias idades ou outros aspectos que minha curiosidade desejava, a memória dela em relação àquele evento não era tão significativa para ela hoje. Compreender os conceitos sobre o processo sofrido pelas lembranças foi fundamental para que eu não me frustrasse.

Durante a entrevista fiz várias investidas para que o foco estivesse na sua passagem pela escolinha como professora, mas Beatriz sempre escapava com uma história engraçada ou outro fato qualquer de outro momento seu de trabalho enquanto advogada. Em um dos poucos momentos que ela falou realmente do assunto tão esperado disse que:

A primeira escolinha que teve foi aquela que eu dei aula lá, essa foi a primeira. Era uma bolante que o Abraão, sabe aquelas..., que ele cedeu para fazer a escolinha, tanto é que estava na terra dele. O Abraão conheceu a Elzira, era o seguinte, ela era minha professora, ela que me alfabetizou lá em Osório, ele era minha professora particular porque o pai não queria que eu fosse para escola, por que menina, os dengues dele e tal, o Antoninho foi, mas eu não. Então o primeiro ano, eu fui alfabetizada pela Elzira, e onde o Abraão conheceu a Elzira? Na nossa casa, ele ia muito, lá e se conheceram e começou o namoro... eles casaram, ele morava em Capivari e só ia em Osório ver a gente, quando nós apanhava ele botava a mão na bunda da gente e protegia, porque a mãe batia, batia de pente que eu tenho galo até hoje. Daí eles casaram e a mãe achava que não ia dar certo, que a mãe dela era isso, era aquilo...mas casaram. Então pediram para o meu pai para casar na nossa casa, daí meu pai que era muito amigo do pai dela disse que não, vocês vão casar na casa dela. O seu Oscar era outra figuraça, mas aí é Osório. O namoro deles foi assim, ela veio para Capivari com ele, e nós dávamos risada quando eu ia passar as férias em Capivari na casa deles e ela dizia: tu que é culpada! A Elzira deu aula particular para o Zuzu e para o Nandinho, depois que o Abraão resolveu fazer isso.

Janaína Amado, no texto “O grande mentiroso”, muito bem discute sobre o tema da versão de um fato. Importa saber que o trabalho com narrativas memorialísticas consiste muito mais em analisar o que o sujeito metabolizou daquilo que viveu, do que sentiu, do que lembra, ficando o que mais lhe importa hoje, e muito menos aquilo que pode ser confirmado como verdade absoluta.

A verossimilhança entre as versões de como Abraão e Elzira se conheceram nas memórias narradas pela filha do casal, Eloísa e pela sobrinha Beatriz importam mais do que a

diferença entre uma e outra. Neste caso a verdade importa menos do que o sentimento que atravessa cada uma das versões.

Beatriz também traz no seu relato marcas sociais típicas à época, nas relações de poder e questões de gênero. Do mesmo modo que traz à tona também outra questão comum à época que eram as professoras sem formação nas escolas rurais.

Nessa época aí eu já era noiva, mas entre o noivado e o casamento que ia demorar e eu estava fazendo a escola normal no 1º de maio, no Navegantes e o meu noivo disse ‘se tu quiser continuar estudando, estuda, mas não vai lecionar, de jeito nenhum, tu não vai trabalhar, vai ficar em casa’. E eu, muito besta, para não dar despesa para minha mãe de estudar, se não vou trabalhar, peguei e larguei o normal e o Abraão disse ‘não, tu não vai ficar parada em casa, vou fazer uma escolinha lá, tu queres?’ eu disse quero. E eu adorava isso sabe, dar aula, meu Deus, aí fui dar aula no Capivari, ficava na casa deles.

As memórias da entrevistada sempre apareceram rodeadas de bom humor, talvez processadas pela vida por ela vivida. Com um sorriso estampado, lembra até de um cachorro que a acompanhava no trajeto da escola até a casa do tio Abraão:

Até eles tinham um cachorro nesta época, o Duque, um collie. Era coisa mais engraçada, ele me pegava pela mão, me babava toda, ele ia até a escola comigo assim, aí eu colocava as crianças pra dentro e ele deitava na porta da escola, na hora do recreio ele cuidava para eles não se afastarem, ficava pastoreando a gurizada, aquele cachorro era espetacular. Na hora da saída, todos iam embora, ele me pegava pela mão e me levava de volta para a casa.

Em relação aos alunos, Beatriz não demonstra recordar muitos nomes, confirmando o que Maurice Halbwachs traz em seu livro Memória Coletiva a respeito das lembranças de professores em relação aos alunos.

Em Capivari não cheguei a ficar um ano, eu tenho fotografia, mas não me lembro de todos, só dos mais conhecidos, assim mais da família...era os filhos do Zuzu e do Nandinho, não, não, era os filhos do seu Armênio, o Lauro, os filhos do seu Heitor, de quem mais... se eu estava noiva era...58 eu casei, então tinha que ser 55, 56...55 eu me formei, acho que foi em 57, mas olhando as fotos alguém vai reconhecer as crianças. O Lauro tenho certeza, acho que a Luciana, o João Oscar era aluno, quantos anos ele tem será?

Neste trecho também é possível perceber a relação que é feita com fatos pessoais para calcular o tempo em que ocorreram os eventos lembrados.

É possível perceber na narrativa de Beatriz uma certa indiferença pelo tempo que atuou enquanto docente, em contrapartida um grande orgulho pelo esforço por ela empenhado em voltar aos estudos depois de viúva e com os filhos pequenos. Formou-se pela Pontifícia

Universidade Católica de Porto Alegre em Direito no ano de 1975, com os filhos ainda pequenos.

Durante a entrevista, em vários momentos contou de episódios vividos no período da faculdade e na carreira na Companhia de Energia Elétrica do Estado, onde aposentou-se aproveitando o tempo de serviço em que fora professora paga pela Prefeitura de Viamão.

Eu era paga pela prefeitura de Viamão, tanto é que quando chegou na hora de me aposentar pela CEEE, fui fazer as contas e faltavam dois anos, e eu estava louca para me aposentar, não aguentava mais, aí me lembrei daquilo lá e o Abraão disse ‘quem sabe eu vejo...’ eu sei que não deu, não sei o que aconteceu que não deu. E na CEEE tinha um colega que a mulher dele trabalhava na prefeitura, daí falei para ele e a mulher dele procurou nos arquivos e disse ‘tem dois anos e oito meses’, porque depois que eu saí do Capivari eu dei aula no Passo da Feijó, pertence à Alvorada eu acho. Aí ela me trouxe um documento, aí olhei e disse ‘hoje posso me aposentar!’

No encerramento da entrevista, após as considerações que ambas, entrevistada e pesquisadora, pensaram necessárias para a entrevista, Beatriz colocou-se em um breve silêncio e concluiu em palavras que vieram ao encontro da teoria estudada a respeito do conceito de verdade e das modificações que a lembrança do fato vivido sofre no processo de narrar essa memória:

Sabe que agora vejo que é verdade... a gente vai ajeitando as histórias quando vai ficando velho, a gente acha saídas. A ideia é... a pessoa que está te contando ela viu assim, tu pode falar com outro e pode ser diferente.

## **5.2 Gessi, ex-aluna**

Gessi é uma das crianças que estão na foto em que aparece Leonel Brizola. Hoje Gessi é uma senhora ativa que cuida do marido bastante doente, e que depende dela para todas as atividades do dia-a-dia. Mesmo tendo perdido o filho único e passando por dificuldades financeiras, não demonstra nenhum tipo de amargura na sua fala. Muito pelo contrário. Sua fala foi sempre permeada por sorrisos, sonoras gargalhadas e colorida com lembranças suaves e doces.

Surpreende a riqueza de detalhes na fala de Gessi: datas, nomes completos e detalhes minuciosos foram sendo revelados ao longo da entrevista. Apenas uma pergunta, ou um indício de não compreensão da minha parte motivavam um imenso repertório de detalhes explicativos.

Gessi é prima da professora Beatriz, inicia seus estudos em Porto Alegre aos sete anos na Escola Ferreira de Abreu, no bairro Sarandi, Zona Norte de Porto Alegre pois morava com a sua tia Eva. No ano seguinte, 1955, vai morar com a outra tia e estudar em outra escola. Como não havia escola neste período em Capivari, seu pai desejava que ficasse morando por um ano em cada tia, de modo a não criar incômodo para uma só. (ver árvore genealógica em “Que Capivari é esse?”)

Eu estudei na escola Ferreira de Abreu que era um chalezinho de madeira cor de rosa, com uma escadinha assim, na beira da Assis Brasil que era de chão batido, entrei com sete anos lá foi... deixa ver 1947 com sete: 1954, depois 1955 fui estudar no Daltro Filho que era bem pertinho da Tia Miloca, porque o pai disse que ia ser assim: um ano com uma irmã, outro ano com outra. Daí eu fui para Daltro Filho ali perto do Hospital Militar, tem até hoje, só trocou de lugar. Ali eu estudei até a metade de 55.

Quando Abraão organizou as instalações da escolinha em Capivari, Gessi retornou para casa de seus pais, uma vez que poderia prosseguir os estudos na própria granja que os pais moravam.

Aí a Beatriz veio, era assim de julho para agosto que abriu a escola, não abriu em março porque tinha que colher primeiro, tinha que esperar a colheita. Nessa foto eu estou nessa turma aqui, pelo que me lembro, eu ‘tava’ sim, eu provocava o tio Abraão e dizia pra ele que eu ia gritar “Peracchi, Peracchi”, e ele ficava doido, dizia “não guria, é Brizola”. Nesse tempo aqui não lembro, não quero te mentir, mas é muito provável pelo cabelo louco que tenho até hoje, acho que eu sou essa aqui.

Fica evidente por várias vezes o quanto as relações de datas são referência para a localização dos fatos narrados. Os episódios são narrados duas ou três vezes em repetição, como uma tentativa de que eu não me perdesse nessa teia, nesse fio condutor.

A minha escola era bem pequeninha, a última professora foi a Julinha, depois o Brizola fez a escola nova, que era maior e mudou de lado da faixa... com sete anos estudei no Ferreira de Abreu, eu nasci em 1947, a escola de Capivari abriu em 1956, eu estava no segundo ano, eu entrei tarde na escola, com mais de sete anos, no ano que entrei na escola já fiz oito. No primeiro ano que estudei em Capivari foi a Beatriz que me deu aula, depois Irene Gonçalves Ferreira, depois ela casou com um argentino daí ele ficou Irene Ferreira Miranda.

Na fala de Gessi aparece a fama de “namorador” de Abraão Nunes.

Em 56 em fui para Capivari com a Beatriz, depois em 59 para Viamão, aí neste tempo a professora que foi para lá foi Eva Andreoli, ela era de Osório. Ela não era muito bonita, ela era mais madura que as outras, e daí diziam que

ela era amante do tio Abraão. A tia tinha ciúme dele, ele não podia ouvir que tinha uma reunião que ele colocava a professora no jipe e trazia. A tia Elzira ficava doida.

Em relação ao nome da escola, de todos entrevistados apenas Gessi, com sua excepcional memória para nomes e datas, lembrou-se.

Era escola municipal de Capivari, depois passaram para Santa Isabel, não sei se era o nome da mãe do Nandinho ou da vó dele... a mãe do seu Armênio se chamava Isabel... eu não sei se era Santa Isabel ou só Isabel, só sei que andaram trocando naquela época, não sei te dizer quando exatamente. Talvez quem soubesse te dizer com certeza é a Maria Isabel, que foi professora no entroncamento, casada com o Mario Oli, ela foi aluna lá, ela vai saber te dizer, porque era o nome da vó dela, ela era filha do seu Alberto, falecido Alberto. A Maria Isabel parava na casa do seu Armênio, pai do Lauro, daí às vezes eles iam de caminhonete com seu Armênio, ele levava, e às vezes a cavalo. Ela é Maria Isabel por causa da vó dela, ela vai saber te contar do nome da escola. A dona Isabel era mãe do seu Alberto, seu Armênio, seu Armando, Álvaro, Antonio, era tudo com “a” e tinha duas irmãs também. O seu Armênio tinha uma Dodge azulzinha e às vezes dava carona para nós quando estava chovendo.

Uma constante na fala dos entrevistados é a dificuldade de locomoção da época, o quanto caminhavam, que saíam cedinho de casa “cortando geadas” de pés descalços muitas vezes. Contam bastante das caronas oferecidas pelos donos da fazenda, a lembranças dos jipes e caminhonetes é recorrente, demonstrando o quanto o automóvel era uma forma de demonstração de poder aquisitivo.

Sobre as instalações da escola, merenda, castigo e rotinas escolares Gessi conta com detalhes aquilo que lembra. Nas anotações do caderno de campo fiz observações sobre como ela olhava para cima, como se estivesse vendo no teto da sua casa de hoje a decoração e os móveis que narrava detalhadamente. Em quase todos momentos desenhava no ar o formato das cadeiras, das mesas, o movimento da sala.

Era assim, era uma casinha, aí tinha as classes, não era carteira, era uma coisa comprida e entrava uma porção, cabia uns seis, tinha poucas. Sentava ali a turma do primeiro ano, a turma do segundo ano e a turma do terceiro ano, daí riscava o quadro e a professora ia na mesa e ajudava, olhava todos, mas devia ter poucos, não é como agora trinta alunos. Estou falando isso do meu tempo, julho de 59, depois não sei. A merenda cada um levava a sua, e a limpeza parece que a professora varria, mas eu não lembro, a gente não sujava também, não lembro se a gente ajudava ou não. Eu levava as coisas que a mãe fazia, bolachinha caseira, pão caseiro, outras vezes a gente nem levava, nem me lembro se a gente tinha fome. No meu tempo não tinha castigo, não tinha nada, os alunos eram muito comportados, é que no início os alunos tinham respeito, a professora era uma autoridade, como não tinha escola eles valorizavam muito. A gente ia na escola para aprender a ler e

escrever e matemática, e só. Depois eu não sei, mas até 59 tenho certeza que não. Todo mundo já fazia um exercício para chegar na escola, já chegavam cansados.

Durante a entrevista com Gessi, ela traz relações familiares atravessando as questões escolares. Em perguntas sobre os alunos, foram recorrentes relações de cor, de nível econômico e, principalmente dos supostos laços de sangue com outras famílias.

Tinha os negrinhos, filhos da dona Dorcelina, ela tinha uns filhos todos bem negrinhos e a Ana Maria era filha dela e era uma mulata que saiu mais clara e a Ana Maria era tão bonita, diziam que ela era filha do tio Érico, só era ela de mulher e era a mais velha, depois a dona Dorcelina teve uma porção de negrinhos. O tio Samuel e o tio Abraão que diziam isso. Um dia a Zeli (filha do tio Érico e da tia Eva) foi passar uns dias lá fora de férias e o tio Samuel bebia muito, perguntou se ela não ia visitar a irmã.

Trouxe com muita frequência “causos” engraçados, ria bastante durante a sua narrativa. À medida que contava um fato de determinado tempo, voltava em alguma observação anterior que não considerava completa. Neste movimento, foi possível observar o “trabalho da memória”, conforme Ecléa Bosi traz em sua teoria.

Ia eu e o João Luiz que era mais novo, a gente ia rapidinho para não chegar atrasado, às vezes a gente ia na nossa égua que chamava Maria Faceira. Uma vez a gente foi para aula a cavalo, daí deu uma chuva forte, daí fomos embora de carona com o seu Armênio, ela ficou amarrada no cata-vento do tio Dudu, eu não queria ir embora e deixar ela amarrada, daí o tio Dudu guardou ela dentro do pátio e soltou ela, pobre da Maria Faceira (risos). Quando a tia Filinha foi embora para o entroncamento, logo em seguida a vovó Rosa foi também (risos). O tempo da escola era tudo muito bom, que saudade...só tenho boas lembranças.

A respeito da, por assim dizer, evasão populacional do povoado do Capivari Velho para o Entroncamento Gessi explicita em poucas palavras este evento. Em diversos momentos também contextualiza a precariedade dos serviços de saúde e transporte da época em Capivari.

A primeira escola era no lado da barrocada, a segunda do outro lado. Ela era perto do secador do Zuzu, ela trocou de lado porque no outro lado não tinha mais ninguém, o tio Abraão e o tio Miguel já tinham trocado de lado, tio Dudu, dona Rosa também. Depois foi vindo todo mundo para o Entroncamento, daqui a pouco não tinha mais ninguém, era uma casinha lá e outra cá. Quando o tio Érico vendeu o armazém na estrada da Barrocada ele vendeu para o seu Gumércio que era solteiro, isso sei porque lembro que tinha o dentista Napoleão que ia lá em casa e avisava todo mundo para ir arrumar os dentes e a broca era tocada com o pé a rebolo e ele ia lá zzzzzzzz (risos) e do lado de cá ficou o tio Miguel mais um pouco, depois mudou para Palmares e depois para Osório.

A memória narrada é uma das possíveis versões a serem contadas, não a expressão da mais pura verdade dos fatos ocorridos. Sobre a vinda de Zeferino Nunes de Osório para Capivari, Gessi contou sussurrando a versão que ela mesma reconhece ter ouvido de suas tias em “pedaços”. Conta que ouviu durante toda sua vida algumas informações soltas, demonstrando o processamento das “verdades” que usou para formar o todo que narra na ocasião da entrevista.

O teu bisavô era de Osório, a chácara dele é onde é o hospital de Osório agora. O velho pai dele tinha um navio de escravos, era um português que fazia tráfico de escravos. Aí eles ficaram com aqueles barcos, e faziam transporte de comércio: cachaça, e outras coisas. Diz que a vó criou os filhos embarcados, enquanto eram todos pequenos. Ele era bem de vida, onde hoje é o hospital era a casa deles, o nome dele era Zeferino Luiz Nunes, dizem que ele era muito safado, muito sem vergonha, ele comprou um sobradinho no Partenon, ele era rico e ali era o ajuntamento de mulheres e para os amigos. Ele era importante, na revolução de 23 ele abrigou os revolucionários na casa dele. Depois ele ficou na miséria total, se desesperou e enlouqueceu, daí foi internado no São Pedro, e lá começaram a dar umas injeções para a cabeça, mas elas atacavam os rins, naquele tempo era tudo precário. Daí ele acabou morrendo por causa dos rins, que era por causa da cabeça. Daí os filhos estavam grandinhos, daí a vó fazia bolinho de coalhada, pastel tudo que é coisa e colocava os guris a venderem lá em Osório para não passar fome. Quando ele morreu eles já estavam em Capivari.

Para encerrar, talvez a confirmação de vários aspectos teóricos sobre a memória foram abarcados na fala da entrevistada. O processamento da memória ao longo da vida fica evidente, a lembrança mais significativa de um irmão pode não ser a mesma do que para outro. Mas o que me chamou a atenção de modo especial foi a preocupação de que a “verdade” narrada pudesse ser contestada, posta à prova, pelo depoimento do irmão.

O João Luiz estudou lá, uma pena que ele deletou tudo de bom, agora ele só vê o lado ruim das coisas, ele não gosta de lembrar de nada, só se queixa de dinheiro, só fala de quando era rico, só que lembrar do que era bom quando ele tinha dinheiro, não vim aqui falar disso, mas me deixa triste meu irmão assim. Nem perde teu tempo conversando com ele, só vai te contar coisa ruim. Garanto que não vai lembrar o mesmo que eu.

### **5.3 Salvador, ex-aluno**

A entrevista de Salvador aconteceu na casa de sua irmã Diles em Capivari do Sul, já que ele mudou-se ainda jovem para Viamão. Quando cheguei lá para a entrevista fui recebida

com bolo e chimarrão por vários familiares de Salvador, que também foram até lá para vê-lo, pois hoje em dia raramente vem para a cidade natal.

Percebendo isso, senti-me lisonjeada em saber que viera de Viamão tão somente em função da minha pesquisa. Sentiu-se importante nessa minha empreitada de procurar ouvir memórias do seu tempo de infância. Trouxe algumas fotos, mas infelizmente eram já das instalações da escola do Entroncamento e não da escola Santa Isabel.

Num primeiro momento percebi que Salvador estava envergonhado, um tanto retraído. Pensei que pudesse ter ficado intimidado pelo gravador, mas logo que fui explicando os objetivos da pesquisa ele revelou que estava preocupado com a sua linguagem e de que forma eu aproveitaria as lembranças dele se ele não contaria “com as palavras direitas” como nos livros. Porém, foi muito à vontade que Salvador narrou as suas recordações.

Era assim ó, quando nós ‘ia’ na escola ‘era’ três no lombo de um cavalo, meu irmão, eu e a minha irmã Erci. Mas às vezes a gente perdia um cavalo, ele saía do potreiro e a gente ia a pé em cima de um cepo de tamanco, e era chão batido, não tinha asfalto, como é que se diz, era estrada de chão batido. E quem dava muita carona para nós era o falecido Abraão, que ele tinha uma caminhoneta Aero willys azul, parece que era azul, e ele dava carona para nós. Então nós ‘descia’ no colégio, depois de lá pra cá nós ‘vinha’ a pé. Quando ele largava da granja e dava naquele horário, daí ele dava carona de novo. Era de manhã, então quando ele ia daqui pra lá era eu, minha irmã e o Zé e esses colegas que ia junto, que era, me esqueci o nome do pai dele...era o Nenelo e o Polica, e a Marli, e nós ia atrás da ‘caminhoneta’, quando ele vinha já parava para dar carona, aí nós ‘embarcava’ e ele largava lá. Quando não dava certo a hora da carona, nós ‘largava’ a pé. No outro dia nós ‘ia’ a cavalo de novo. E quando chovia nós ia a cavalo também, na chuva mesmo, às vezes a minha irmã não ia, daí ia eu e meu irmão.

Diferente das demais entrevistas, Salvador recordava mais das “artes” que aprontavam. Talvez pelo fato de que ele mudou-se para a cidade, as memórias do campo lhe eram tão caras.

Tinha aquela lagoa quem vai daqui pra lá, à direita, aí nós ‘guardava’ as ‘funda’ ali pra caçar passarinho ‘né’ (risos)... quando nós ‘chegava’ atrasado no colégio, aí a professora não deixava entrar, então o que nós ‘fazia’? Nós ‘matava’ horário e ‘passava’ na casa da vó Rosa, que é tua bisavó, então nós ‘matava’ horário ali para chegar em casa, pra não dizer que tinha perdido a aula. Ela não contava, mas a professora depois chamava os pais e dizia que o fulano não veio, a mãe dizia não mas ele veio, então quem protegia muito era a vovó, por isso que eu me emociono hoje (lágrimas) ... aí a gente vinha pra casa ‘né’, ‘fazia’ os temas, aí quem ia a aula a gente ia na casa pra pegar a lição, aí nós ‘mostrava’ pro pai e pra mãe: olha, ‘tá’ tudo pronto! ‘Tá’ aqui os ‘ditado’! É que a gente fazia muito ditado, e no outro dia era a mesma coisa.

Em diversos momentos Salvador faz comparações do seu tempo de aluno com os dias atuais, mantendo um tom sempre saudosista, reforçando o senso comum de que antigamente as coisas eram melhores, as relações mais saudáveis etc. Valorizou muito na sua fala o papel dos pais na sua educação e dos irmãos, o respeito e os costumes da época também foram levantados por ele.

Eu era comportado, isso aí era, era bem comportado, a matemática, essas contas de vezes eu era... bá, era bom, aí fui me esquecendo. Então nós 'saía', primeiro tinha que tirar o leite, para depois ir pro colégio, então a gente fazia a lida de manhã e depois ia pro colégio. Tomava café, às vezes tirava o leite da vaca e já tomava ali na hora, ali mesmo. Aí a falecida mãe arrumava o café, nós 'tomava', era tudo feito em casa, mas sempre tinha assim, como se diz, aquela visitinha de médico na casa da vovó, antes de ir para aula. Ela fazia pão de arroz, aquele abatumadinho, a gente ia às vezes a pé e deixava o cavalo pertinho da casa da vovó pastando lá. Nós 'ia' por aquele valão onde eles puxavam água, mas quando nós 'ia' chegando perto da casa da vovó ela já sabia que tinha que dar aquele pãozinho, era sagrado, daí nós 'ia' ao colégio junto com os guris que era teu pai, aquele que faleceu, o Nê, então a gente cuidava muito eles, não é que era malvada a gurizada, mas era coisa de gurizada, era um tapa, um derrubava os outros.

Memórias ligadas à alimentação, aos agradados feitos pelos vizinhos com alimentos gostosos ocuparam grande parte da narrativa de suas memórias. Por vezes se detinha a detalhar minimamente alguma receita. Assim como Gessi, Salvador também demonstrava uma concentração, um desejo de recordar nomes e datas com correção.

Não sei como era o nome da escola, minha mãe que sabia, minha mãe guardava tudo, tinha muita foto e quando ela faleceu minhas irmãs botaram tudo fora... porque 'tava' tudo muito amarelada, mas tinha o nome da escola, era escola... eu vou ver se falo com meu irmão pra ver se ele se lembra o nome da escola, ele era mais velho que eu, de repente... ai como era o nome da escola... era escola rural, não me lembro se era isolada, mas quem fez essa escola foi os granjeiros... então o estudo ali era da comunidade porque até o falecido Miguel era padrinho da minha irmã, o falecido Abraão era do meu irmão que é mais moço que eu.

Sobre o cotidiano da escola revelou que os alunos eram comportados em sala, trouxe exemplos da rotina da escola e sobre a influência do que os pais aconselhavam em casa. Mas quando falou de uma determinada professora demonstrou certo desconforto, procurava as melhores palavras, mas acabou colocando outro assunto em pauta. Todas as vezes em que perguntei sobre ela, igualmente respondeu de modo evasivo.

Não tinha merenda, era de casa, a merenda não tinha, a gente levava de casa. A sala a gente varria, sempre tinha... assim... aqueles que a professora dizia é aquela dupla que vai varrer a escola hoje, e a gente varria. Tinha dois turnos,

um de manhã outro de tarde e então tinha as classes, que eram daquelas grudadas, classe e cadeira junto, a classe era pegada na cadeira da frente. Então a gente, antes de entrar pra escola, fazia uma fila para entrar e depois rezava o Pai-Nosso antes de começar a aula, depois cantava o hino, cantava todos os dias. Isso é que... bá (lágrimas)... ficava lá na rua, em posição de sentido, não tinha rádio, cantava no 'gogó', era lindo de ver, todo mundo sabia na ponta da língua, e a professora saía lá da frente e ia até o último aluno para ver se estava todo mundo cantando, era lindo. Tinha recreio, as gurias cantavam aquela... ai não me lembro... aquela música de roda... agora não me vem na cabeça... às vezes aparece na televisão as crianças nesses orfanatos cantando... me esqueci o nome... cirandinha... aquela... como é o nome... também fazia do ovo choco. Então a gente... terminava o recreio, mas todo mundo fazia tudo, respeitava a professora. Hoje eu fico assim 'né', às vezes tem muitos que dizem que a professora é mal educada, mas nós não. Nós 'tinha' um respeito na professora, a professora só olhava e... deu, ela falava e todo mundo obedecia, ficava quietinho. E ela era nova, mas todos, todos obedeciam. Então ela nunca dizia você não vai sair pro recreio hoje, não, nunca, fazia tudo todo mundo junto, e ia pro recreio todo mundo junto também. Eu tive aula depois com a Julinha, a professora Julinha. (silêncio). Eu sempre fui comportado, quando dava aquelas brigas eu ia apartar, a gente defendia os pequenos que era o teu pai, o Nê, teu tio, porque eles eram pequenos, quietinhos, e que o meu pai sempre era muito do falecido Dudu, teu avô, e do falecido Abraão, eram muito unidos. Então quando a gente descia da 'caminhoneta' do seu Abraão sempre dizia muito obrigada.

Salvador compara a exigência dos professores da escola Santa Isabel com a nova escola que ele e seus irmãos começaram a frequentar no Entroncamento. Ratifica o quanto a nova escola era "forte", do mesmo modo que todos os demais entrevistado também o fizeram.

Aí foi difícil, era mais rígido, era mais puxado. O colégio aqui era mais puxado o conteúdo. Lá a professora explicava... a gente estudava, mas aqui pegou mais, aqui o professor Almirando e a professora Guilhermina 'puxava' pela gente. Aqui teve merenda, aqui já tinha merenda daí. A gente plantava e colhia pra merenda. O professor Almirando tirava uns minutinhos e colhia com a gente, e as coisas iam pra merenda. Todo mundo ia pra roça, tirava a graminha do meio das couves. Aqui era mais salas, não sei se era quatro ou cinco salas. Aqui a professora Guilhermina fazia as perguntas da tabuada, tanto de baixo pra cima quanto de cima pra baixo. Ela 'tava' no um daqui a pouco ia pro sete depois pro cinco, então eu sabia tudo na ponta da língua... tinha que saber 'né'.

O assunto fracasso escolar fora tratado por Salvador com naturalidade, comum também entre os demais entrevistados. Condutas comuns na cultura do interior nas brincadeiras e algumas simpatias também foram lembradas.

Lá era tudo igual, ela dava a mesma atenção pra todos, e a gente não discutia. Quem aprendia a ler e escrever, e ficava melhor, a professora passava pra tarde com a Julinha. Ficava de manhã só quem ainda não sabia ler e escrever, daí quando aprendia já ia pra outra aula. Eu fiquei lá até... acho que eu rodei uns dois anos... daí ficava na mesma aula... Daí sei que era

um boletim enorme, a professora ‘botava’ estudar mais, ‘tá’ bom o aluno... mas quando ‘tava’ ruim a gente não mostrava pro pai e pra mãe... ela não buscava porque a gente não brigava, a gente cuidava um do outro, daí a professora não chamava, por isso que me lembro de hoje... naquele tempo... e um não contava do outro, para ti ver que a gente levava funda pro colégio e deixava no meio do campo, escondida, no meio do mato, e quando a gente vinha de lá pra cá, daí a gente pegava. Lá nunca teve castigo, nunca precisava, mas aqui tinha, aqui nós ia pros grãos de milho. Eu fui também, era porque não sabia, e ninguém dava bola, ninguém punia a professora. Aí a professora dizia amanhã eu quero tal lição... e era o que a gente fazia, aquela lenda de antigamente, ‘bota’ o caderno aberto debaixo do travesseiro em cima da cama. Então a gente dormia em cima do caderno para aprender tudo, era uma simpatia, então a gente fazia. E com os colegas sempre foi muito tranquilo, a gente brigava, mas no outro dia ‘tava’ amigo, estudava com os irmãos também e nunca tinha problema, nunca discutia, respeitava demais a professora.

Segundo as memórias narradas pelo entrevistado, tanto os alunos, quanto famílias estavam satisfeitos com a educação oferecida na escola Santa Isabel, apenas o desconforto com o trajeto até a escola era o aspecto negativo. Assim mesmo a satisfação de garotos, num remoto povoado onde não havia carros, era a carona em algum jipe ou caminhonete de algum produtor mais abastado.

Para nós ‘tava’ sempre tudo bom, a gente até estudava e quando chegava a hora de embora... porque nós ficava agoniado pra ir embora, com a cabeça pra ir embora... porque depois ‘se’ lembrava a gente ‘ta’ estudando aqui, tem que ir embora a pé, não tem carona, tinha que ir de tamanco... nós ‘morava’ aqui perto da ponte e até o secador é uma pegada, nós ia a pé...dava quase um quilômetro, acordava cedo e saía pra não chegar atrasado. Então a gente chegava e batia palma na frente pra começar a aula logo. E na volta a gente ‘chuleava’ uma carona, ‘tinha’ dois que davam, tinha o Abraão e outro que tinha uma ‘caminhoneta’... era o... qual era o outro... eu sei que ‘tinha’ duas ‘caminhoneta’ que ‘ia’ pra aquele lado, daí nós ‘pegava’ carona e ‘saía’ faceiro cedo em casa, porque almoçava todo mundo junto.

Os rituais familiares eram mantidos e hoje narrados com orgulho pelo entrevistado, que inclusive conta que tenta manter diversos desses costumes entre seus filhos e netos, como fazer as refeições todos juntos, sem a televisão ligada. As questões de gênero são abordadas de modo aparentemente equilibrado pelo entrevistado. A escola era vista como viabilizadora de uma mudança de vida. “Ser alguém na vida” é um discurso recorrente na fala dos entrevistados, em especial de Salvador.

Não é nada eram 14, quando era tudo vivo 14, era uma baita mesa e todo mundo sentava junto, era uma mesa feita em casa, era artesanal. O pai sentava na ponta e a mãe na beirada, e sempre tem aquelas briguinhas de irmão, mas o pai olhava pra gente e nós ‘baixava’ a cabeça. Eles queriam que nós ‘ia’ pro colégio. Nós ‘ia’ porque gostava e porque eles achavam

importante. Se a professora chamasse a mãe, aí, aí a coisa ficava feia (risos) ia pro pau, e se algum irmão risse também ia junto, então era isso aí. Ensinei meus filhos como eu fui criado, tenho três filhos e do jeito que meu pai passou, eu passei pra eles. Claro que hoje a gente não vai bater, vai dialogar, vai sentar ‘na’ mesa e saber o porquê, vai conversar, e a mulher não desfaz, porque é como meu pai dizia: o homem faz a mulher e a mulher faz o homem. Só era ruim quando perdia o cavalo, daí tinha eu ir a pé (risos). O pai e a mãe diziam que a gente tinha que estudar para ser alguém, e de fato, hoje o estudo que eu estudei aqui, se fosse hoje, pro serviço que eu tenho... se fosse hoje não pegava. Que eu trabalhava assim... mais na experiência. Hoje eu sou aposentado, hoje se eu fosse pegar no serviço que eu ‘tava’ era exigido o segundo grau e olhe lá, eu sou maquinista do pronto socorro de Porto Alegre, então fiz oito cursos, tenho oito canudos e quatro medalhas, bronze, prata e duas de ouro, de tantos anos sem nenhuma falta, e sem nenhum atraso, e sem nenhum inimigo também.

Se recordar é voltar ao coração, se o ato de lembrar é atravessado pelas emoções vividas, Salvador utiliza-se do saudosismo, que é típico de quem recorda sem assim desmerecer o valor acadêmico da sua narrativa. Já que ao narrador cabe lembrar e ao pesquisador relativizar os fatos.

Naquele tempo a gente saía tranquilo, sem medo, hoje a gente sai e não sabe se volta. As portas eram tudo de tramela, não precisava trancar... Se eu pudesse... eu ‘voltava’ naquele tempo de novo, ninguém tinha maldade... quando olho nessas fotos eu penso que é um tempo que não volta mais (lágrimas). Mas eu sinto saudade, queria ver os colegas de novo... a gente podia combinar com todos, e fazer um almoço pra reunir, eu vinha com a minha família, é só ligar que eu venho.

#### **5.4 Manoela, ex-professora**

A professora Manoela foi entrevistada na sua casa, onde mora com o marido. A família dela possui um pequeno armazém na zona rural de Viamão, no distrito de Capão da Porteira. Está recuperando-se da retirada de um tumor e cuidando do marido que também encontra-se doente em função da avançada idade. Manoela me recebeu com uma alegria imensa, mas também com uma preocupação com sua memória, segundo ela, já cansada.

No contato inicial, Manoela perguntou se haveria a possibilidade de que eu adiantasse as perguntas que iria fazer, de modo que ela pudesse ir “ajudando a cabeça a lembrar”. Tentei explicar que não seria nada muito específico, que não haveria nenhum inconveniente se ela não lembrasse de nomes ou datas, pois fiquei com receio que o roteiro acabasse engessando suas respostas. Mas, diante da doce insistência, acabei cedendo uma cópia do roteiro.

Penso que a prática da pesquisa vai trazendo a experiência e a sensibilidade necessárias para lidar, da melhor forma possível, com os sujeitos a serem entrevistados pois complementa aquilo que a leitura e o estudo já orientam.

No dia da entrevista, para meu alívio, Manoela estava muito feliz alegando ter pensado na entrevista desde nosso último encontro. Revelou ter se motivado a lembrar de cada detalhe, ainda disse que esqueceu até das dores que sente pela cirurgia há pouco realizada. Com empolgação foi contando tudo que lembrava, e não mostrou-se nenhum pouco intimidada com o gravador.

O primeiro ano que fui professora foi...foi nas Lombas, o segundo que foi lá em Capivari...46 com 18..comecei com 18 anos...daí dá 1965. Em 1965 comecei nas Lombas, em 1965 dei aula em Capivari... Quem fez tudo foi o Caboclo Lopes. Ele que arrumou... o pai falou com ele, não sei bem como foi, daí ele me chamou. Eu não sei se ele tinha alguma coisa com os políticos, com Viamão, não sei bem certinho isso, não tinha para quem perguntar agora... todo mundo já morreu, fiquei só eu.

Quando questionada sobre a decisão de ser professora e como fora sua formação para o desempenho da função, Manoela confirma as estatísticas que dizem que nas décadas de 1950/1960 a maior parte dos professores das escolas rurais não possuía formação específica para atuar com as classes. Cabe observar que não havia possibilidade de prosseguir estudos na maioria das comunidades além do primário.

Com sete anos vim para cá, meu pai era analfabeto e achava horrível, não deixava não estudar, não ter estudo. Ele dizia que a pior coisa, a pior coisa do mundo era ser cego e enxergar, ele dizia que não saber ler era pior que ser cego. Nós somos em cinco irmão e todos sabem ler, só a Ana que não passou do segundo ano, porque era epilética e não conseguia, era difícil de aprender as coisas. Ele saiu, vendeu a chácara nos Tapumes para nós poder estudar, veio e comprou essa meia hectare que nós estamos aqui no Capão da Porteira. Eu estudei até o sexto ano aqui na Escola Canquerini. Depois nada. Fazia aqueles cursinhos que tinha dentro da prefeitura para 'se' atualizar. Se eu te contar que o pai arrumou o colégio, junto com a Maria Irene, Rainha do Brasil para nós, lá em Porto Alegre. Aí eu fui com ela, eu tinha uns 14 anos por aí, comecei a chorar lá, daí eles não queriam ficar comigo chorando lá. Obrigado não. Eu nunca tinha ficado fora de casa. Ela ficou lá. Eu não, mas tive toda chance.

Mesmo que seu pai tenha sido seu incentivador para o prosseguimento dos estudos, Manoela desistiu de estudar. Quando apareceu a oportunidade de dar aulas, também foi seu pai que a incentivou. Apesar da educação dada no seio da família, as questões de gênero aparecem no casamento quando Alcides, seu marido, pede para que não trabalhe mais fora de casa. Chama atenção a importância dada pelo pai de Manoela para a educação, principalmente

para a alfabetização. Durante toda entrevista Manoela traz a importância do pai na vida escolar de todos os filhos.

O meu pai que me incentivou, sempre ele quis, alguma coisa tem que fazer, nem que seja ensinar os outros a ler em casa, porque é triste enxergar e ser cego. Ele tinha uma paixão para ler... mas nunca aprendeu, ele dizia que outra pessoa podia ler, mas será que estava lendo o que estava escrito? Ele pedia só para pessoas de confiança lerem. Ele não deixou nenhum filho ficar sem estudar. Os dois mais velhos que eu, o pai colocou uma professora em casa para ensinar. Daí os outros estudaram já aqui no Canquerini, quando os guris mais velhos chegaram no 3º ano teve que morar aqui. Ele dizia: “não vão fazer o tema? Então vão arrancar guanchuma!”, daí eles faziam todos os temas, eu guardei muito isso na cabeça. Eu nem dizia que não queria fazer os temas (risos). Ele dizia “olha meus filhos, saber não ocupa lugar, vamos aprender!”. Ele era de 1900, mas a cabeça era de novo. O pai não se importava se era menino ou menina, podia estudar. Ele não gostava de levar nós para a lavoura, o serviço era pesado, era rigoroso, só levava quando não dava conta. Sempre gostei de ler, leio tudo até hoje. Não esqueci como as professoras me ensinaram, mostravam uma letrinha, mostrava como fazia, daí eu... Só esses dois anos, eu estive lá na Lomba e em Capivari depois, depois eu quis fazer corte e costura com uma prima minha que ensinava, daí com 22 anos casei... daí não deu mais, o Alcides não queria que trabalhasse fora. Queria dizer que meu pai ficou muito faceiro quando eu fui professora, para acertar com o mundo, tinha uma conta com as pessoas para pagar, pagava ensinando a ler, tirando as pessoas do escuro. Ele dizia que é triste ser cego e enxergar.

Na narrativa de Manoela sobre sua vivência enquanto professora, não há grande demonstração de reflexão sobre os fatos, maior é a presença da narração das rotinas executadas. Talvez pelo pouco tempo de exercício da função, talvez pelo grande espaço de tempo transcorrido, ou porque essa vivência possa não ter sido significativa na sua história de vida.

Lá da escola da Lomba eu vinha a pé, se o pai não podia ir buscar eu vinha a pezinho, soltava as crianças as quatro e pouquinho e nem ia na casa do Diogo, que eu parava lá de segunda a sexta. E no Capivari eu parava na casa da tua vó, teu pai e teus tios fui eu que alfabetizei. E quando não estava na escola lia um livro, planejava a aula do outro dia. Nas reuniões em Viamão da Secretaria de Educação eles ensinavam, orientavam bem, dava tudo certo, eles ensinavam a preencher as planilhas...sempre tratei todos alunos com amor e carinho, eles estão uns homens velhos e me beijam e me abraçam até hoje. Eles chegam aqui e fazem uma folia. Tem outros que já faleceram.

As dificuldades de uma professora rural eram muitas, principalmente de transporte e estadia. Na maioria das vezes moravam na casa de pessoas da comunidade quando ministravam aulas longe da sua casa. Dificuldades advindas dos poucos recursos também eram constantes, e, apesar da escola já ser mantida pela Prefeitura de Viamão quando Manoela foi professora lá, não melhorava muito a

distribuição de recursos para melhorias estruturais e de material para os alunos. Porém o apoio pedagógico na Secretaria Municipal de Viamão colaborava para a prática docente de jovens professoras como Manoela.

O que era mais difícil era tu juntar os pais para fazer uma reunião, porque eles nunca podiam, todos trabalhavam na granja. Era muito difícil. Se chamasse eles vinham sozinhos, mas reunião nunca. Eles eram muito pobres, não me queixo. Por tanto que fecharam essas escolinhas tudo, daí vem os ônibus e arrecadam tudo para as escolas maiores. No último ano eu lembro que vinha uma professora de outra escola para aplicar as provas, eu ficava nervosa. Uma vez eu apliquei uma prova lá na Estiva também, para não ter perigo da professora dar a resposta, porque nós éramos sozinhas, ‘tinha’ que dar um jeito de cuidar. As provas iam para Viamão, para a Secretaria de Educação. Eram eles que me pagavam também. Era legal que tu fazia amizade com as outras professoras, a escola que eu apliquei era da Gilda, mas eu não me lembro o nome da escola.

Na narrativa da ex-professora parece haver um grande controle da Secretaria de Educação sobre as provas dos alunos. Manoela relata medo do desempenho dos alunos nas “sabatinas”. Sobre o número de alunos e as dificuldades de trabalhar com as classes multisseriadas, Manoela traz que

Eram poucos alunos, eles aprendiam. Mas eu me dedicava mais aos que tinham dificuldade, não tinha como separar em outra sala e eram três turmas juntas. Meu Deus do Céu, era difícil, dividia o quadro e quando eles estavam muito atrasados tinha que pegar eles de tarde... (silêncio) me esqueci o que tu me perguntou mesmo...(risos) essa minha doença braba e ficar cuidando do Alcides me deixou assim, fico numa tensão, nem durmo direito. É uma luta (suspira). É isso, isso. Não sei se comigo era três turmas, não sei se algum chegou a alcançar o 3º ano, eu ficava mais preocupada em alfabetizar, teu pai eu que alfabetizei. Eu parava na casa da tua vó e cobrava eles. Toda vida eu adorei criança... O mais difícil para mim era fazer a sabatina, porque eu sabia o que eles sabiam, eu pensava: “coitadinhos”. Aquela do final do ano vinha pronta, eu já sabia qual era o conteúdo e tinha que apertar eles. Eles tinham um medo das provas, ficavam tremendo.

Manoela esteve disposta a contar tudo aquilo que lembrava, inclusive uma espécie de método de alfabetização que utilizou. Ainda fez uma crítica aos tempos atuais, onde, segundo ela, as futuras professoras estudam mais tempo e ainda não atingem os resultados esperados.

Não tinha lição de casa, porque o espaço de brincar era pouco, não dava para sobrecarregar os coitadinhos. O tema era formar uma palavra, ou desembaralhar umas letras que eu dava e formar uma palavra, era escrever palavra que começasse com A, às vezes saía uma só (risos), mas a gente ia indo... uma hora acontecia! Por vezes demorava! Não fazia ditado no início do ano, só do meio do ano para frente, quando eles já tinham aprendido todas as letras. Uns trocavam as letras, o P pelo B, o F pelo V, assim. Não sei se eles não sabiam ou se a professora não ensinou direito (risos). Eu vejo

agora, as professoras estudam quatro anos para depois chegar perto das crianças, e às vezes não conseguem alfabetizar. Naquele tempo nem sei como dava certo, eu não estudei nada, fazia só o que tinha na cabeça... Hoje eu leio muito, meus filhos me xingam porque fico distraída lendo tudo, mas naquele tempo não tinha livro disso, de ensinar a alfabetizar. A minha nora também é professora como tu, ela só quer trabalhar com os pequenos porque os outros estão sem educação. Eles eram muito obedientes, nunca precisei reclamar de um aluno para o pai. Eu peguei uma onda que os pais davam ordem e os filhos obedeciam. Eles iam de chinelinho de dedo, mas a maioria de pé-descalço. Uns iam de tamanco, os do Miguel Nunes. Parece que não tinha uniforme, não sei bem. Parece que tinha um guarda-pó branquinho. Quando era inverno, eles iam de chinelinho, no verão de pé descalço. Não, os coitadinhos vinham sempre. Entrava 8 horas, depois 10 horas era o recreio, eu dava meia hora para eles brincarem e eu ia junto, se não dava bagunça e eles podiam se pisar. Depois quinze para meio dia largava. De tarde eu planejava, organizava o meu caderno para o outro dia lá na tua vó. Eu pegava uns livros na prefeitura para me orientar, buscava as cartilhas para eles. Não tinha Xerox, nem folha mimeografada, era lição no caderno. No quadro e no caderno. A maior dificuldade eram os pais, quando vinham porque as crianças não faziam a tarefa, eles já diziam “como vou ensinar se não sei ler, nem eu, nem a mulher, por isso eles estão na escola”.

Os aspectos voltados à gestão da escola continuaram evidentemente a cargo da própria comunidade, neste caso dos proprietários da lavoura e dos pais dos alunos. Já o aspecto pedagógico ficava sob a responsabilidade do município de Viamão, inclusive o material dos alunos que era composto de alguns livros, cadernos, lápis, borracha e giz para o quadro negro.

O que vinha da Prefeitura, eu trazia. Mas tinha época que era pouco e os pais compravam. Vinha tudo pingado. Quando tinha reunião lá, eu trazia de ônibus, era bem pouquinha coisa, a turma era grande até. Tinha uns vinte na sala, tocava uns dez para cada turma. Arrumação e conserto eram os empregados dos Nunes que arrumavam, eram os empregados da lavoura. Nem sei quem avisava, quando eu via eles vinham arrumar. A escola era novinha, só tinha umas boladas que quebravam os vidros (risadas).

Percebi que Manoela estava cansada, talvez pelo esforço de falar muito, e mesmo sabendo que ela teria mais para contar, sugeri que marcássemos outro encontro para que ela contasse tudo aquilo que ficara faltando. Para encerrar, perguntei o motivo pelo qual abandonou a profissão, já que durante a entrevista me pareceu tão envolvida com a causa dos alunos, durante a resposta foram dados grandes suspiros e pequenas pausas, que infelizmente a transcrição nunca poderá expressar.

Parei porque fui fazer o corte e costura, gostei mais do corte e costura do que dar aula e dava mais dinheiro. Eu achei assim que tu tinha muita dificuldade de trabalhar com pouco estudo, aí eu digo, não. É difícil de eu alcançar os objetivos que são precisos para os coitadinhos e eu não tenho preparo... e nunca me antenei que eu podia estudar e ... depois que eu casei com o

Alcides eu costurei só para casa, para os filhos. Dois anos e pouco depois de casado nós abrimos o mercado, daí a vida toda trabalhando no mercado. Hoje nem costuro mais, dá muito trabalho e comprar sai mais em conta, te envolve muito tempo e não é fácil costurar, te judia a coluna muito. Hoje só ajudo os netos no estudo deles, e faço como meu pai fazia comigo: estuda que conhecimento não ocupa espaço!

### 5.5 Antônio Carlos, ex-aluno

Antônio Carlos é meu pai e quem, sem saber, motivou o tema desta pesquisa. Sua narrativa foi a última a ser gravada, já que o conteúdo desta já era previamente sabido por mim. Ou melhor, eu pensava que era.

Todos os contatos, reconhecimento de imagens em fotos, contextualização de fatos, mapas e até árvore genealógica da família foram auxiliadas pelo meu pai. Ele foi aluno da escola já na nova instalação, mas sempre morou em Capivari. Tem gosto em recordar e preservar a memória através de objetos e fotos, mas também é uma pessoa que preza pelos contatos com os mais velhos.

Durante a longa entrevista com ele, enquanto um dos sujeitos da pesquisa, foi possível perceber a emoção em cada uma de suas palavras e o quanto cada detalhe fora preservado ao longo dos anos.

Já que toda narrativa da escola Santa Isabel e boa parte da narrativa da origem de Capivari é atravessada pela família Nunes, a sua entrevista é mais explicativa e esclarecedora para o conjunto do trabalho se for apresentada na íntegra, deste modo encontra-se em sua totalidade nos apêndices. Antes, porém, cabe informar acerca do contexto da entrevista que foi realizada na minha casa, durante uma noite com duração aproximada de duas horas e meia, e embora sendo uma entrevista entre filha e pai, há indicadores da sua atitude altamente comprometida, percebendo-se como protagonista dessa pesquisa.

Para iniciar a entrevista, por sua própria iniciativa, meu pai foi contextualizando o período sobre o qual iríamos falar. Trouxe as lembranças que tinha de quando era criança, como era a casa, como era a rotina da família e o que mais diferia dos dias atuais. Tal introdução foi importante para saber o contexto em que essas vivências foram ocorrendo.

Nós morávamos numa granja de arroz, as casas eram bolantes<sup>6</sup> ou volantes, que eram mudadas conforme a área que ia ser plantada era mudada a casa para outra área. Não tinha luz elétrica, a luz era um lampeão a querosene

---

<sup>6</sup> Bolante ou volante é uma pequena casa de madeira, geralmente de cômodo único, construída numa estrutura sobre rodas para que possa ser deslocada pela lavoura conforme a necessidade do período de preparo da terra, plantio, irrigação, colheita ou secagem do arroz.

com manga, é uma manga de vidro para proteger do vento, para o vento não abanar a chama, era de vidro, tinha embaixo um depósito que ficava a querosene tinha um pano meio chatinho torcido, aquilo ia subindo e o fogo ia queimando e a manga protegia do vento. Não tinha banheiro, era uma casinha na rua, não tinha banheiro, não tinha chuveiro, banho era de bacia, nós éramos seis irmãos, a casa não tinha janela de vidro, bolante não tem vidro né... (risos) naquela época nem nas casas não tinha vidro.

Mais especificamente sobre a escola, meu pai fez diversas colocações de diversas naturezas. Desde a arquitetura escolar, cotidiano da escola, questões relacionadas à ausência de políticas públicas e até sobre o currículo escolar. Em relação ao espaço físico da escola, deixava claro o quanto as instalações eram simples, assim como era a vida na casa de cada criança que ali estudava.

Quando nós íamos à escola, era mais ou menos um quilômetro longe de casa, nós íamos a pé. Quando nós ganhamos o primeiro sapato, porque não se usava sapato, foi uma conga, nós levava a conga na mão até chegar perto da escola, daí lavava os pés e colocava as congas só para chegar na escola. Antes até tinha tamanco, mas eu ia de pé descalço, a roupa era de saquinha de adubo ou de farinha, a mães que faziam. O guarda pó era branco normalmente de saco de adubo ou farinha de trigo, era feita pela família, nossa vó que fazia, porque máquina de costura não tinha quase, ela tinha uma máquina de costura manual de colocar em cima da mesa e tocar uma manivelinha. A vó ajudava, depois a mãe fazia também. A escola era uma escola grande para nossa época, tinha mais ou menos 5x8, com uma área na frente quadriculada, ela tinha porta com fechadura e trinco, que era uma novidade, nós não conhecíamos que em casa era tramela com tranca. Outra coisa importante, as janelas eram vidraças, tinha vidro nas janelas, o 1º ano sentava na beirada da janela, uma fileira de classe, então o que mais chamava nossa atenção era olhar para a rua, porque nossas casas não tinham vidro, nós chamava vidraça. As carteiras eram de duas pessoas e eram tipo bancas de igreja assim, a parte de cima, onde nós escrevia as laterais uniam com a parte de trás que era o banco, e era de dois lugares, era uma bancadinha tipo igual de igreja. Sentava na parte de baixo, as laterais inteiras vinha para cima e a mesa emendada.

A distribuição das crianças na sala de aula atendia às necessidades de classes multisseriadas, e tanto a dinâmica quanto as aprendizagens correspondentes a cada ano podiam ser compreendidas pelos alunos, como relata Antônio Carlos.

O primeiro ano ficava na beira da janela, o segundo ano no meio e o terceiro na última fileira, tinha um quadro negro e a professora dava aula para as três séries, é que a nossa escola só tinha primeiro, segundo e terceiro ano primário, porque naquela época chamava assim: primário. [...]No primeiro ano a gente só aprendeu letras, números...o primeiro ano com oito anos, eu nasci em dezembro de 55 e fui para a aula em março de 64, então naquela época era oito anos. No primeiro ano era assim, letras, vogais, alfabeto, números, no fim do ano já se começou a juntar umas letrinhas e no segundo ano a professora já foi a Manoela do Capão da Porteira, daí nós já tínhamos

uma cartilha que era do Olavo e Hélida, daí nós já aprendemos a ler e escrever...a história era Olavo e Hélida, acho que todo mundo dessa época usou, era o ano de 65, com a professora Manoela nós aprendemos a ler, escrever e fazer contas. A escola não tinha outra matéria, era só português e matemática. Então com a professora Manoela se aprendeu a ler e escrever. Daí no terceiro ano foi a Maria Irene, aí sim, também do Capão da Porteira e essa professora foi a que marcou mais na minha vida porque logo no começo do ano ela começou a dar história e geografia, e nós não sabíamos o que era isso, então ela pediu que se comprasse o mapa-mundi, era um atlas, daí nunca me esqueci, meu pai foi em Porto Alegre e trouxe para nós, era caro e era grande, era maior que um caderno, nós só tinha um caderno, não é como agora, era um só para tudo português, matemática, botava data do dia fazia lição de português, de matemática no mesmo caderno e só lápis e borracha, sem caneta porque não tinha.

As professoras geralmente vinham de outras comunidades para lecionar em Capivari, era um aspecto típico da época. As professoras ficavam hospedadas em alguma casa de família de segunda à sexta-feira e retornavam para casa de seus pais nos finais de semana. Em Capivari não foi diferente. As professoras se hospedavam na casa de Abraão Nunes enquanto ele ali morava, depois ficavam na casa de seu irmão Cipriano Nunes e sua esposa Lavina, pais de Antônio Carlos, conforme foi narrado por ele mesmo na entrevista.

No primeiro ano, foi o ano de 64, era a professora Maria, das Águas Claras ou Morro Grande, não lembro o sobrenome dela, mas o pai dela era Aleixo, então ela era Maria do Aleixo. Ela parava na nossa casa porque a nossa casa era a maior que tinha na granja né, alguém tinha que dar moradia para a professora, então a Maria do Aleixo morou com nós, só que nós respeitava como professora e nós não tinha intimidade nenhuma com nós, não tinha regalia, ela era professora.

Em relação aos conteúdos aprendidos e a relação estabelecida entre eles e a vida das crianças é possível perceber o quão mobilizadora que a intervenção da professora se fez. Cabe aqui salientar que durante o processo de contato com os sujeitos da pesquisa em diversos momentos a formação das professoras foi citada, não como um fator diferencial, mas como um complemento a descrição da tarefa que desempenhavam. Porém nesta pesquisa cabe questionar o fato de que, das três professoras que atuaram na escola Santa Isabel no período em que Antônio Carlos fora aluno, apenas Maria Irene cursou a escola normal antes de atuar como professora. Provavelmente esta formação tenha colaborado para que ela tenha marcado tanto na vida deste aluno em relação às inovações que ela propunha.

Daí no terceiro ano foi a Maria Irene, aí sim, também do Capão da Porteira e essa professora foi a que marcou mais na minha vida porque logo no começo do ano ela começou a dar história e geografia, e nós não sabíamos o que era isso, então ela pediu que se comprasse o mapa-mundi, era um atlas, daí

nunca me esqueci, meu pai foi em Porto Alegre e trouxe para nós, era caro e era grande, era maior que um caderno, nós só tinha um caderno, não é como agora, era um só para tudo português, matemática, botava data do dia fazia lição de português, de matemática no mesmo caderno e só lápis e borracha, sem caneta porque não tinha. Daí a Maria Irene... ela deu aula de história e geografia, pediu o atlas, daí meu pai foi em Porto Alegre e comprou na livraria Globo, a gente não ia a Porto Alegre, era só o pai que ia e aquilo era difícil. O autor era Geraldo José Palwels, era P. A. L. W. E. L. S., era um nome difícil, estrangeiro, mas o que mais chamou a atenção era assim, abria assim tinha o sistema solar, que nós não conhecia, nós achava que o sol girava em torno da Terra, daí quando começamos a estudar e ver o sistema solar, que tinha nove planetas, agora tem oito porque o Plutão foi rebaixado, tiraram Plutão. E a Terra girava em torno do sol, foi uma coisa que deixou muito assim, na minha idade... Outra coisa: que a lua era o único satélite da Terra e eu não sabia o que era satélite. Isso despertou a curiosidade, outra coisa: que a lua era 49 vezes menor que a Terra, aquilo ficou gravado eu tinha dez anos, 3º ano do primário. Ela falou dos outros planetas, daí veio uma coisa muito curiosa, que eu nunca tinha ouvido falar e nunca esqueci, era o primeiro homem que andou em órbita em volta da Terra, era um russo chamado Yuri Gagarin e o foguete, que naquela época não era nave espacial, e o apelido do foguete era Sputnik e que o Yuri Gagarin andou em órbita em 12 de abril de 1961. Isso ficou gravado para sempre. Daí que a imaginação começou a abrir, que nós não morava só no Capivarzinho, que ia a pé para a escola.

Sobre o vestuário da época, Antônio Carlos lembra de detalhes nas roupas e calçados que marcaram sua infância, porém ilustra fatos que em nada lembram as dificuldades que Salvador trouxe em suas lembranças. Talvez seja pelo fato de que a situação financeira das famílias fosse diferente e que houvesse a possibilidade de apenas algumas famílias saírem para comprar em Porto Alegre o que não havia disponível no comércio de Capivari.

Quando nós ganhamos o primeiro sapato, porque não se usava sapato, foi uma conga, nós levava a conga na mão até chegar perto da escola, daí lavava os pés e colocava as congas só para chegar na escola. Antes até tinha tamanco, mas eu ia de pé descalço, a roupa era de saquinha de adubo ou de farinha, a mães que faziam. O guarda pó era branco normalmente de saco de adubo ou farinha de trigo, era feita pela família, nossa vó que fazia, porque máquina de costura não tinha quase, ela tinha uma máquina de costura manual de colocar em cima da mesa e tocar uma manivelinha. A vó ajudava, depois a mãe fazia também.[...] Em Porto Alegre a gente não ia quase, era uma vez por ano para visitar nossa tia. O nosso pai ia duas vezes por ano, uma vez no inverno para ir na Renner comprar japona, era de lã trançada, um cinza, era impermeável e no verão, era perto do Natal para trazer presente. E no terceiro ano nós não usava calça jeans, daí nosso pai trouxe uma calça jeans americana, de brim coringa, chamada Faroeste, no bolso tinha uma carrocinha com quatro cavalinhos e um cara com chicote, nós usava só uma vez por mês para ir na missa e guardava, daí deixou de servir e usamos muito pouco, porque para usar a Faroeste só na missa, batizado, casamento, aniversário, ou coisa assim, daí deixou de servir novinha, novinha.

Sobre a gestão, tanto da primeira sede da escola quanto da segunda, muito pouco foi revelado. Já em relação às políticas públicas voltadas para a educação, Antônio Carlos trouxe uma narrativa comum quando se fala sobre educação no campo nas décadas de 1950 e 1960, tanto no que tange às iniciativas das comunidades, alojamento das professoras, questões de precariedade de recursos físicos e de materiais, quanto à efetiva participação do Governador Leonel Brizola na expansão da educação no campo. Antônio Carlos refere um grande mérito ao governador que cumpriu a promessa de campanha feita em Capivari.

O Brizola, o governo do Brizola, naquela foto que aparece ele não era governador, ele era secretário de alguma coisa. Isso aí se deve muito ao Brizola, as escolas, eu acho que a alfabetização no RS todo se deve ao Brizola, porque ele construiu mais de cinco mil escolas. Ele levou escola para lugares onde não tinha acesso, isso aí foi o diferencial, o achado dele. Porque fazer escola em Viamão, em Porto Alegre era fácil, era normal, era obrigatório. Agora ter uma escola numa lavoura, numa granja não era. Uma escola em Mostardas, em Bujuru, na Barrocada, em Capivari...não sei se ele veio aqui para pedir voto e chegou aqui. Ninguém sabia onde ficava Barrocada, uma escola em Capivari...quem sabia onde era Capivari? Em Palmares, no Bacopari, Barrocada, Capivari tudo teve escola dele. Só tinha escola em povoado grande, daí era obrigação da prefeitura, de secretaria de educação do lugar. Acho que se deve muito a ele a educação do interior, a educação longe do centro, isso aí tem que dar o crédito a ele, ao Leonel Brizola, a educação rural ele que levou. Levou para o fundo da lavoura, da roça... tanto que em Capivari a primeira escola foi uma bolante da granja. Tanto que ele foi ali e se comprometeu em construir a escola, que foi a nossa.

## 6 UNIDADES DE ANÁLISE

Neste capítulo há o intuito de colocar em pauta as unidades de análise: gênero, políticas de gestão e cultura escolar, presentes nos depoimentos dos sujeitos da pesquisa, procurando estabelecer uma análise de modo horizontal. Devo reforçar que não há a intenção de comparar as narrativas, buscando entre elas a verdadeira versão. Há sim a intenção de procurar pontos de verossimilhança, pontos de convergência entre as narrativas, assim como também há intenção de problematizar as possíveis divergências entre as mesmas, ou apenas complementar o contexto recordado.

### 6.1 Gênero

Nos depoimentos das quatro mulheres entrevistadas foi possível perceber algumas falas que remetiam a reflexão acerca do tema gênero, já nas falas dos dois entrevistados homens nada foi referido a este respeito. Tal pode demonstrar que o assunto não despertou interesse dos mesmos, ou até que por não afetá-los acabou por não permanecer nas suas lembranças, reforçando ainda mais a existência de questões de gênero permeando aquele contexto.

Eloísa refere às dificuldades encontradas pelas jovens professoras para lecionar nos lugares mais distantes, ficando longe do conforto da casa dos pais. Trouxe o exemplo da sua mãe, Elzira, que foi a primeira professora trazida para Capivari para que alfabetizasse os filhos do dono da Fazenda Santa Isabel.

Ainda sobre sua mãe, Eloísa cita as dificuldades encontradas para que ela, enquanto mãe e dona de casa, continuasse dando aula para os demais filhos de empregados da fazenda. Deste modo apenas dava aulas para seus filhos, alfabetizando-os em casa.

Falou também sobre a maternidade da época, quando era comum que as mulheres tivessem um número grande de filhos, com nascimento próximo uns dos outros, fazendo com que as mulheres ficassem grande parte de suas vidas cuidando dos filhos pequenos e dos afazeres de casa.

No depoimento de Beatriz fica nítida a presença forte da sua avó, que cuidava da família mesmo com as dificuldades encontradas quando o marido faliu, e mais tarde com a doença e morte dele.

Beatriz também reconheceu que foi alfabetizada em casa porque seu pai não gostaria que ela fosse para escola, mas justifica a atitude do pai como zelo, como cuidado. Seu irmão foi para a escola, mas para ela foi contratada uma professora particular.

Quando Beatriz fala da sua curta trajetória como professora fica clara a posição do seu futuro marido em relação à mulher e o mundo do trabalho. Ela apenas trabalhou até seu casamento, pois seu noivo já havia deixado claro que não gostaria que sua esposa trabalhasse. Deste modo apenas deu aulas no tempo compreendido entre o noivado e o casamento. Depois que o marido morreu, Beatriz voltou a estudar, mas abandonou a profissão de professora. Cursou Direito, profissão na qual veio a aposentar-se.

No depoimento de Gessi aparecem em diversos momentos referências físicas sobre as professoras que trabalhavam na escola: que eram bonitas ou não, ou maduras, ou jovens. Gessi também traz uma reflexão interessante no que tange à relação de gênero comum à época quando fala das lembranças da sua tia Eva. Gessi lembra que o marido de Eva era muito ciumento da esposa, não permitindo que ela usasse batom, se vestisse bem e até controlava suas aparições em público no mercado que ele era proprietário. Porém tia Eva ficou viúva jovem, apesar de aparentar não estar satisfeita com as atitudes do marido na época em que ele agia desta forma, contou para os filhos durante toda sua vida uma versão diferente daquela que Gessi percebia.

Talvez para poupar os filhos, talvez para criar uma bela imagem do marido falecido, ou quem sabe ela realmente percebesse como cuidado todo o ciúme que o marido demonstrava. Mas de toda a forma é a percepção de que um discurso sobre um indivíduo ou fato pode servir de memória para os filhos que pouco conviveram com o pai, herdando a memória contada e “colorida” pela mãe.

Já no depoimento de Manoela, aparece uma relação de gênero bem mais equilibrada, apesar de ter sido contemporânea às demais narrativas. Manoela traz a postura de equidade nas oportunidades de estudo entre seus irmãos, tanto os homens quanto às mulheres, acenando sempre para a iniciativa do seu pai para que todos os filhos fossem letrados, diferente dele mesmo que não havia podido se alfabetizar.

## **6.2 Políticas de Gestão**

Sobre as políticas de gestão fica mais evidente a falta delas do que sua presença no que tange às responsabilidades da esfera pública.

No depoimento de Beatriz, que foi a primeira professora, fica clara a iniciativa de Abraão Nunes em realizar a implantação da primeira escola. Segundo ela mesma Abraão cedeu uma bolante num pedaço de terra da sua pequena propriedade, arrecadou alguns móveis, mobilizou alguns empregados da Fazenda para auxiliar na organização do local, contatou Beatriz para que desse aulas e anunciou aos colegas empregados da Fazenda que estava aberta a escola.

Segundo Beatriz, a situação era de poucos recursos, mas os pais ajudavam no que fosse preciso. No início ela era pega pelos próprios empregados da fazenda, mas logo em seguida foi efetivada como funcionária da secretaria de educação de Viamão. Essa era a única participação da Prefeitura no ano em que Beatriz foi professora na Escola Santa Isabel.

Gessi narrou o episódio em que o candidato a Governador do Estado, Leonel Brizola, esteve nesta escola fazendo uma espécie de comício. Coloca que Abraão Nunes era simpatizante da chapa de Leonel Brizola e que treinou os alunos para recebê-lo com uma saudação, mas que os alunos provocavam dizendo que iriam gritar o nome de seu adversário político “Perachi”.

Nesta ocasião, segundo Antônio Carlos, o futuro governador prometeu uma sede nova para a pequena escolinha, de modo que pudesse atender melhor aos alunos. A nova sede da escola foi construída do lado contrário da estrada na qual ficava a antiga, ficando mais próxima da moradia da maioria dos alunos.

Segundo o depoimento da professora Manoela, havia um apoio pedagógico estruturado para atender às professoras rurais. Em reuniões mensais eram entregues provas a serem aplicadas, planilhas a serem preenchidas e entregue material para os alunos. Cada professora era responsável pelo transporte desses materiais até a sede da escola.

Manoela refere que esse apoio fora primordial para que ela pudesse concluir com êxito sua tarefa docente, já que havia uma grande cobrança sobre o conteúdo ensinado através das provas que eram aplicadas pela Smec de Viamão.

Unanimidade em todas narrativas foi a iniciativa do governo de Leonel Brizola dentro da educação. É visto que as políticas do governo de Brizola não foram suficientes para atender à demanda, mas também é visto que nunca antes dele houve uma preocupação tão efetiva com a educação rural. Também ficou evidenciado nos depoimentos a falta de material humano e pedagógico para atender o número de prédios escolares construídos, mas aí talvez entrasse o papel da comunidade local ocupando o papel provedor do Estado.

Depois de encerrado o depoimento de Antônio Carlos, ele mesmo fez questão de reforçar o papel da gestão de Leonel Brizola na educação rural em Capivari do Sul:

O Brizola, o governo do Brizola, naquela foto que aparece ele não era governador, ele era secretário de alguma coisa. Isso aí se deve muito ao Brizola, as escolas, eu acho que a alfabetização no RS todo se deve ao Brizola, porque ele construiu mais de cinco mil escolas. Ele levou escola para lugares onde não tinha acesso, isso aí foi o diferencial, o achado dele. Porque fazer escola em Viamão, em Porto Alegre era fácil, era normal, era obrigatório. Agora ter uma escola numa lavoura, numa granja não era. Uma escola em Mostardas, em Bujuru, na Barrocada, em Capivari... não sei se ele veio aqui para pedir voto e chegou aqui. Ninguém sabia onde ficava Barrocada, uma escola em Capivari... quem sabia onde era Capivari? Em Palmares, no Bacopari, Barrocada, Capivari tudo teve escola dele. Só tinha escola em povoado grande, daí era obrigação da prefeitura, de secretaria de educação do lugar. Acho que se deve muito a ele a educação do interior, a educação longe do centro, isso aí tem que dar o crédito a ele, ao Leonel Brizola, a educação rural ele que levou. Levou para o fundo da lavoura, da roça... tanto que em Capivari a primeira escola foi uma bolante da granja. Tanto que ele foi ali e se comprometeu em construir a escola, que foi a nossa.

### **6.3 Cultura Escolar**

Nos depoimentos dos entrevistados fica bem evidente a importância dada por eles para a cultura escolar. Todos eles, sem exceção, trouxeram aspectos daquela realidade que fez parte da sua vivência enquanto aluno ou professor na Escola Santa Isabel.

O espaço que foi frequentado pelos alunos e professores, os materiais por eles utilizados e algumas práticas comuns às escolas através dos tempos e espaços mais variados se tratam da Cultura Material Escolar. Os aspectos relacionados à estrutura física não se contradizem entre os entrevistados, há um complemento da narrativa de um na narrativa de outro. Mas todos eles falam de uma escola precária, mas que atendia da melhor maneira possível os alunos.

Na narrativa de Antônio Carlos, em dois momentos distintos fica a dúvida se a precariedade narrada pelos entrevistados fazia um comparativo com a realidade vivida por eles naquele período ou comparada aos dias de hoje. Antônio Carlos cita que os alunos distraiam-se logo no primeiro ano ao olhar a paisagem pela vidraça, que não era comum nas

suas casas ainda. Nesse mesmo sentido fala que as portas da escola possuíam trincos, o que não era comum na residência dos alunos, que eram fechadas com trancas.

A entrevistada Gessi, assim como os outros entrevistados, foi narrando conforme suas lembranças, os aspectos que mais lhe pareciam importantes:

Era assim, era uma casinha, aí tinha as classes, não era carteira, era uma coisa comprida e entrava uma porção, cabia uns seis, tinha poucas. Sentava ali a turma do primeiro ano, a turma do segundo ano e a turma do terceiro ano, daí riscava o quadro e a professora ia na mesa e ajudava, olhava todos, mas devia ter poucos, não é como agora trinta alunos. Estou falando isso do meu tempo, julho de 59, depois não sei. Ela ia passando a lição e a gente fazendo, uma professora atendia todas as turmas, era tudo junto e, no começo, era todos no mesmo turno.

Antônio Carlos também narrou, com riqueza de detalhes, a escola na qual estudara nos seus primeiros anos de escolaridade. Há bastante concordância entre os depoimentos nesse sentido. Talvez em função de que a cultura material escolar não permita uma atuação tão grande da subjetividade nas suas lembranças. O que varia bastante são alguns pontos lembrados por um entrevistado e não lembrado por outros.

A escola era uma escola grande para nossa época, tinha mais ou menos 5x8, com uma área na frente quadriculada, ela tinha porta com fechadura e trinco, que era uma novidade, nós não conhecíamos que em casa era trancado com tranca. Outra coisa importante, as janelas eram vidraças, tinha vidro nas janelas, o 1º ano sentava na beirada da janela, uma fileira de classe, então o que mais chamava nossa atenção era olhar para a rua, porque nossas casas não tinham vidro, nós chamava vidraça. As carteiras eram de duas pessoas e eram tipo bancas de igreja assim, a parte de cima, onde nós escrevia as laterais uniam com a parte de trás que era o banco, e era de dois lugares, era uma bancadinha tipo igual de igreja. Sentava na parte de baixo, as laterais inteiras vinha para cima e a mesa emendada. O primeiro ano ficava na beira da janela, o segundo ano no meio e o terceiro na última fileira, tinha um quadro negro e a professora dava aula para as três séries, é que a nossa escola só tinha primeiro, segundo e terceiro ano primário, porque naquela época chamava assim: primário.

Sobre a merenda e limpeza fica clara a não participação governamental nestes aspectos. A merenda era de responsabilidade da família e a limpeza era realizada pela professora da classe com a colaboração dos alunos, que pareciam se divertir colaborando na manutenção da ordem da sua escola. Gessi não se recorda da limpeza da sala de aula, talvez pelo fato de que ela estudou na primeira instalação da escola, que talvez não demandasse ajuda por ser uma sala muitíssimo pequena.

A merenda cada um levava a sua, e a limpeza parece que a professora varria, mas eu não lembro, a gente não sujava também, não lembro se a gente

ajudava ou não. Eu levava as coisas que a mãe fazia, bolachinha caseira, pão caseiro, outras vezes a gente nem levava, nem me lembro se a gente tinha fome.

Antônio Carlos, além de falar sobre a merenda, complementou sua fala com o que era típico na alimentação da época e o que as crianças mais apreciavam. Também evidencia a prática da troca de lanches, comum nas escolas até os dias de hoje. Fica claro que já naquela época os lanches industrializados já eram preferidos das crianças, que estavam acostumadas com a alimentação feita em casa pelas mães. O que muito difere dos dias de hoje era a dificuldade de acesso a tais produtos, seja pelo valor ou pela indisponibilidade de venda dos mesmos no interior.

Era uma escola que não tinha banheiro, era uma casinha na rua para as gurias e outra para os guris, não tinha merenda, daí nós levava de casa pão, rosca, bolo frito ou uma bolacha da Mossman, que era quadrada, grande, era um bolachão, era a única coisa que tinha em armazém, era fabricada em Taquara ou Parobé, ainda existe, ela fabricava massa e bolacha. Levava e comia no recreio. Trocava com os colegas. Quando alguém levava uma bolacha da Mossman era uma novidade, tinha que dividir, daí trocava por um bolo frito, um aipim frito, uma rosca de polvilho, daí negociava, mas a bolacha valia mais, era o mais importante, porque pão de milho, bolo de milho, pão de casa na granja todo mundo tinha, mas quando vinha uma bolacha era novidade...bolachão era chique.

Já em relação ao material escolar propriamente dito, poucos entrevistados souberam falar sobre ele. Principalmente as duas entrevistadas que foram professoras, Manoela e Beatriz. Ambas trouxeram da precariedade dos materiais pela inexistência dos mesmos, que seria assim mesmo naquela época. Já em relação aos materiais de responsabilidade governamental, como as cartilhas, ambas colocaram que a própria professora buscava na sede da Secretaria de Educação em Viamão. Tais cartilhas nem sempre vinham em número suficiente, o que fazia com que os alunos usassem em duplas ou aqueles que tivessem condições financeiras pudessem adquirir, depois a cartilha era passada para os alunos do ano seguinte, já que não era consumível.

Na narrativa de Antônio Carlos é possível compreender melhor quais eram os materiais escolares utilizados naquela época.

O nosso pai sempre apoiou muito, a gente foi o primeiro a comprar o atlas... o resto era o caderno normal, sem espiral, com grampinho no meio, lápis e borracha, tinha que vir de Porto Alegre ou Viamão, a cartilha era a prefeitura que dava. Quando a professora vinha de Viamão, da reunião na secretaria de educação ela trazia os livros. No primeiro dia de aula a gente se apresentava, ela anotava os nomes e quantos eram e buscava. Era um pacote de Olavo e Héliida, era uma alegria. Só ganhava quem tava no 2º ano. Ela mostrava as

letras para o 1º ano: este é o “A” e os outros ficavam quietinhos, só olhando. Depois 2º ano, daí já lia, nós ficava curiosos olhando eles lerem, nós queríamos as cartilhas, mas não tinha, nós até juntava alguma letra.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

*O mais interessante na vida e no trabalho é converter-se em algo que não se era no princípio. Se você soubesse ao começar um livro o que se ia dizer no final, acredita você que haveria valor em escrevê-lo? Isso que vale para a escrita e para uma relação amorosa, vale também para a vida. O jogo vale a pena na medida em que não se sabe como vai terminar (FOUCAULT, 1990, p.142).*

Ao reler a introdução deste trabalho, percebo o quanto houve construção neste processo. A pessoa que iniciou o curso de mestrado não é a mesma. Não é a mesma profissional da educação e não é a mesma pessoa num todo. Ainda bem. Que bom mudar a si mesmo, colocar-se em movimento, refletir e ampliar horizontes.

Durante todo o percurso do mestrado, desde as primeiras aulas, passando à escolha do tema de pesquisa, a troca do tema de pesquisa, a investigação propriamente dita e o processo de escrita da dissertação, foi havendo uma possibilidade de ressignificar o sentido de pesquisar. Ainda que havendo entraves para a dedicação total ao curso em função do trabalho, foi possível identificar a mudança no meu olhar perante os fatos.

O processo na sua totalidade foi extremamente válido, mas a descoberta do gosto pela Memória foi um presente especial. A pesquisa dentro do município possibilitou que eu pudesse conhecer mais profunda e humanamente as origens do lugar onde moro e atuo profissionalmente, mas ofereceu que eu também pudesse conhecer as minhas origens.

Foi necessário que durante todo o processo de entrevistas e análise eu procurasse manter o distanciamento adequado do objeto pesquisado, já que há um grande envolvimento emocional. A neutralidade total jamais seria alcançada, mas o rigor científico sempre foi um fator cuidadosamente observado.

Cabe salientar, mesmo já tendo sido expressado em outro momento desse trabalho, o quanto foi primorosa a orientação da professora Beatriz, que tendo percebido as dificuldades que eu encontraria na execução da pesquisa, me encaminhou para estudos além das aulas regulares. A participação nas aulas de Prática de Pesquisa com a professora Luciane Grazziotin na Unisinos em São Leopoldo e a disciplina de História e Memória com a professora Dóris Almeida na UFRGS foram fundamentais para a compreensão dos aspectos teóricos.

A ansiedade e o sentimento de incompletude que estiveram presentes no momento da qualificação do projeto continuaram e continuam até hoje. Mas talvez seja sempre necessária essa incerteza para que a pesquisa nunca cesse, para que não haja impressão de que todas as perguntas foram respondidas. Todos apontamentos da orientadora e da banca foram fundamentais para que a pesquisa se solidificasse.

Penso que atendi às expectativas em relação à dívida que tenho para com o município de Capivari do Sul. Dívida de afeto por lá ter nascido, mas principalmente a dívida de gratidão pelo financiamento do curso pela Prefeitura Municipal da qual sou servidora. Entendo que os lugares de memória só existem se partirem de iniciativas já que projetos nesta dimensão não costumam ser espontâneos. Deste modo, esta pesquisa, atingindo os objetivos traçados de início, colabora na construção e compreensão da história das instituições escolares desta localidade, cumprindo igualmente o papel de auxiliar na gestão de novos processos educacionais.

A pesquisa em si mobilizou muitas pessoas, desde aquelas que foram diretamente sujeitos da pesquisa até aquelas que, por convivência, souberam da realização da mesma e se propuseram a ajudar emprestando uma foto, dando um contato, uma referência, uma indicação. Até mesmo aqueles que mostraram apenas curiosidade sobre a pesquisa, muito contribuíram.

Pensando nessas contribuições e em um retorno mais concreto, a partir da dissertação, está prevista apresentação dos resultados da pesquisa na Câmara de Vereadores para os colaboradores da pesquisa e comunidade em geral e também está em processo de conclusão um projeto para envio ao Executivo Municipal para a criação de um espaço para preservação de memórias da educação de Capivari do Sul.

## REFERÊNCIAS

- ALBERTI, Verena. **História oral**: a experiência do CPDOC. Rio de Janeiro: Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea, Fundação Getúlio Vargas, 1990.
- \_\_\_\_\_. **Manual de História Oral**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2004.
- AMADO, Janaína. O grande mentiroso: tradição, veracidade e imaginação em História Oral. **História**, São Paulo, p. 125-136, 1995.
- BASTOS, Maria Helena Câmara. História da Educação no Rio Grande do Sul - O Estado da Arte. In: \_\_\_\_\_. **Histórias e Memórias da Educação no Rio Grande do Sul**. Pelotas: Seiva, 2002, p.11-42.
- BORGES, Jorge Luis. Funes, o Memorioso. In: \_\_\_\_\_. **Prosa Completa**. Barcelona: Ed. Bruquera, 1979, v. 1, p. 477-484.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. 3ed. São Paulo: Cia das Letras, 1994.
- \_\_\_\_\_. **O tempo vivo da memória**: Ensaios de psicologia social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- BURKE, Peter. A história dos acontecimentos e o renascimento da narrativa. In: \_\_\_\_\_ (org.) **A escrita da História** – novas perspectivas. São Paulo: Editora da UNESP, 1992.
- \_\_\_\_\_. **O que é história cultural?** Tradução de Sergio Góes de Paula. 2. Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- FERREIRA, Marieta de Moraes et al (coords). **Entre-vistas**: abordagens e usos da história oral. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1994.
- \_\_\_\_\_; AMADO, Janaína. **Usos e abusos da história oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.
- FISCHER, Beatriz T. Daudt; WEIDUSCHADT, Patrícia. História oral e memória. In: FERREIRA, Márcia O. Vieira; FISCHER, Beatriz T. Daud; PERES, Lúcia M. Vaz. **Memórias docentes**: abordagens teórico-metodológicas e experiências de investigação. São Leopoldo: Oikos; Brasília: Liber Livro, 2009.
- GRAZZIOTIN, Luciane Sgarbi Santos. **Memórias recompondo tempos e espaços da educação** –Bom Jesus/RS (1913-1963). 2008. 384f. Tese (Doutorado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.
- IZQUIERDO, I. **Memória**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. Tradução de João Wanderley Gerald. **Revista Brasileira de Educação**, n.19, p. 20-28, jan./abr., 2002.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de História Oral**. 5. ed. São Paulo: Loyola, 2005.

NUNES, Clarice. Memória e História da Educação: entre práticas e representações. **Revista Educação em Foco**, v. 7, n. 2, set./fev. 2002/2003.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e História Cultural**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

RIBEIRO, Renato Janine. Não há inimigo pior do conhecimento que a terra firme. **Tempo Social**, São Paulo, v. 11, n. 1, p. 189-195, mai. 1999.

ROUSSO, Henry. A memória não é mais o que era. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. **Usos e abusos da história oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

SARMENTO, M. J. O estudo de caso etnográfico em educação. In: ZAGO, N.; CARVALHO, M. P.; VILELA, R. A. T. **Itinerários de pesquisa: perspectivas qualitativas em sociologia da educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003, p. 137-179.

THOMSON, Alistair. Reconstituindo a memória: questões sobre a relação entre a história oral e as memórias. **Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História do Departamento de História da PUC/SP**, São Paulo, n. 15, p. 51-84, abr. 1997.

VIDAL, Diana Gonçalves. A fonte oral e a pesquisa em História da Educação: algumas considerações. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, n. 27, P. 7-16, jul. 1998.

ZAGO, Nadir. A entrevista e seu processo de construção: reflexões com base na experiência prática de pesquisa. In: CARVALHO, Marília Pinto de; ZAGO, Nadir; VILELA, Rita Amélia Teixeira (Orgs.). **Itinerários de pesquisa: perspectivas qualitativas em sociologia da educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003, p. 287-308.

**APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS- UNISINOS

Programa de Pós-Graduação em Gestão Educacional - Mestrado Profissional

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

EU, \_\_\_\_\_ RG \_\_\_\_\_

NASCIDO(A) EM \_\_\_\_\_ / \_\_\_\_\_ / \_\_\_\_\_ E DOMICILIADO(A) À \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_ NO MUNICIPIO DE \_\_\_\_\_

Declaro que concordo em participar do Projeto de Pesquisa: **PRIMÓRDIOS DA EDUCAÇÃO FORMAL EM CAPIVARI DO SUL: MEMÓRIAS DE COTIDIANOS, POLÍTICAS E GESTÃO** sob a responsabilidade da pesquisadora ROSANA SOARES NUNES.

Declaro que fui satisfatoriamente esclarecido (a) que:

- a) o estudo será realizado a partir de encontros de estudo- pesquisa-ação com grupos focais (além de entrevistas e narrativas);
- b) posso consultar a pesquisadora, pessoalmente ou por telefone, para esclarecimento de minhas dúvidas relacionadas ao estudo do grupo;
- c) todas as informações por mim fornecidas poderão ser utilizadas para divulgação em reuniões, revistas, jornais, livro ou e-book  
 com a identificação do meu nome  
 sem a minha identificação de meu nome
- e) minha imagem será utilizada como ilustração no projeto e na dissertação através de fotos impressas ou cd room;
- f) esta pesquisa possui relevância social para o registro da história da educação em Capivari do Sul;

Assim, concordo em participar do projeto de pesquisa em questão.

Capivari do Sul, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2014.

\_\_\_\_\_  
 Entrevistado(a)

\_\_\_\_\_  
 Pesquisadora

Obs. Este termo apresenta duas vias, destinadas ao entrevistado(a) e à pesquisado

**APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA COM EX ALUNOS**

Projeto de Pesquisa: **PRIMÓRDIOS DA EDUCAÇÃO FORMAL EM CAPIVARI DO SUL: MEMÓRIAS DE COTIDIANOS, POLÍTICAS E GESTÃO.**

Roteiro entrevista com ex-alunos

Pesquisadora: Rosana Soares Nunes

Data:

Local da entrevista:

Horário de início:

Término:

Entrevistado/a:

1. Data nascimento
2. Local
3. Lembranças início escolarização: o que vem à memória?
4. Nome da escola, localização, tipo de prédio, pátio?
5. Período? (se não lembrar ano, pode lembrar de algum acontecimento da época)
6. Outras lembranças que vem à memória? Merenda? Castigos? Etc.
7. Nome das professoras? Alguma te marcou em especial? Por quê?
8. Relacionamento entre colegas
9. Instalações da escola
10. Trajeto casa- escola
11. A tua família valorizava a escola?
12. Qual a contribuição dos ensinamentos daquela época que trazes até hoje?
13. Convives ainda com colegas daquela época?
14. Podes indicar algum nome para ser entrevistado?
15. O que mais gostarias de acrescentar?

## APÊNDICE C – ROTEIRO DE ENTREVISTA COM EX PROFESSORES

Projeto de Pesquisa: **PRIMÓRDIOS DA EDUCAÇÃO FORMAL EM CAPIVARI DO SUL: MEMÓRIAS DE COTIDIANOS, POLÍTICAS E GESTÃO.**

Roteiro entrevista com ex-professores

Pesquisadora: Rosana Soares Nunes

Data:

Local da entrevista:

Horário de início:

Término:

Entrevistado/a:

1. Data nascimento
2. Local
3. Como foi a decisão de ser professora?
4. Foste professora em escola rural em Capivari? Em que período?
5. Memórias daquela época
6. Como era o ensino?
7. Dificuldades encontradas
8. Como era o relacionamento comunidade-escola?
9. E entre os alunos?
10. E entre alunos-professora?
11. Como eram as instalações da escola?
12. Qual era o trajeto que fazias até a escola?
13. A tua família valorizava o teu trabalho como docente?
14. E a comunidade em geral?
15. Qual a contribuição da vivência daquela época que trazes até hoje?
16. Convives ainda com alguém conhecido naquela época? Tens algum nome para sugerir a esta pesquisa?

## APÊNDICE D – ENTREVISTA REALIZADA COM EX ALUNO

Projeto de Pesquisa “Memórias do Capivari Velho: Primórdios da Educação Formal em Capivari do Sul”

Roteiro entrevista com ex-alunos

Pesquisadora: Rosana Soares Nunes

Data: 12/06/2014

Local da entrevista: Capivari do Sul (residência da pesquisadora)

Horário de início: 19 horas

Término: 21 horas

Entrevistado/a: Antônio Carlos de Fraga Nunes

### QUANDO E ONDE FOI TEU NASCIMENTO?

Em 19/12/1955 em Porto Alegre, nasci no hospital Beneficência Portuguesa, só eu nasci no hospital, porque fui o primeiro filho. O resto nasceu em casa com a parteira, Dona Inácia, mãe do Osmar, do Otavio, da Oflíia, ela era parteira da granja.

### O QUE TU TRAZES DE LEMBRANÇA DA ESCOLINHA LÁ DA GRANJA?

Nós morávamos numa granja de arroz, as casas eram bolantes ou volantes, que eram mudadas conforme a área que ia ser plantada era mudada a casa para outra área. Não tinha luz elétrica, a luz era um lampião a querosene com manga, é uma manga de vidro para proteger do vento, para o vento na abanar a chama, era de vidro, tinha embaixo um depósito que ficava a querosene tinha um pano meio chatinho torcido, aquilo ia subindo e o fogo ia queimando e a manga protegia do vento. Não tinha banheiro, era uma casinha na rua, não tinha banheiro, não tinha chuveiro, banho era de bacia, nós éramos seis irmãos, a casa não tinha janela de vidro, bolante não tem vidro né... (risos) naquela época nem nas casas não tinha vidro. Quando nós íamos à escola, era mais ou menos um quilômetro longe de casa, nós íamos a pé. Quando nós ganhamos o primeiro sapato, porque não se usava sapato, foi uma congá, nós ‘levava’ a congá na mão até chegar perto da escola, daí ‘lavava’ os pés e ‘colocava’ as congás só para chegar na escola. Antes até tinha tamanco, mas eu ia de pé descalço, a roupa era de saquinha de adubo ou de farinha, as mães que faziam. O guarda pó era branco normalmente de saco de adubo ou farinha de trigo, era feita pela família, nossa vó que fazia, porque máquina de costura não tinha quase, ela tinha uma máquina de costura manual de colocar em cima da mesa e tocar uma manivelinha. A vó ajudava, depois a mãe fazia também. A escola era uma escola grande para nossa época, tinha mais ou menos 5x8 (metros), com uma área na frente quadriculada, ela tinha porta com fechadura e trinco, que era uma novidade, nós não

conhecíamos porque em casa era tramela com tranca. Outra coisa importante, as janelas eram vidraças, tinha vidro nas janelas, o 1º ano sentava na beirada da janela, uma fileira de classe, então o que mais chamava nossa atenção era olhar para a rua, porque nossas casas não tinham vidro, nós ‘chamava’ vidraça. As carteiras eram de duas pessoas e eram tipo bancas de igreja assim, a parte de cima, onde nós ‘escrevia’ as laterais uniam com a parte de trás que era o banco, e era de dois lugares, era uma bancadinha tipo igual de igreja. Sentava na parte de baixo, as laterais inteiras ‘vinha’ para cima e a mesa emendada. O primeiro ano ficava na beira da janela, o segundo ano no meio e o terceiro na última fileira, tinha um quadro negro e a professora dava aula para as três séries, é que a nossa escola só tinha primeiro, segundo e terceiro ano primário, porque naquela época chamava assim: primário. No primeiro ano, foi o ano de 1964, era a professora Maria, das Águas Claras ou Morro Grande, não lembro o sobrenome dela, mas o pai dela era Aleixo, então ela era Maria do Aleixo. Ela parava na nossa casa porque a nossa casa era a maior que tinha na granja né, alguém tinha que dar moradia para a professora, então a Maria do Aleixo morou com nós, só que nós ‘respeitava’ como professora e nós não ‘tinha’ intimidade nenhuma, não tinha regalia, ela era professora. No primeiro ano a gente só aprendeu letras, números... o primeiro ano fiz com oito anos, eu nasci em dezembro de 1955 e fui para a aula em março de 1964, então naquela época era oito anos. No primeiro ano era assim, letras, vogais, alfabeto, números, no fim do ano já se começou a juntar umas letrinhas e no segundo ano a professora já foi a Manoela do Capão da Porteira, daí nós já tínhamos uma cartilha que era do Olavo e Héliida, daí nós já aprendemos a ler e escrever... a história era Olavo e Héliida, acho que todo mundo dessa época usou, era o ano de 1965, com a professora Manoela nós aprendemos a ler, escrever e fazer contas. A escola não tinha outra matéria, era só português e matemática. Então com a professora Manoela se aprendeu a ler e escrever. Daí no terceiro ano foi a Maria Irene, aí sim, também do Capão da Porteira e essa professora foi a que marcou mais na minha vida porque logo no começo do ano ela começou a dar história e geografia, e nós não sabíamos o que era isso, então ela pediu que se comprasse o mapa mundi, era um atlas, daí nunca me esqueci, meu pai foi em Porto Alegre e trouxe para nós, era caro e era grande, era maior que um caderno, nós só tinha um caderno, não é como agora, era um só para tudo português, matemática, botava data do dia fazia lição de português, de matemática no mesmo caderno e só lápis e borracha, sem caneta porque não tinha. Daí a Maria Irene... ela deu aula de história e geografia, pediu o atlas, daí meu pai foi em Porto Alegre e comprou na livraria Globo, a gente não ia a Porto Alegre, era só o pai que ia e aquilo era difícil. O autor era Geraldo José Palwels, era P. A. L. W. E. L. S., era um nome difícil, estrangeiro, mas o que mais chamou a atenção era assim,

abria assim tinha o sistema solar, que nós não ‘conhecia’, nós ‘achava’ que o sol girava em torno da Terra, daí quando começamos a estudar e ver o sistema solar, que tinha nove planetas, agora tem oito porque o Plutão foi rebaixado, tiraram Plutão. E a Terra girava em torno do sol, foi uma coisa que deixou muito assim, na minha idade... Outra coisa: que a lua era o único satélite da Terra e eu não sabia o que era satélite. Isso despertou a curiosidade, outra coisa: que a lua era 49 vezes menor que a Terra, aquilo ficou gravado eu tinha dez anos, 3º ano do primário. Ela falou dos outros planetas, daí veio uma coisa muito curiosa, que eu nunca tinha ouvido falar e nunca esqueci, era o primeiro homem que andou em órbita em volta da Terra, era um russo chamado Yuri Gagarin e o foguete, que naquela época não era nave espacial, e o apelido do foguete era Sputnik e que o Yuri Gagarin andou em órbita em 12 de abril de 1961. Isso ficou gravado para sempre. Daí que a imaginação começou a abrir, que nós não ‘morava’ só no Capivarizinho, que ia a pé para a escola. Em Porto Alegre a gente não ia quase, era uma vez por ano para visitar nossa tia. O nosso pai ia duas vezes por ano, uma vez no inverno para ir na Renner comprar japona, era de lã trançada, um cinza, era impermeável e no verão, era perto do Natal para trazer presente. E no terceiro ano, nós não ‘usava’ calça jeans, daí nosso pai trouxe uma calça jeans americana, de brim coringa, chamada Faroeste, no bolso tinha uma carrocinha com quatro cavalinhos e um cara com chicote, nós ‘usava’ só uma vez por mês para ir na missa e guardava, daí deixou de servir e usamos muito pouco, porque para usar a Faroeste só na missa, batizado, casamento, aniversário, ou coisa assim, daí deixou de servir novinha, novinha. Voltando sobre a escola, era uma escola que não tinha banheiro, era uma casinha na rua para as gurias e outra para os guris, não tinha merenda, daí nós ‘levava’ de casa pão, rosca, bolo frito ou uma bolacha da Mossman, que era quadrada, grande, era um bolachão, era a única coisa que tinha em armazém, era fabricada em Taquara ou Parobé, ainda existe, ela fabricava massa e bolacha. O seu Joquinha de Palmares, que tinha um caminhão, trazia e colocava no armazém do seu Pitanga e do Seu Gumércio. Tinha dois armazéns, o seu Pitanga na beira da estrada, era pai do Osmar, do Dodô e o seu Gumércio no beco da Barrocada, que ele comprou do Tio Érico. Assim ó, as gurias brincavam de roda, ciranda e ovo choco, os guris quando eram pequenos, até o segundo ano primário, até brincavam com as gurias, depois não, daí nós jogávamos futebol no recreio, era separado, era ciranda, passa anel, ovo choco, ciranda... e os guris era futebol, daí não misturava com os guris. Voltando no terceiro ano, daí nossa escola era do 1º ao 3º ano primário, era Escola do Capivari Velho, era uma escola construída pelo Brizola, novinha, era uma escola novinha, porque antes era uma bolante de granja e depois o Brizola construiu várias escolas e a gente ganhou uma novinha...

### SABE COMO É QUE VEIO ESTA ESCOLA?

Isto não sei bem, as primeiras professoras moravam na casa do tio Abraão que era o mecânico da granja que tinha a casa maior, a partir de 1964 ele mudou para Palmares porque as gurias terminaram o 3º ano, daí as professoras paravam lá em casa, porque a segunda casa maior era a nossa. Desde o começo até então todas paravam na casa do tio Abraão, depois as últimas paravam lá em casa. Aí então termina o 3º ano primário, daí nós ou tínhamos que ir para Viamão ou Palmares, porque não tinha até o 5º ano primário, daí é que no Entroncamento que ficava mais seis quilômetros a frente que já pertencia a Osório, porque o Capivari velho que nós estamos falando era do rio Capivari em direção a Porto Alegre, pertencia a Viamão e o Entroncamento que era um povoado bem menor que nós, pertencia a Osório, mas o ensino até 5º ano veio primeiro para o entroncamento. Daí nosso povoado, que era todo de funcionários da granja, a propriedade era Granja Santa Isabel, do seu Armando e Armênio Azevedo Nunes, e a nossa escola tinha também o nome de Santa Isabel que era a mãe deles. Daí nós mudamos para o Entroncamento para estudar até o 5º ano primário. A nossa turma na bolante tinha mais ou menos 20 alunos, das três turmas juntas e a professora Maria Irene foi a que mais ensinou coisas novas para nós, história, descobrimento do Brasil, geografia, que nós até então não conhecia, daí o mapa, o atlas que mostrava vários outros países que nós nem sabia que tinha, bandeiras, tudo colorido, bonito, bandeira do Japão, bandeira dos Estados Unidos, e naquela época já eram americanizados, os americanos eram os bonzinhos, os filmes americanos eram os cowboys, mas o que impressionou é que o primeiro homem que teve coragem, a primeira nação que teve capacidade não foi eles, foi a Rússia. E naquele tempo a gente ouvia que os russos eram matadores, ‘comedor’ de criancinhas, eram malvados, os caras ruins eram os russos os americanos eram bonzinhos, na minha cabeça de um guri de 10 anos eu comecei a admirar os russos, eles fizeram um foguete e andaram na volta da Terra, eram inteligentes... a Maria Irene foi a que mais marcou, com todas a gente aprendeu, a Maria do Aleixo ensinou as letras e os números, a Manoela ajudou a juntar as letras e ler, e teve a cartilha Olavo e Héliida, mas a Maria Irene que abriu nossa cabeça para o mundo fora do nosso Capivari. Não tinha pasta, não tinha mochila como é agora, as mães costuravam de pano do tamanho um pouquinho maior que o caderno, era um saquinho com uma alça que a gente colocava assim atravessado para que no dia de chuva pudesse segurar a capa ou o guarda chuva e levar a nossa congá que não podia sujar. A congá era azulzinha, tinha um soladinho branco, a dos guris tinha um biquinho branco para diferenciar das gurias que não tinha biquinho, a das gurias era mais bonitinha. Os colegas eram tudo da granja, tudo

criado com a gente, então tinha bastante afinidade, muitos eram primos, a Alice Nunes do tio Adão; o Mauro, a Maria Helena, o Zezinho, o Luis Antônio que eram do tio Miguel, tinha do tio Paulo e do tio Chico o Osvaldo, o Polaco, o Osmar, a Terezinha. Todos eram conhecidos porque eram nascidos e criados na granja. De casa era os três mais velhos, cada ano entrava um, o Nê, o Jorge e eu, porque cada um tinha menos de um ano de diferença do outro, os outros já estudaram no Entroncamento. Só que naquele tempo só podia entrar com oito anos completos no 1º ano, eu comecei em 64, o 2º ano em 65 e o 3º em 66, terminei no final de 66, depois fui para o Entroncamento.

#### MAS TU FOI SOZINHO? E OS OUTROS IRMÃOS?

Aí nós viemos para cá, veio eu e o Nê que fomos os primeiros a sair e moramos na casa do tio Paulo, porque ele veio antes porque o colégio era bom, ele é pai do Geraldo, da Eva, da Iara. O tio Paulo, depois do tio Abraão que mudou para Palmares por causa de escola para os filhos, foi a segunda pessoa que trouxe nós para um colégio mais forte que era a Escola Rural de Capivari, que era o Entroncamento, município de Osório, que é o Capivari hoje, porque o nosso Capivari era só fazenda, não era nada nosso, só a casa em cima do terreno da fazenda. Quando a gente mudou para o entroncamento tinha que ter a nossa casa e o nosso terreno, tinha que comprar o terreno e construir a casa. E a granja foi se esvaziando porque as pessoas tiveram que buscar estudo para os filhos, foi ficando na granja... veio primeiro as mães e os filhos e os pais iam todos dias para a granja, daí o Capivari velho acabou, hoje não tem escola, não tem nada, todos foram mudando para o Entroncamento.

#### ENTÃO O CAPIVARI VELHO ACABOU NO FINAL DOS ANOS SESSENTA...

É acabou no final dos anos 60, quando surgiu... o que trouxe nós para o Entroncamento foi a escola, a Escola Rural de Capivari que ia do 1º ao 5º ano e era forte, era uma escola forte. Quando nós chegamos em Capivari ficamos surpresos porque cada turma tinha uma sala de aula separada, tinha vários professores, tinha um só para português, outro para matemática. No 4º ano primário no Entroncamento já tinha professor de matemática, de geografia e história era o mesmo, de português era outro.

#### QUANDO TU 'VEIO' PARA CÁ FOI FAZER O 4º ANO E O NÊ PARA O 3º?

É, ele veio para acompanhar, daí nós fomos começando a vir para o Entroncamento, depois a mãe veio com todo mundo, já estava começando a vir, os mais novos já começaram aqui.

### VOCÊS DOIS FICARAM O ANO TODO AQUI?

Isso, nós ‘ia’ para casa só no final de semana, ficamos morando na casa do nosso tio até o pai construir nossa casa aqui. A escola era mais puxada, todos nós que saímos da granja tivemos que repetir o 4º ano porque não conseguimos acompanhar. Eu repeti, eu fiz em 1967 o 4º ano e em 1968 fiz de novo porque eu rodei. Daí o 5º ano sim, aí nós fomos fazer admissão para o ginásio em Palmares, daí passaram todos, da nossa classe todos passaram de tão forte que era a Escola Rural de Capivari.

### A REPROVAÇÃO ERA MUITO DIFÍCIL PARA A FAMÍLIA?

Os pais participavam demais, nós então que a professora parava lá em casa... nós éramos muito cobrados, os pais não admitiam que nós ‘fosse’ para escola para não estudar, e primeiro nós tínhamos que respeitar a professora, mais do que a mãe, nós tínhamos mais respeito com a professora do que com a nossa mãe, nossos pais olhavam o caderno, olhavam nossa letra, nós tínhamos um caderninho de caligrafia para aprender a escrever com a letrinha na faixa menor, nós éramos bastante cobrados, tanto na escolinha da granja quanto aqui.

### TINHA CASTIGO?

Até o 3º ano primário não tinha castigo, nem merenda, porque não tinha cozinha, mas castigo não tinha porque não era preciso, nós respeitava muito. Era aquele pessoal humilde, da granja, então nunca teve castigo, algum que falava mais, se exaltava, daí a professora dava um pito e ‘tava’ pronto, se não podia chamar a mãe no colégio e seria pior, daí ia apanhar em casa e ia ficar feio. No Entroncamento tinha castigo, porque nós já éramos maiores, e viemos para uma escola com muito mais alunos, no 5º ano primário deveria ter uns duzentos alunos na escola, nós ‘era’ acostumado com todo mundo conhecido, todo mundo da granja, com 20 alunos, daí viemos para uma escola tão grande com quase 200 alunos. Aí tinha muita gente estranha, tinha gente que era mais ‘brigão’, no futebol dava desavença, daí o professor castigava. Nós tínhamos o professor Almirando, ele era o que mais castigava nós, ele batia com a régua, pedia para colocar a mão na mesa e dava de régua. Era para quem aprontava e para quem não sabia. Quinze minutos antes do recreio ele tomava a tabuada, mandava levantar e chamava, fazia pergunta, quem não acertasse ficava sem recreio, que para nós era a pior coisa porque sempre tinha uma partida de futebol. Se a bagunça fosse maior, ou fosse briga no futebol era de joelho no milho ou tampinha de garrafa, tinha castigo pesado e

autorizado pelos pais. Os pais achavam bom que o professor ajudasse a educar, devia fazer mesmo.

#### E TU, TOMASSE CASTIGO TAMBÉM?

Sim, todos nós ‘tomava’ castigo, até as meninas, a Rosa foi a que mais tomou castigo. Era difícil uma guria naquela época, as gurias eram mais comportadas, mas levavam também. Tinha a professora Guilhermina, tinha uma unha muito grande e puxava a orelha. Mas uma coisa assim, o respeito que nós tínhamos e o que nós aprendemos. Não era porque tinha castigo, era porque nós ‘tinha’ respeito que ‘aprendia’. Tanto que quando nós terminamos o 5º ano, o exame de admissão para o ginásio no ano de 1969 toda turma de Capivari foi aprovada, veio gente de Palmares, que já eram da sede, rodaram, da Granja Vargas, do Bacupari rodaram. Era comum rodar, era difícil o exame, a admissão não se compara com o vestibular, mas era difícil. Para entrar no ginásio tinha que passar, quem rodasse tinha que fazer outra vez o ano todo, não tinha chance. Era um dia de prova com 30 questões para cada... era uma prova terrível, era uma super prova. O 5º ano era um preparatório, nos últimos dois meses do 5º ano era repassada toda matéria do ano anterior e do ano que nós estávamos estudando em português, matemática, história, geografia e ciências, os dois últimos meses eram preparatórios. As duas últimas provas de novembro e dezembro era toda a matéria, a sabatina era a prova do mês, só com a matéria do mês. Mas a de junho era de todo o 1º semestre. Julho, agosto, setembro e outubro era normal. Daí as duas últimas era todo conteúdo dos dois anos.

#### COMO ERAM AQUELES ALUNOS QUE NÃO APRENDIAM, QUE NÃO SE DAVAM BEM?

Tinha vaga para todo mundo, nunca ninguém ficou de fora por falta de vaga. As pessoas... sempre tinha alguém... algum problema sempre teve, mas era muito raro problemas. Problema de família não tinha, quase não tinha. Nenhuma criança faltava à aula porque os pais brigavam, não tinha na nossa época. Os filhos respeitavam muito os pais, a família era muito unida. Não tinha problema familiar, e vagas também não ‘faltava’.

#### E O ALUNO QUE NÃO APRENDIA, COMO ERA TRATADO?

Não tinha psicóloga, não tinha psicologia, era castigo e quando o aluno estava muito... ia bilhetinho que a mãe e o pai tinha que comparecer lá na escola junto com o aluno, no outro dia para entrar na escola só acompanhado com o pai ou a mãe. Daí sim, o professor contava que o aluno não fazia o tema, não prestava atenção na aula, que o aluno era brigão, daí era o maior mico que se pagava, era uma vergonha ir na escola acompanhado do pai e da mãe. Se o

cara estava de olho na namoradinha, perdia. Era o fim do mundo, então ninguém fazia isso para não pagar mico.

NA GRANJA TODOS CONSEGUIRAM SE ALFABETIZAR? TODAS QUE TINHAM IDADE ESCOLAR IAM PARA A ESCOLA OU TINHA OPÇÃO DE NÃO QUERER, DE IR TRABALHAR?

Sim, todas crianças iam, foi um esforço dos donos da granja, eles desde o início deram muita ênfase. No início começaram com uma bolante de granja que o município de Viamão era grande, era pobre, não tinha condições de colocar uma escola tão longe, hoje é perto, mas são 50 km de distância de Capivari até Viamão. E ônibus era duas vezes no dia, como é que a professora ia ir e voltar? Não tinha condições. Então o seu Armando e o seu Armênio sempre deram muita importância para os filhos dos funcionários, que estudassem, eles começaram dando uma bolante de granja, depois o Brizola deu a nossa escolinha dentro da terra deles. Era uma sala só, era muito grande para aquela época. A bolante era a esquerda de quem vem de Porto Alegre, a do Brizola já foi à direita. A nossa casa sempre foi à direita também.

EM QUE ANO FOI FEITA AQUELA ESCOLA?

Eu comecei a estudar em 1964 e a escola estava nova, quando eu comecei já estudei desde o 1º ano nela, mas acho que uns dois ou três anos antes. Os vidros quebrados da foto nós já estava no 3º ano, daí era bolada, pedrada. Nós íamos a pé, era mais ou menos um quilômetro, quem morava longe ia a cavalo. Nós tínhamos petiço, quem tinha mais filhos tinha uma carrocinha. Nós ‘amarrava’ o petiço no pátio da escola, era um pátio grande, não tinha cerca. A estrada era de chão, no dia de chuva tinha aula normal, não faltava ninguém, todo mundo gostava da escola.

A TUA FAMÍLIA VALORIZAVA A ESCOLA OU VOCÊS MESMO VALORIZAVAM?

Os dois, os pais cobravam e nós ‘via’ novidade. Os pais da gente não sabiam, quando nós estudávamos história e geografia os nossos pais não sabiam de foguete, de planeta, de sol e Terra. Que tinha outros planetas ninguém sabia, era de outro mundo, daí nós contávamos e os pais gostavam de ouvir a gente contar, até achavam que a gente estava inventando, que estava sonhando com uma história que não existia. Mas nosso pai sempre apoiou muito, a gente foi o primeiro a comprar o atlas... o resto era o caderno normal, sem espiral, com grampinho no meio, lápis e borracha, tinha que vir de Porto Alegre ou Viamão, a cartilha era a prefeitura que dava. Quando a professora vinha de Viamão, da reunião na secretaria de

educação ela trazia os livros. No primeiro dia de aula a gente se apresentava, ela anotava os nomes e quantos eram e buscava. Era um pacote de Olavo e Héliida, era uma alegria. Só ganhava quem ‘tava’ no 2º ano. Ela mostrava as letras para o 1º ano: este é o “A” e os outros ficavam quietinhos, só olhando. Depois 2º ano, daí já lia, nós ‘ficava’ curiosos olhando eles lerem, nós queríamos as cartilhas, mas não tinha, nós até ‘juntava’ alguma letra. Já no 3º ano era mais forte, tinha conta de vezes e de dividir, daí nós não conseguíamos acompanhar.

DAÍ VOCÊS PRESTAVAM ATENÇÃO NAS AULAS DAS TURMAS MAIS AVANÇADAS...E APRENDIAM ANTES?

Que nada, no 1º ano nós ficávamos olhando pela vidraça...era bem mais bonito (risos) a gente assistia passar um carro, algum trator, um cavalo, porque na nossa casa não tinha vidraça. A gente prestava atenção, mas se tivesse um barulho a gente já se perdia... era uns 100 metros da estrada, é um pouquinho para dentro de onde é o secador hoje.

NÃO EXISTIA SECADOR NAQUELA ÉPOCA?

Não, era um secador de madeira antigo, mas era mais para dentro. A primeira casa depois da escola era da Diles, depois tinha a oficina da granja em direção à Viamão, depois em direção ao entroncamento era a casa do tio Miguel. Tudo na beira da estrada, era toda de chão batido, chovia, era um banhado, atolava. No verão tinha algum movimento, mas no inverno era só o ônibus e o seu Joquinha. Ele tinha um atacado já grande, ele era mais esperto, era distribuidor, sabia ir a Taquara, a Parobé, daí ia na Mossman, trazia bolacha, banha e abastecia os armazéns, ele tinha um caminhãozinho. Ele era de Palmares, ele é pai do Marcos da Cofepal. O pessoal de Mostardas ia mais para Rio Grande porque era mais perto, a nossa estrada era muito ruim. A linha de ônibus era Granja Vargas/ Porto Alegre, ia às oito horas da manhã e voltava às cinco da tarde.

E O DENTISTA?

Dentista não tinha. Tinha o Napoleão, a granja pagava para ele vir e ele atendia. Naquele tempo não tinha luz elétrica, daí não dava para fazer muita coisa. A granja favorecia que o Napoleão atendesse, sei que o equipamento dele era tocado a pedal, a broca era tipo uma máquina de costura grande, nem fazia barulho, era só um “oooooo” bem fraquinho, era uma geringonça... a restauração era de chumbo preto. Mas naquela época a gente tinha dente saudável, nós ‘era’ tudo pequeno, na escola a gente não escovava, mas ela orientava, até tinha escova em casa porque o pai ia a Porto Alegre, mas não sabia muito, era moderno (risos) as

nossas tias mandaram usar. Acho que até uns cinco ou seis anos a gente não escovava, porque não sabia, não tinha. Daí depois as tias que moravam em Porto Alegre ensinaram. Mas o resto das crianças não tinham. A pasta de dente só tinha Kolynos amarela, era muito caro até aquilo. Eram umas coisas finas.

### E MÉDICO?

Médico não tinha, tinha o Dante, que era um farmacêutico de Capão da Porteira que ele receitava os remédios que ele vendia, tinha uma farmacinha. Se tinha uma doença, daí ia para Viamão, ou Porto Alegre para o hospital.

### MAS NÃO TINHA EXAME MÉDICO NA ESCOLA? E EDUCAÇÃO FÍSICA?

Não tinha médico na escola, educação física era joguinho de futebol na rua. Aqui no entroncamento tinha educação física com o professor específico, daí tinha salto em distância, tinha rústica, corrida, tinha salto em altura, aqui já na escola do entroncamento, lá era só brincadeira livre. Aqui era com professor de educação física, lá era com a professora da aula.

### COMO ERA A QUESTÃO DO COMPORTAMENTO DA TURMA, ERA MULTISSERIADA, OS ALUNOS ERAM COMPORTADOS PORQUE ERAM CALMOS OU PORQUE RESPEITAVAM?

Quando a professora falava com uma turma ela já dizia: “agora vai ser o 1º ano, todo mundo tem que ficar quieto”, daí nós ‘obedecia’, tinha que respeitar a professora, porque senão não dava para entender, ia atrapalhar. Agora é o 3º, daí o 1º e o 2º ficavam quietinhos para não tirar atenção. Agora é o 2º, daí o 1º e o 3º ano ficavam esperando. Não tinha essa de jogar bolinha de papel nem nada, e aí a gente aprendia porque tinha que ficar quieto, acabava olhando para o quadro e também aprendia outras coisas, daí quando nós ‘chegava’ no outro ano já estava sabendo um pouco daquilo ali porque nós ficamos junto. Mas no 1º ano a gente não conseguia muito, era muita coisa, matemática do 3º ano: multiplicação, divisão, era meio difícil, a gente ficava curioso, mas não entendia, não sabia o que era isso. Era bastante conta, bastante escrita no caderno, nós fazíamos bastante lição. Tinha até tema de casa. Tinha lição escrita todo dia, como a cartilha era só para ler, não tinha como hoje... completar, marcar com x, daí era lição escrita bastante. Daí podia usar outro ano a mesma cartilha, já que era só para ler, encapava e cuidava passava de irmão para irmão. Era Olavo e Héliida todo ano, toda vida, todo mundo, comprava no segundo ano e passava para um irmão, para outro irmão, para um

primo, tinha que cuidar, mas o mais novo já pegava um lixo. Tinha que cuidar muito a orelha do caderno ou na cartilha, a professora cobrava muito isso aí.

#### TINHA REPROVAÇÃO?

Tinha. Aí ficava na mesma fila, daí era feio demais, pagava o maior mico, chamava o pai da gente e dizia que não acompanhou... era bem chato.

#### TINHA BOLETIM?

Não, nós não tínhamos. Eu fui conhecer boletim já na escola do entroncamento. A professora tinha assim... umas coisas anotadas. Ela dava certinho no caderno com uma canetinha diferente que só ela que tinha para a gente ficar feliz. Ela corrigia a lição individual, cada um no seu caderno, o que estivesse errado tinha que apagar com a borracha. Tinha uns que rasgavam de tanto apagar para consertar o erro. A primeira coisa de manhã era corrigir os temas, entrou na escola era conferir o tema, ela passava e via quem fez, quem não fez e quem estava errado. Mas todo mundo fazia porque morria de medo, mas a gente fazia porque do contrário não aprendia. O tema de casa era sagrado, daí a mãe acompanhava. A professora chamava se precisava.

#### E O HINO?

No 1º e no 2º ano a gente não sabia bem. Tinha que ficar de pé, tinha bandeira, tinha sua fila, ficava na rua, dia de chuva não tinha. Tinha fila todo dia, hino só nas datas principais, mas fila tinha todos os dias, quando chovia ficava na arezinha.

#### COMO É QUE CHAMAVA AS CRIANÇAS PARA FILA?

Chamava ué...Não tinha sirene, nem sineta, nem campainha, às oito horas tinha que estar lá. Nem sei como era, porque não tinha relógio, acho que a professora tinha um relógio, nós não tínhamos relógio. A professora devia ter relógiozinho de pulso, ela gritava “Tá na hora de entrar! Hora do recreio!” Quando nós ‘estava’ no bom do futebol ela gritava que estava na hora de entrar para a sala.

#### VOCÊS LEVAVAM MERANDA?

Levava e comia no recreio. Trocava com os colegas. Quando alguém levava uma bolacha da Mossman era uma novidade, tinha que dividir, daí trocava por um bolo frito, um aipim frito, uma rosca de polvilho, daí negociava, mas a bolacha valia mais, era o mais

importante, porque pão de milho, bolo de milho, pão de casa na granja todo mundo tinha, mas quando vinha uma bolacha era novidade... bolachão era chique.

AGORA A GENTE PASSA UM TRABALHÃO COM AS CRIANÇAS NA ESCOLA COM O NEGÓCIO DE SAIR TODA HORA PARA TOMAR ÁGUA, IR NO BANHEIRO, ENCHER A GARRAFINHA. COMO ERA?

Não tinha água, daí não tinha vontade. Não tinha poço, não tinha banheiro, não tinha água. Nós ‘fazia’ xixi só na hora do recreio no mato, quando ‘corria’ muito no recreio nós ‘ia’ na Diles e ‘pedia’ água, ela dava uma água numa lata de azeite para todo mundo e a gente corria de volta para a aula.

E NÃO TINHA SEDE?

Não, a gente ficava tão entretido, tão concentrado, não tinha sede, nem lembrava de água.

E FALTAVAM À AULA POR CAUSA DE DENÇA?

Não muito, tinha coqueluche, tosse comprida, muitos tiveram. Teve catapora, teve sarampo, varíola. Então às vezes ficava afastado e não podia ir para não pegar nos outros. Daí o irmão tinha que levar a lição, ou o vizinho levar o caderno para a professora passar a lição para não perder o ano, porque era muito importante, não podia perder.

TINHA VACINA?

A primeira vez que vacinamos era uma baita rodela, elas faziam vários furinhos com a agulha e despejavam o líquido no machucado e aquilo penetrava na pele da gente, não era agulha de injeção, nem pistola, era uma agulha normal furava e pingava o líquido. Ficava um baita furo, depois uma ferida enorme, um cascão, batia em tudo, um arrancava a ferida dos outros na porta, no futebol era horrível. Era uma ferida do tamanho de uma moeda. Elas vinham de Viamão da Secretaria de Saúde, deveriam ser enfermeiras, as crianças tinham pavor. Não sei por que era daquele jeito. A 1ª vacina que a gente lembra, gotinha não tinha.

E A LIMPEZA DA ESCOLA?

A gente ajudava um pouco, mas era a professora que fazia. Claro que a gente deixava arrumada quando saía, não tinha lixo, nós não ‘tinha’ essa ideia de lixo. Cuidava para não sujar, comia na rua, única sujeita era farelo do lanche ou da borracha. Nós não ‘fazia’ recorte, nem colagem, nem sabia o que era isso. No entroncamento nós descobrimos o que era arte,

mural, fazer mapa, mas lá na escolinha velha nós não ‘sabia’, no 3º ano nós já tinha lápis de cor porque eles tinham medo que quando a gente era menor comesse o lápis, perdesse... era Jonh Faber os meus lápis, eram lindos. Quando eu estava no 3º ano eu ganhei também meu tênis kichute era de pneu de caminhão, de borracha preta, tinha um fedorão de borracha. Era preto, era de tecido e tinha um bico daquela borracha e tinha umas garradeiras embaixo. Quem tinha kichute era grandão, nós não podia jogar de conga para não estragar, daí jogava de pé descalço. Quando veio o kichute dava para jogar bola.

#### A DURAÇÃO DO ANO ERA CONFORME A LAVOURA?

Era ano letivo normal, com férias no inverno de um mês e mais no verão, não mudava com a colheita porque as crianças não trabalhavam, nem as mães, só cuidando das crianças. As crianças ajudavam em casa, dando bóia para os porcos, pegando as vacas, prendendo as vacas, tirando leite, cortando lenha, tirando água do poço, botando na talha. Cada casa tinha seu poço que os pais faziam, cavado no chão de pá, era só um buraco no chão, colocava um rolamento de trator para virar o balde, tinha sapo no balde (risos), tinha que emborcar e dar uma batidinha para ele sair. Daí colocava na talha de barro, depois o pai trouxe da Casa Pimenta, de Porto Alegre, um filtro de barro, era bem moderno um filtro em casa.

#### DAQUELE TEMPO DA ESCOLINHA, O QUE MARCOU DE POSITIVO E O QUE MARCOU DE NEGATIVO PARA TI?

Marcou de negativo (pausa), de negativo... tudo era bom naquele tempo para nós. Nem sei o que tinha de negativo, tudo era novidade, ir para a escola todos queriam ir... desde pequeninhos, um filho ia e os outros choravam porque era o que eles queriam. Desde três aninhos já pedia para a mãe, ela não deixava, era uma choradeira, queriam acompanhar. Era tudo novidade, só tinha coisa boa, aprender a ler, aprender a escrever, ir na escola era chique demais, o cara estava grandão, indo para a escola, era importante “O que tu vai fazer amanhã? Vou para o colégio!!!”. Acho que tudo era bom, nada negativo. Tinha umas briguinhas no jogo de futebol, todo mundo vizinho, todo mundo parente, terminava bem.

#### A PROFESSORA MORAVA NA CASA DE VOCÊS. VOCÊS VIAM ELA PLANEJANDO, CONVIVIAM COM ELA?

Não. Não. Ela não deixava olhar nada, nós ‘estava’ no 3º ano, já tinha nota, nós nunca ‘via’ nada. Nós até ‘via’ que ela fazia as coisas em casa de tarde. Ela sentava na mesa da sala de tarde e fazia. A mãe não deixava nós entrar em casa para não fazer barulho, nós nunca

vimos tema de um dia para o outro, nota de prova, nada. Nós ‘passava’ a tarde fazendo o serviço de casa, prendendo os terneiros... As pessoas gostavam de trazer a professora para morar em casa. Ficavam orgulhosas. As outras pessoas não tinham condições porque a casa era pequena. A nossa tinha dois quartos, uma sala e uma cozinha, nós ‘dormia’ no chão da sala, as gurias com a mãe no quarto e a professora ficava no nosso quarto. Nós não ‘dormia’ na cama da professora nunca quando ela ia para a casa dela no final de semana. Quem morou lá foi a Maria do Aleixo, a Manoela e a Maria Irene. As que foram antes era na casa do tio Abraão que elas ficavam, depois que ele foi para Palmares para as gurias estudarem no ginásio lá.

#### PORQUE CADA PROFESSORA FICOU UM ANO SÓ?

Não sei, acho que ninguém queria vir, e como era confiança do prefeito ele queria dar chance para mais gente. ‘Vinha’ só as professoras que moravam por aqui mais perto, como no Capão da Porteira, no Morro Grande, mais para cá de Viamão, as que moravam mais no centro em Viamão não queriam, não tinha luz, não tinha ônibus na granja, lá no meio do mato. A luz veio no ano de 1967 ou 68, no governo do Valter Perachi de Barcelos, ele que inaugurou, mas era no entroncamento já.

#### EU TENHO CURIOSIDADE DE SABER COMO QUE FAZIAM, VOCÊS SAIAM DE NOITE NO ESCURO?

Não, não saía. Só na casa da vó ou da tia, saía com um lampião. O Tio Abraão já tinha uma lanterna, mas era só ele que tinha, era caro, tinha que comprar pilha. Nós ‘saía’ com um candeeiro. Anotecia e entrava para casa, ficava todo mundo junto, daqui a pouco ia dormir. Nós tínhamos rádio e ‘ficava’ ouvindo, depois ‘ia’ dormir. O dínamo, que é um alternador de baixa rotação, era ligado no cata-vento que girava, gerava energia e carregava a bateria que tocava o rádio, tirava a bateria e levava para dentro de casa para tocar o rádio. O cata-vento tinha quatro paus fincados no chão e a gente amarrava os cavalos. Quando a escola que tinha antes da escola do Brizola funcionava, os alunos deixavam os cavalos ali em casa. Era bem pertinho de onde foi a nossa.

#### QUERIA SABER UM POUCO MAIS DESSA ESOLINHA QUE TEVE PRIMEIRO.

Todas as professoras desde o início sempre ficaram no tio Abraão até ele ir embora para as gurias estudarem em Palmares. Até a Maria Irene elas ficaram lá em casa, depois veio a Julinha, ela era recém-formada, de Palmares, mas naquele tempo já tinham mais horário de

ônibus, ela ia e voltava todos os dias. A Maria Irene foi a última que ficou morando lá. Daí depois eu não sei direito porque viemos embora para o entroncamento. Acho que a Julinha foi a última, depois acabou. Acho que durou pouco a escolinha... não. Acho que continuou sim, teve as irmãs do Tibica, que vinham de Viamão, que foram professoras lá. Mas daí já tinha ônibus para elas irem e voltarem. Mas aí foi diminuindo, os funcionários da granja foram vindo para o entroncamento, foram comprando suas casas, só os pais que iam trabalhar na granja todo dia.

#### IAM TRABALHAR DE ÔNIBUS?

Não. Iam a pé. Seis quilômetros. O seu Jardelino ia de carroça, uns iam a cavalo. O pai, o Normelo, 'tudo' iam a pé. Saíam bem cedo, escuro ainda e chegavam lá...trabalhavam o dia todo e voltavam de noite. Quando pegavam uma carona do seu Joquinha ou do seu Valdemar. Ônibus não dava porque chegava tarde, a pegada era de sol a sol, seis da manhã até seis da tarde, não tinha linha de ônibus, tinha que sair cinco horas, levava uma hora. Seu nenê Bochinha, tudo iam, trabalhavam dia todo e voltavam. Muitos anos foi a pé, depois que teve linha de ônibus. O nenê Bochinha saía da Vila do Inferno, tinha que sair mais cedo ainda. Quando o sol saía tinha que estar lá. Serviço pesado, tudo de pá, não tinha maquinário. Os tratores... não tinha secagem, ia para a cooperativa. Primeiro tinha uma chata (espécie de barco) que levava pelo rio Capivari, embarcava 1000 sacos de cada vez. Levava o arroz ensacado. Tinha um trapiche. Levava para Palmares, Porto Alegre, para Tapes. Ia pelo rio, lagoa e ia de barco. Não lembro de quem era essa chata, esse barco. Embarcava tudo no coco (na cabeça). Carregava sacos de 60 quilos de juta no coco, tinha um trapiche de madeira, uma rampa assim, o barco ficava ancorado lá na beira do rio. Cada um ia coqueando o saco. Era arroz com casca. Ia para o engenho da cooperativa de Palmares, ou para Porto Alegre, ou para Tapes. A cooperativa deve ter um registro de foto disso quem sabe. Fotógrafo quase não tinha. O seu Hermes pode ser que dê uma informação bem precisa disso, ele era tropeiro. Os barcos levavam gente também, levava para o hospital, para Porto Alegre, tinha uma cabine. Isso antes do ônibus, 1945/50. Barco à vapor, tocado à lenha.

#### TU CHEGOU A VER ISSO?

Não, quando eu nasci já tinha parado o barco.

#### E O TREM?

Também não vi. Já tinha ônibus, caminhão. Na granja ninguém tinha carro, só tinha três carros: tio Abraão, seu Armênio, seu Armando. Tem foto do jipinho dele, 1951. Eles tinham Jeep, depois Rural, o tio Abraão foi o 1º empregado a ter carro.

#### A MISSA VOCÊS IAM ONDE?

Era no secador, a gente sentava no saco de arroz, ou ficava de pé. Era uma missa normal, bem comprida. Ajeitavam uma mesinha para o Padre Nei de Palmares poder arrumar as coisas. Ele era um padre novo, tocava violão. Tinha o padre que vinha do Capão da Porteira, o padre Odilo, ele é vivo, deve ter uns 100 anos quase. Missa era raro, era de mês em mês, seis meses. Tinha 1ª comunhão todo ano, era no secador. Era uma festa, tenho as fotos. Foi eu, o Jorge, o Nê e a Rosa. O Fernando e a Vera foi no entroncamento. A Rosa fez a 1ª comunhão antes de ir para a escola.

#### PARA FINALIZAR, O QUE TU ACHA IMPORTANTE ACRESCENTAR?

Comparando com hoje, primeiro os alunos respeitavam as professoras muito mais que hoje. Era sim senhora, não senhora, chamava de senhora, não de tu. Se quisesse falar ou perguntar alguma coisa tinha que levantar o dedo e esperar a professora, não podia atalhar o assunto ou chamar em voz alta a professora... levantava o dedo e esperava. A gente nota muita diferença de hoje, é o respeito. A gente ia para a escola para aprender, não era outra coisa. Ia porque gostava, tinha obrigação de aprender, porque era bom ir para a escola. Era muito importante para nós frequentar a escola, todo mundo brigava para ir na escola, e a gente aprendeu muito. Coisas que ficaram gravadas, aquelas coisas tão diferentes que a gente não sabia: país, bandeira de países, capitais eu sabia todas do mundo, eu viajava no meu atlas. Em casa eu ficava todo dia olhando página por página, cor das bandeiras, capital de cada país e ia aprendendo. Habitantes da Terra, a extensão do Brasil oito milhões de quilômetros quadrados, era muito importante, o Pico da Neblina, o Everest a montanha mais alta do mundo lá no Himalaia, nem sabia onde era isso. Como tinha o ponto mais altos do mundo, tinha as fossas também a gente não esqueceu que eram as fossas de Mindanao nas Filipinas que era o lugar mais profundo com 10 km de profundidade, como o Everest tinha quase 10 metros de altura tinha Mindanao. As coisas que ficaram gravadas eram as coisas mais importantes para mim naquela época, era tão inovador usar o mapa mundi, o atlas, foi a coisa mais assim... a coisa que abriu... tu viajava. O que é que um guri de 10 anos num lugar que nem passava ônibus, não tinha luz, nem computador, nem telefone, aquele livro ele era uma viagem, tu olhar aquele livro te fazia viajar para outro país para outro mundo. Ah... os oceanos...o mar era o mar, mas nós não 'sabia' que tinha o Oceano Atlântico, Pacífico, Mar Morto, Mar da China. O

Japão... se fizer um buraco vai parar no Japão...onde era esse Japão? Tinha que cavar de pá mesmo para ir? Vai que um maluco quisesse fazer mesmo!! Então o atlas promoveu assim, abriu, porque não saber que a Terra era redonda... como assim??? A Terra é chata! Vai virar as coisas, derramar a água, cair tudo, não acreditamos. Quando a professora mandou abrir o atlas e disse que a Terra era igual a uma laranja todo mundo ficou apavorado e caiu de espanto, como não virava a água do rio? Como o sol não gira em torno da Terra se nasce em Cidreira passa por cima de Capivari e morre em Viamão.

### VOCÊS ARGUMENTAVAM?

Alguns sim, ela explicava. Eu não acreditava, ela explicou os movimentos de rotação e translação, daí fui me convencendo. De noite nós ‘ficava’ preocupado que ia virar a casa de perna para cima e ia cair tudo. A professora ria, e cada um ficava mais espantado. Quem não tinha coragem de fazer perguntas ficava imaginando. A geografia e a história tinha mais vez no 3º ano, a professora era formada, ela foi normalista, ela sabia muita coisa, era chique. Ora o homem saiu da Terra e andou na órbita da Terra. Que é isso? Esse Yuri Gagarin em 1961 estava bem pertinho do ano que nós ‘estava’ estudando, e nós nem energia elétrica ‘tinha’. Esse atlas deve estar guardado ali no forro da casa da mãe. Claro que alguns dados não são atuais como o Pico da Neblina que já não é o mais alto, tinha nove planetas, já não tem mais Plutão... era completo para a época, sabiam a altitude, da profundidade, dos planetas, dos países, das bandeiras, do sistema solar... desde aquela época já se aprendia que o americano era bonzinho, a calça era faroeste dos americanos. O russo era matador de gente, o russo era comunista, era mau, tirava a terra e a casa das pessoas... daí o russo foi o 1º que deu a volta na terra... fiquei em dúvida, não pode ser tão ruim assim se ele é tão inteligente. Depois de 1969 com Apolo 11 os americanos foram na Lua, dizem né.

### E OS FILMES?

Não. Filme só fui ver depois de grande. Nós ‘brincava’ muito. Brincava de jogar bolita, soltar pandorga, jogar bola, fazer carrinho de latinha de leite Ninho ou de azeite. Presente de Natal o pai trazia de Porto Alegre o bombom, alguma coisa de plástico: boneco que chorava, abria e fechava os olhos, uns carrinhos, caminhãozinho, fuquinha, kombizinha, mas aí eu já era maior, não interessava mais. Páscoa era o coelhinho de chocolate, chocolate da Neugebauer. Mas o pai trazia roupa, japona da Renner, calça Faroeste de brim coringa, na Casa Pimenta vendia as coisas mais de casa.

TU ACHAS QUE O FATO DE TU GOSTARES TANTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA TEM A VER COM ISSO?

A professora que mais abriu nós para o mundo, nós ‘conhecia’ só o Capivari velho, o entroncamento, uma vez por ano nós ‘ia’ a Porto Alegre na casa da tia Eva, nós não ‘sabia’ mais outro lugar que existia, ali em Porto Alegre já terminava ali e o mundo acabava, lá no mar já acabava a Terra e deu... daí na escola abriu a minha ideia, tinha outros países, outros planetas. A lua é o único satélite da Terra. O que é satélite?? Eu nem imaginava o que era satélite, o que era um cosmonauta, essas coisas nós não ‘ia’ entender nunca. O cosmonauta era o que eu queria ser, era um cara que tinha estudado muito.

QUAL FOI A MAIOR COLABORAÇÃO DAQUELA ESCOLINHA NA TUA VIDA, ALÉM DOS CONTEÚDOS?

Acho que foi a gente se juntar com mais gente, conhecer outras crianças, a gente já era conhecido, mas de ficar mais próximo, de estudar junto, jogar futebol. A coisa mais importante foi a parte mais social, porque a gente não tinha. Só ‘ia’ na casa da vó ou de uma tia. Então a escola teve um papel de abrir mais, deixar a gente mais sociável, dava mais assunto, um contava uma coisa outro contava outra. A parte social foi boa, foi muito importante, a gente cresceu mais e aprender a escrever, isso aí era a coisa mais importante da época.

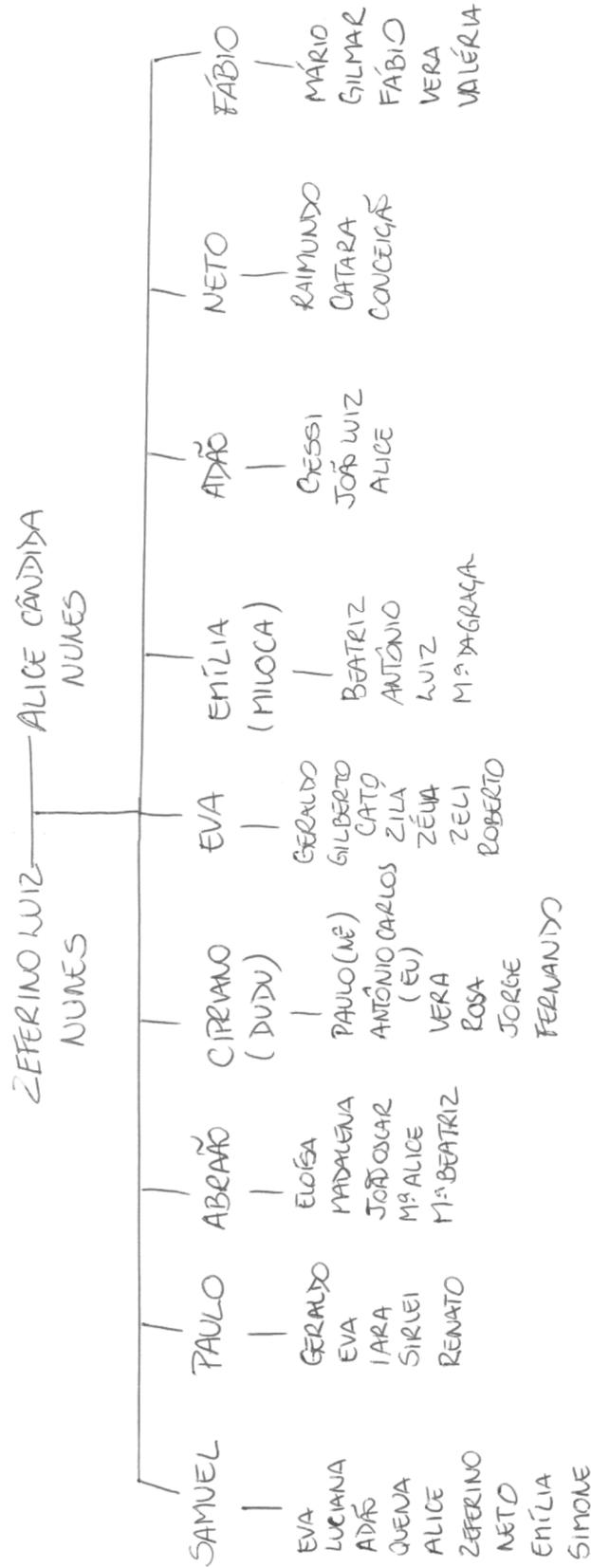
OS TEUS PAIS LIAM?

A mãe não sabia, era analfabeta, meu pai estudou até o 3º ano do primário em Osório, ele tinha uma letra bonita demais, desenhada, sabia fazer contas muito bem, ler e escrever. Mas a mãe não, os irmãos dela também não e é até uma ironia porque o vô da minha mãe era professor. O primeiro professor da Lomba, onde eles moravam era pai da minha vó. Era professor Luiz. A Lomba aquela pra lá da Barrocada. O meu bisavô, era professor, pai da vovó Rosa, ela já era analfabeta... filha de professor. Dos filhos dela só o tio Gurizinho e o tio Nenzinho estudaram, os outros não sei, tem que ver, talvez a tia Guria tenha estudado também. Lomba é no fundo do Beco do Pedro Felipe ou entra na Barrocada e entra à esquerda. É engraçado, a vovó foi criança em 1906... mas era filha de professor. Mas ele não era formado, era indicado, era quem sabia ler, era a pessoa mais inteligente, a mais ouvida.

BOM, DA ESCOLA EU ACHO QUE ERA ISSO. TU GOSTARIAS DE FAZER MAIS ALGUMA CONSIDERAÇÃO?

O Brizola, o governo do Brizola, naquela foto que aparece ele não era governador, ele era secretário de alguma coisa. Isso aí se deve muito ao Brizola, as escolas, eu acho que a alfabetização no RS todo se deve ao Brizola, porque ele construiu mais de cinco mil escolas. Ele levou escola para lugares onde não tinha acesso, isso aí foi o diferencial, o achado dele. Porque fazer escola em Viamão, em Porto Alegre era fácil, era normal, era obrigatório. Agora ter uma escola numa lavoura, numa granja não era. Uma escola em Mostardas, em Bujuru, na Barrocada, em Capivari... não sei se ele veio aqui para pedir voto e chegou aqui. Ninguém sabia onde ficava Barrocada, uma escola em Capivari... quem sabia onde era Capivari? Em Palmares, no Bacopari, Barrocada, Capivari tudo teve escola dele. Só tinha escola em povoado grande, daí era obrigação da prefeitura, de secretaria de educação do lugar. Acho que se deve muito a ele a educação do interior, a educação longe do centro, isso aí tem que dar o crédito a ele, ao Leonel Brizola, a educação rural ele que levou. Levou para o fundo da lavoura, da roça... tanto que em Capivari a primeira escola foi uma bolante da granja. Tanto que ele foi ali e se comprometeu em construir a escola, que foi a nossa. Eu acho que é isso, né?

APÊNDICE E  
 ÁRVORE GENEALÓGICA DA FAMÍLIA NUNES



ANTONIO CARLOS DE FRAGA NUNES  
 OUTUBRO / 2014



